

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS DE LARANJEIRAS
CURSO DE BACHAREL EM ARQUEOLOGIA



ADRIANA JUSSARA SCHUSTER

VARIABILIDADE CERÂMICA DO SÍTIO CIPÓ – AL, XINGÓ



Laranjeiras – SE

2018

ADRIANA JUSSARA SCHUSTER

VARIABILIDADE CERÂMICA DO SÍTIO CIPÓ – AL, XINGÓ

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia do Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Orientador: Fernando Ozório de Almeida

Laranjeiras – SE

2018

Adriana Jussara Schuster

Variabilidade Cerâmica do sítio Cipó – AL, Xingó

Monografia entregue como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Arqueologia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora

Orientador – Doutor Fernando Ozório de Almeida

Examinador 1 – Doutora Daniela Magalhães Klokler

Examinador 2 – Doutora Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

Dedico este trabalho ao meu pai Arno, um colono com pouco estudo que sempre sonhou em ver os filhos se formando no ensino superior, e aos meus irmãos por todo o amor e apoio durante minha graduação.

AGRADECIMENTOS

É difícil elaborar os agradecimentos, pois envolve sentimentos e pessoas relacionadas ao nosso cotidiano que de alguma maneira influenciaram em quem sou hoje e por ter conseguido concluir essa graduação. Pessoas que podem ser permanentes, ou passageiras em nossas vidas, a depender do que cada uma tem a compartilhar conosco, podem ter chegado para fazer bem ou mal, mas não cruzaram meu caminho por acaso, pois acredito que tudo tem um propósito, elas nos ensinam boas lições e compartilham um pouco de suas experiências conosco e nos tornam mais fortes. Assim gostaria de deixar meu muito obrigada a todos aqueles que de maneira direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação e contribuíram nesse processo. Peço desculpas se esquecer alguém.

Primeiramente agradeço a Deus e à minha família por todo o apoio prestado nessa fase da graduação mesmo achando que eu teria cometido uma grande loucura tomando esta decisão. Meu pai Arno, por ser o colono mais gente boa que conheço. Obrigada por ser tão amoroso, cuidadoso, me apoiar em minhas decisões e sempre me dar sábios conselhos, sendo meu maior exemplo a seguir.

Aos meus Irmãos, Andressa (Dede) que me ajudou a tornar o sonho de ser arqueóloga possível; Ana e Daian agradeço por ter vocês como irmãos e por todo carinho e apoio de sempre, nos mantendo os quatro sempre juntos um ao outro. Agradeço também aos meus cunhados Anderson e Nando, ao Manu que me fez virar uma tia postiça de um piá de 14 anos e à pequena Daniela, a mais nova integrante da família que veio trazendo com ela muita amor e alegria, deixando a todos mais velhos e me tornou tia.

Aos meus avós maternos por serem sempre incríveis, meu avô (Arci) que no domingo à tarde ia namorar de caminhão e levava as netas pequenas junto, pois sabia que assim conquistaria a prenda que gostava de crianças, e deu tão certo, que a vó (Erlene) está conosco a 20 anos e ainda tiveram o tio Arlei. Aos meus avós paternos (Helmut e Dulce) com quem, não tive a chance de conviver muito, pois partiram cedo, mas contribuíram muito com quem sou hoje e sei que nunca deixaram de estar próximos. A todos os meus tios, primos e demais familiares que respeitam minha decisão em cursar arqueologia, não vou citar nomes para não acabar deixando ninguém de

fora. Aos bons e velhos amigos que fizeram parte da minha infância, que deixei em Laranjeiras do Sul, mas os levo comigo em boas memórias sempre; Valternei, Cleidiane, Vanderléia, Rodrigo, Andrea, Raquel (quem me deu o afilhado mais lindo desse mundo), Cheilon, Sandramara, Edenilson (hoje também meu compadre).

Já em Sergipe agradeço à Jane que fez minha matrícula no curso e à Luana que me recebeu e ajudou a instalar-me em Aracajú, além de ter compartilhado comigo um pouquinho de sua família linda a quem sou grata a todos pelo carinho. Aos colegas da minha turma (2014.1); À Mariana, aquela amiga que conseguia falar mais do que eu (e olha que achava que isso seria difícil), a pessoa mais cheia de energia e otimista com a vida que já conheci, fico feliz que tenha ido cursar geologia perto de casa e triste por ter ido embora. À Juliana, Elis e Lucas que se tornaram meus amigos mais próximos e que convivi durante toda a graduação, e aos demais André, Enderson, Carol, Priscila, Adriano e Filipe, espero não ter esquecido ninguém. Aos amigos da espeleologia do Centro da Terra com quem fiz campo logo que cheguei em Sergipe. Aos amigos de aventuras e acampamentos Maria, Elias e Mariza (minha dupla infalível de boas risadas).

Também agradeço a todo o pessoal do projeto Paisagem Jê do Sul do Brasil, por terem me proporcionado meu primeiro campo, que foi incrível, como todos os que participei por esse projeto. A toda a equipe da missão franco-brasileira, POPARU (Povoamento Pré-histórico do Alto Rio Uruguai) tendo a honra de participar nos últimos três anos, em especial a equipe URG-01 na qual trabalho todo esse tempo. Ao PROBASÃO (Projeto baixo São Francisco), com o qual tive a honra de trabalhar na região de Xingó. Ao MAX (Museu de Arqueologia de Xingó) por ceder a coleção trabalhada na presente monografia, ao LAPSO (Laboratório de Paisagem e Sociedade) onde realizei nestes últimos dois anos as análises da coleção, ao professor Fernando quem me ensinou a analisar e posteriormente sempre que foi possível estive lá sanando minhas dúvidas com as análises e à Carol que no início ajudava com dúvidas em relação às análises, às professoras Lorena e Daniela que também contribuíram com pesquisa e aceitaram avaliar este trabalho. A Universidade e a alguns professores do departamento de arqueologia pelos bons ensinamentos e por permitir tornar este sonho realidade.

Em especial no laboratório gostaria de agradecer a Sandra, com quem analisei material muitas vezes juntas e tivemos inúmeras conversas sobre nossas pesquisas e o que estávamos encontrando em ambos os sítios, criando diferentes interpretações sobre, foram discussões muito legais

algumas nos frustrando e outras acabaram nos levando aos Kariri e Xokó (na maior parte por insistência da Sandra que foi a primeira a começar a perceber isso). Também agradeço a ela por me ensinar a trabalhar com Inkscape e por ter se tornado uma grande amiga e pessoa em que admiro. Gostaria ainda de agradecer ao meu orientador Professor Fernando, por ter concedido a oportunidade de ser sua orientanda e trabalhar com a coleção cerâmica do Sítio Cipó. Sou grata pela oportunidade e por tudo que me ensinou durante este tempo.

RESUMO

Esta monografia trata do processo de ocupação ceramista dos antigos habitantes do sítio Cipó, localizado às margens do baixo curso do rio São Francisco, município de Piranhas, Sertão alagoano, região de Xingó. Busca-se compreender os processos culturais ocorridos durante a ocupação ceramistas neste sítio e na região adjacente do baixo São Francisco, através de análise e interpretação dos utensílios cerâmicos até então, não classificados como uma tradição ou relacionadas a grupo étnico. Para a realização do trabalho foi analisada a coleção cerâmica do sítio, constituída de mais de 3 mil fragmentos, distribuídos em 11 camadas arqueológicas, limpeza e superfície. Primeiro se realizou análise técnica/tipológica dos fragmentos e na sequência foi feito um estudo morfológico através da reconstituição hipotética das bordas. Com os resultados constatou-se quatro momentos distintos na cerâmica deste sítio, sendo a passagem do segundo para o terceiro o mais importante, pois parece marcar o período de contato entre indígenas e o colonizador europeu. De modo geral a cerâmica do sítio Cipó parece não ter sofrido uma ruptura definitiva com o modo de produzir cerâmica empregado inicialmente. Contudo, com o passar do tempo percebe-se novas formas para as vasilhas e novos atributos na confecção delas, permanecendo as formas originalmente empregadas e, aparentemente, a similaridade com as demais cerâmicas encontradas na região de Xingó. Ou seja, a variabilidade encontrada no sítio Cipó pode representar um processo muito mais amplo. Ainda assim, este conjunto possui algumas características particulares no que se refere à sua distribuição estratigráfica e características morfológicas, possuindo vasilhas com forma e decoração com claras evidências de cerâmicas do coletivo indígena Xokó e “potes” que apresentam características muito similares aos pots de armazenar água fabricado pelos grupos Kariri.

Palavras Chave: Baixo São Francisco; cerâmica indígena; sítio Cipó; tradição/grupo étnico.

ABSTRACT

This research deals with the ceramist occupation process of the ancient inhabitants of the Cipó site, located on the banks of the lower course of the São Francisco River, in the municipality of Piranhas, Sertão of Alagoas, Xingó region. We seek to understand the cultural processes occurring during the ceramist occupation of this site and the adjacent region of the lower São Francisco, through the analysis and interpretation of the ceramic utensils which hitherto, have not been classified as a tradition or related to an ethnic group. For the accomplishment of this work we analyzed a collection of over 3 thousand sherds, distributed in 11 archaeological layers, cleaning and surface. First, the technical / typological analysis of the fragments was undertaken and the morphological sequence was sketched with the hypothetical reconstitution of the rims. The results showed four distinct moments in the pottery of this site. The passage of the second to the third is the most important since it marks the period of contact between the indigenous and the European colonizer. In general, the ceramics of the Cipó site seems not having suffered a definitive rupture of the way producing ceramics. However, in time it is possible to identify the development of new pot forms as well as new attributes in their confection, always maintaining the forms originally used and the similarity with the other ceramics found in Xingó. Hence, the ceramic variability found in the Cipó site may represent a much wider process. Still, this industry has some particular characteristics regarding its stratigraphic distribution and morphological characteristics, with vessels shape and decoration with clear evidences of Xokó ceramics and pots, which present characteristics very similar to those of storing water manufactured by the Kariri groups.

Key-Words: Lower São Francisco River,; indigenous ceramics; Cipó site; tradition/ethnic group.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem da distribuição de importantes áreas de ocorrência de cerâmica pré-colonial na região Nordeste do Brasil. Fonte: Luna, 2006.....	21
Figura 2: Forma de cerâmica tupinambá (tradição Tupiguarani). Fonte Martins, 2008.	23
Figura 3: Decoração em fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani	24
Figura 4. Cerâmica da tradição Aratu;.....	26
Figura 5: Formas de cerâmica Aratu dos sítios Bom Jardim da Serra e Pedra do Caboclo \	27
Figura 6. Vasilhame cerâmico Aratu encontrado no sítio Furna.....	29
Figura 7: Na imagem à esquerda representa o curso do rio em meio ao canyon	33
Figura 8: Imagem da falha geológica que originou o canyon	33
Figura 9: Terraços fluviais nas margens do rio São Francisco.....	35
Figura 10: Cachoeira de Paulo Afonso.....	39
Figura 11: Demarcação da estrada de ferro	46
Figura 12: Imagem ilustrativa produzida no Google Earth	60
Figura 13: Imagem do sítio Cipó no ano de 2016.	61
Figura 14: Organização das trincheiras escavadas no sítio Cipó - AL.....	63
Figura 15. A esquerda é possível visualizar o preparo da fogueira.....	67
Figura 16: Distribuição da cerâmica na estratigrafia.....	74
Figura 17. Gráfico com distribuição dos minerais nas camadas arqueológicas	79
Figura 18. Gráfico de angulosidade do quartzo.....	80
Figura 19. gráfico com cor de superfície distribuída entre as camadas.....	81
Figura 20. Gráfico com porcentagem de queima.	82
Figura 21. Gráfico com espessura dos fragmentos.....	83
Figura 22. Gráfico de porcentagem de marca de uso	84
Figura 23. Gráfico de tipo de bases	85
Figura 24. Gráfico com porcentagem de fragmentos decorados por camadas	86
Figura 25. Morfologia das bordas	87
Figura 26: gráfico de densidade de cada forma reconstituída sítio.	88
Figura 27. Fragmento com manufatura roletada e sobreposta com placa.	91
Figura 28. a) Queima incompleta (escura),	92
Figura 29. a) Fragmento de base colonial com quebras.	94
Figura 30. a e b) Fragmentos de borda com decoração escovada na vertical.....	97
Figura 31. a e b) decoração plástica, a esquerda incisa larga e na direita roletada	98
Figura 32. Fragmento de base que remete a forma de um possível copo.....	99
Figura 33. a, c) Fragmentos com decoração pintada em vermelho,	100
Figura 34. a) fragmento de cerâmica colonial confeccionada com torno.....	101
Figura 35. a e c) fragmentos com decoração pintada em braço sobre engobo vermelho, c) decoração pintada em vermelho.	102
Figura 36. A e b) fragmentos de fuso com engobo vermelho	102
Figura 37. A,b,c) decoração plástica entalhado.....	103
Figura 38. Cerâmica enegrecida	103
Figura 39. A esquerda imagem da vasilha Xokó.....	109
Figura 40. Ambas as vasilhas possuem borda extrovertida.....	109
Figura 41. Potes de água possivelmente Kariri.	110
Figura 42. Gráfico de estado de conservação por camadas.....	149

Figura 43. Espessura das bordas.....	149
Figura 44. Gráfico de representação da dispersão e tipo de lábio.	150
Figura 45. Levantamento planialtimétrico do sítio Cipó – AL. Fonte: MAX.	150
Figura 46. Perfil topográfico do sítio Cipó. Fonte: Acervo do MAX.	151
Figura 47. Plotagem de material da camada 03. Fonte: Acervo do MAX.	151
Figura 48. Croqui da fogueira 01. Fonte: acervo do MAX.	152
Figura 49. Croqui da fogueira 02. Fonte: acervo do MAX.	152
Figura 50. Croqui da fogueira 03. Fonte: acervo do MAX.	153
Figura 51. Croqui da fogueira 04. Fonte: Acervo do MAX.	153

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Áreas realizadas pesquisas arqueológicas no Nordeste	18
Tabela 2: Grupos Étnicos/Indígenas que ocupavam o médio e baixo rio São Francisco quando chegado o processo de colonização europeia.	49
Tabela 3: relação de material em 2007 e atualmente.....	72
Tabela 4: Tabela com descrição geral das análises da cerâmica do sítio.	73
Tabela 5: Divisão das categorias por camada.....	75
Tabela 6: Tabela de destruição de técnica de manufatura	76
Tabela 7: Antiplástico presente nos fragmentos	77
Tabela 8: Distribuição do antiplástico mineral	78
Tabela 9. Descrição de porcentagem de antiplástico e angulo do quartzo	79
Tabela 10. Capacidade de volume em litros por Formas das Vasilhas	89
Tabela 11: Tabela com todas as formas distribuídas nos diferentes níveis arqueológicos.....	95
Tabela 12. Decoração plástica e pintada.	146
Tabela 13. Tratamento de superfície em ambas as faces.....	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1. ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NO NORDESTE BRASILEIRO	16
CAPÍTULO 2. A CERÂMICA NORDESTINA	20
2.1. FAMÍLIA E TRADIÇÃO TUPI-GUARANI	22
2.2 CERÂMICA MACRO-JÊ	24
2.2.1 Tradição Aratu	25
2.2.2. Tradição Una	30
2.3 AS CERÂMICAS NORDESTINAS ÓRFÃS DE TRADIÇÕES	31
CAPÍTULO 3: O XINGÓ	32
3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO MICRORREGIONAL DE XINGÓ	32
3.2 RIO COMO DIFUSOR DE PESSOAS	38
3.3 OS PRIMEIROS HABITANTES	40
3.4 OS CERAMISTAS	41
3.5 E A ARTE?	42
3.6 O CONTATO E SUAS CONSEQUÊNCIAS	43
3.7 ETNOGRAFIA	46
3.7.1 Os Kariri	52
3.7.2 Os Xokó e seus vasos	54
3.8 OS SÍTIOS DE XINGÓ	59
3.8.1 Sítio Arqueológico Cipó	59
CAPÍTULO 4: METODOLOGIA	62
4.1 METODOLOGIA DE CAMPO	62
4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE	64
CAPÍTULO 5: RESULTADOS DAS ANÁLISES.....	71
5.1. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS	71
CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO.....	90
6.1 CERÂMICA DO SÍTIO CIPÓ – SÍNTESE DA ANÁLISE INTRA SÍTIO	90
6.2 COMPARAÇÃO ENTRE SÍTIOS.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115
ANEXOS	120

INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste na interpretação da cultura material ceramista do(s) grupo(s) indígenas produtores de cerâmica que habitaram o terraço fluvial do sítio Cipó. Busca-se reconstituir uma sequência cronológica através do material cerâmico, a fim de tentar interpretar suas mudanças e permanências no decorrer do tempo intrasítio e entre sítios da região Xingó e baixo rio São Francisco, a fim de compreender aspectos e mudanças culturais relacionados aos indígenas que habitaram esse terraço.

O Sítio Cipó, tema do atual trabalho desenvolvido, está localizado em um terraço fluvial às margens do rio São Francisco no município de Piranhas, no baixo curso do rio em meio a uma paisagem de sertão, caracterizada por clima seco e temperaturas elevadas o ano todo. O sítio apresenta evidências de ocupação pré-colonial e colonial, e atualmente faz parte da comunidade dos pescadores de Piranhas, porém não existem moradores sob o terraço (VERGNER, 2007).

Ao que se sabe até agora, o rio São Francisco serviu como caminho natural para difusão e expansão de grupos humanos pré-coloniais na região nordestina e possivelmente servindo como uma ponte de acesso com o planalto central brasileiro de onde teriam imigrado os primeiros caçadores-coletores que habitaram os terraços de Xingó há aproximadamente 9 mil anos A.P. (PROUS, 2007; MARTINS, 2008). Estes grupos encontram na região de Xingó e adjacências espaço ideal para estabelecer moradia (AB`SABER, 2002). Um provável recinto sagrado nas proximidades das cachoeiras e corredeiras, numa região que contava com a visita de outros grupos oriundos de outras áreas do rio e do interior, que se dirigiriam a Xingó por fins rituais e possivelmente econômicos (ALMEIDA e KATER, 2017). Nesse contexto, pode-se esperar que tenham ocorrido trocas de objetos e práticas de fazer, dado um longo e extenso contato dos moradores dos terraços de Xingó com grupos circundantes.

Há aproximadamente 5 mil aos A.P. (antes do presente) se tem evidências do domínio e manuseio do barro em Xingó, evidenciando os primeiros utensílios cerâmicos para a região. Tal antiguidade impressiona, tendo em vista que datações tão recuadas para cerâmica não são comuns, nem na região Nordeste nem no restante do país. Trata-se de uma cerâmica única, até aqui não identificadas em outras regiões (PROUS, 1992, 2007; MARTINS, 2008; ALMEIDA e KATER, 2017). Especula-se que este grande conjunto pode vir a pertencer a um contexto

Macro-Jê associado pela tipologia e morfologia das vasilhas, ainda que esta inferência seja enfraquecida pela dificuldade em vincular os grupos indígenas (não associados a Jê) que estavam nas margens do São Francisco, descritos pela etnografia e pelos relatos históricos, a tal contexto.

Tendo em vista o problema apresentado, o objetivo deste trabalho consiste basicamente em interpretar o significado da variabilidade dos artefatos cerâmicos através do tempo, dentro do Sítio Cipó – AL. Emprega-se aqui o conceito utilizado por Schiffer e Skibo (1997, p. 27), em que variabilidade é compreendida como as semelhanças e diferenças de um determinado conjunto dentro de um tempo e espaço. A seguir são realizados outros questionamentos secundários, como identificação de episódios multiculturais por meio da identificação de elementos intrusivos no sítio e, pela comparação com sítios anteriormente já escavados e estudados na região de Xingó, a fim de fortalecer as interpretações para este sítio que venham a contribuir na interpretação do contexto agricultor-ceramista da região de Xingó.

Levando em consideração que grande maioria dos dados conhecidos para a região do médio e baixo rio São Francisco estão relacionados à cerâmica Aratu ou Tupi-Guarani (PROUS, 1992; MARTINS; 2008), as cerâmicas de Xingó oferecem um grande potencial e novas perspectivas para explicar migração, ocupação e permanência dos grupos ceramistas às margens do baixo curso do rio São Francisco. As cronologias antigas das cerâmicas só acrescentam tempero a essa discussão. Trabalhando com a coleção do sítio Cipó que ainda havia recebido uma devida análise, pretende-se apresentar elementos que podem vir a contribuir para novas interpretações no processo de identificação dos grupos ceramistas da região. Primeiro, será realizada uma análise isolada deste sítio para depois cruzar informações com os outros sítios de Xingó e baixo São Francisco. Para isso empregando como metodologia revisão bibliográfica da cerâmica e grupos étnicos da região nordestina a análise tecnológica, tipológica e morfológica da coleção cerâmica do sítio, gerando uma fusão entre ambos os métodos para se chegar aos resultados.

CAPÍTULO 1. ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NO NORDESTE BRASILEIRO

Antes de apresentar a análise do material cerâmico do sítio Cipó é importante descrever resumidamente o quanto se sabe atualmente sobre a arqueologia do Nordeste Brasileiro para avaliarmos no que é possível contribuir para as discussões e para o conhecimento das populações pretéritas da região em questão.

Desde o início das pesquisas arqueológicas no país a região Nordeste ficou às margens dos holofotes dos primeiros pesquisadores, tendo estes, encontrado em outras regiões brasileiras contextos que julgavam mais extraordinários para o cunho científico. As primeiras informações relacionadas aos moradores pré-coloniais destas terras são achados aleatórios ou salvamentos superficiais de objetos arqueológicos publicados em revistas e jornais, sendo que, na grande maioria das vezes não havia informação sobre a localização exata em que foi encontrado, servindo apenas como marcador na localização de sítios arqueológicos e na formação de coleções de referência (MARTINS, 1996; OLIVEIRA, 2001; LUNA 2006).

Ainda nos dias de hoje a maior parte das pesquisas arqueológicas pertinentes ao Nordeste do Brasil está relacionada à arqueologia de salvamento, principalmente quando nos referimos aos sítios arqueológicos encontrados no curso do rio São Francisco (MARTINS, 1996; LUNA, 2006). No entanto, não foi a arqueologia de salvamento a responsável pela primeira intervenção arqueológica do Nordeste, e sim o pesquisador pernambucano Carlos Estevão de Oliveira, que no ano de 1930 explorava o médio rio São Francisco coletando informações arqueológicas e realizando pesquisas etnográficas com as populações indígenas locais (índios Pankaraku). Durante suas investigações Carlos Estevão ficou sabendo, através de uma lenda local, de uma gruta próxima a cachoeira de Itaparica na margem esquerda do rio São Francisco, no município de Petrolândia - PE, gruta esta conhecida até hoje como Gruta do Padre. Na gruta, Carlos Estevão averiguou um acúmulo de cinzas e ossos humanos. Um mês depois foi realizada a primeira escavação na gruta. Os resultados obtidos por Carlos Estevão foram divulgados em 1937 com o título *“O ossuário da Gruta do Padre em Itaparica e algumas notícias sobre remanescentes indígenas no Brasil”* (MARTINS 1996, p.37).

Na década de 1960 a arqueologia em terras nordestinas recebe investidas de pesquisas arqueológicas sistemáticas juntamente com o desenvolvimento do PRONAPA (Programa

Nacional de Pesquisas Arqueológicas), porém, apesar de contar com algumas pesquisas na época, a região Nordeste foi a mais desfavorecida pelo programa. Os trabalhos que marcam este momento contaram com pesquisadores como: François Alfredo Laroche, Marcos Albuquerque e Valeda Lucena, no estado de Pernambuco; Nassáro Nasser no Rio Grande do Norte; e Valentin Calderón na Bahia. Pesquisadores estes responsáveis por quase tudo que se tinha conhecimento sobre o nordeste pré-colonial até aquele momento, com destaque para os trabalhos de Valentin Calderón possuem maior proeminência no âmbito da caracterização das pesquisas na região (MARTINS, 1996; OLIVEIRA, 2001 E FAGUNDES, 2007).

Valentin Calderón, depois de mais de 30 anos da primeira escavação realizada por Carlos Estevão na Gruta do Padre na margem pernambucana do rio São Francisco, reabre atividades de escavação neste importante sítio arqueológico entre 1966 e 1967 seguindo o modelo e metodologia empregada pelo PRONAPA com base em “tradições culturais por meio da filiação tipológica da cultura material” (FAGUNDES, 2007; p.19), onde a partir desse modelo Valentin Calderón identifica uma ocupação de caçadores-coletores que teriam elaborado instrumentos líticos pelos quais ele definiu os princípios da tradição Itaparica, que será discutida em outro item deste texto (MARTINS E ROCHA 1990; OLIVEIRA ET AL, 2005 *apud* FAGUNDES, 2007).

A Gruta do Padre ainda recebeu uma nova investida de campo no ano de 1970 durante o Projeto de Salvamento de Itaparica, na margem pernambucana do rio São Francisco, sob responsabilidade da arqueóloga Gabriela Martins, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com a formação do lago da represa de Itaparica, a gruta do Padre foi submersa pelas águas do rio São Francisco. Contudo, esse é considerado um sítio arqueológico de suma importância para o conhecimento do Nordeste pré-colonial, tendo revelado em suas escavações importantes informações sobre sociedades caçadoras-coletores e agricultores-ceramistas que ali habitaram a pelo menos 7 mil anos (LUNA, 2006; FAGUNDES, 2007 E MARTINS, 2008).

Na sequência, em meados dos anos 1970, a região passa a receber pesquisas na Serra da Capivara no sudoeste do estado do Piauí, sob coordenação de Niède Guidon em parceria com a Missão Franco-Brasileira. A princípio a pesquisa visava apenas os estudos dos registros rupestres encontrados em inúmeros sítios arqueológicos da região. Em virtude do potencial da região, a

pesquisa acabou explorando outros fatores e obteve datas de aproximadamente 50 mil anos A.P¹ no sítio Boqueirão da Pedra Furada. Data controversa que provocou grande debate na arqueologia pré-colonial no que se sabia sobre a chegada dos primeiros habitantes do continente, que até então se acreditava que correspondia a 13 mil anos A.P. (FELICE, 2002; ALVES, 2002; apud. FAGUNDES 2007; MARTIN, 2008).

Depois dos anos de 1970 com o início das primeiras faíscas para as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região começam a surgir alguns núcleos de arqueologia, geralmente associados aos pesquisadores mencionados anteriormente. Tais núcleos geraram novas pesquisas em diferentes lugares, descobrindo áreas arqueológicas importantes para a caracterização do processo de ocupação deste território. Assim, a seguir listo (Tabela 1) algumas regiões arqueologicamente importantes trabalhadas que não haviam sido mencionadas anteriormente (FAGUNDES, 2007; MARTINS, 2008).

Tabela 1. Áreas realizadas pesquisas arqueológicas no Nordeste

ÁREA ARQUEOLÓGICA	LOCALIZAÇÃO	RESPONSÁVEL
Área do Seridó	Entre os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba	Gabriela Martins da (UFPE)
Área arqueológica de Central	Localizada no noroeste do Estado da Bahia	Maria da Conceição Beltrão (UFRJ)
Projeto Serra Geral	Na Fronteira entre Bahia e Goiás	Pedro Inácio Schimitz e A. Sales Barbosa
Região do Arcoverde	No agreste pernambucano	Gabriela Martins e Alice Aguiar
Xingó	Entre o noroeste do estado de Sergipe e sudoeste de Alagoas	Cleonice Vergne

¹ Em virtude do potencial e suma importância patrimonial do Parque Nacional da Serra da Capivara no ano de 1991 toda a área foi tombada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade (Felice, 2002 apud Fagundes, 2007).

Desde os primeiros trabalhos arqueológicos na região Nordeste até os dias atuais, observa-se uma estreita ligação entre essas pesquisas com museus e núcleos de pesquisas vinculados a universidades, em especial aos cursos de graduação e pós-graduação e Arqueologia que foram implantados após os anos 2000. Dentre os museus podemos citar dois de grande relevância: a **Fundação Museu do Homem Americano (FUMDHAM)** em São Raimundo Nonato – PI e **MAX** (Museu de Arqueologia de Xingó) em Canindé do São Francisco – SE, inserido na área arqueológica de Xingó. Hoje o Nordeste do Brasil conta com 4 cursos de graduação em arqueologia distribuídos nas diferentes universidades.

- Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – (também oferta mestrado em arqueologia)
- Universidade Federal do Piauí (UFPI) – (também oferta mestrado em arqueologia)
- Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) (oferta graduação em Arqueologia)
- Universidade Federal de Sergipe (UFS) – (também oferta mestrado e doutorado em arqueologia)

Dando sequência à ainda jovem arqueologia nordestina que possui um escasso conhecimento das sociedades pré-coloniais que aqui residiram se compararmos aos conhecimentos e desenvolvimento de pesquisas em outras regiões do Brasil.

O conhecimento sobre as diferentes áreas arqueológicas estudadas e conhecidas até agora no Nordeste contribui para as atuais pesquisas que vem sendo desenvolvidas na região, assim tem se tornado possível a compreensão geográfica das diferentes áreas culturais nordestina e o raio de expansão que abrange cada uma. Estabelecendo cronologias para a chegada, permanência e trocas culturais ocorridas com o passar do tempo (ex: áreas com presença de caçadores-coletores sendo substituídos por agricultores-ceramistas).

As informações obtidas sobre a arqueologia desenvolvida até o momento nesta região contribuem para a elaboração destas pesquisas que estão inseridas na região arqueológica de Xingó. Que a princípio vem se mostrando uma área cultural distinta das demais, o mesmo pode ser sugerido para a Serra da Capivara.

CAPÍTULO 2. A CERÂMICA NORDESTINA

A cerâmica foi inventada nas Américas de maneira independente ao Velho mundo que, ao que tudo indica teve um surgimento tardio neste continente se comparado ao tempo de ocupação humana no Novo Mundo (RICE, 1987). Em muitos contextos o surgimento da cerâmica está associado ao surgimento da agricultura, assim eram elaborados artefatos cerâmicos, para armazenar, depositar, cozinhar, fermentar entre outras utilidades como a reutilização como urna funerária. Em outros contextos, a relação cerâmica/agricultura é mais complexa (LUNA, 2006). Conforme apontado, a Região Nordeste possui sítios arqueológicos com ocupações ceramistas que em geral estão associadas a duas grandes tradições. Com raras exceções o litoral nordestino, coberto por Floresta Tropical Atlântica, seria ocupado por populações vinculadas à tradição Tupi-Guarani. O sertão, por sua vez, seria ocupado pelos chamados Tapuias (os não Tupi), como os antigos produtores da tradição Aratu, filiada ao tronco linguístico Macro-Jê, além de inúmeras incidências de grupos ceramistas independentes, não classificadas a nenhuma destas duas tradições, que devem ser analisadas a partir de suas propriedades tecnológicas em um âmbito local (PROUS, 1992 E 2007; OLIVEIRA, 2001; LUNA, 2006; MARTINS 2008). No mapa a seguir (Figura 1) pode-se perceber a distribuição de importantes sítios ceramistas conhecidos no Nordeste Brasileiro.



Figura 1: Imagem da distribuição de importantes áreas de ocorrência de cerâmica pré-colonial na região Nordeste do Brasil. Fonte: Luna, 2006.

Talvez para este trabalho seja necessário pensarmos em um contexto regional que não esteja delimitado apenas por demarcação histórica e política, e sim por similaridades climáticas, vegetação, e pela hidrografia. Assim, no caso deste trabalho, procurando pensar em toda a bacia do Rio São Francisco e seu entorno, buscando entender as diferentes ocupações e tradições que estão ligadas ao curso desse importante rio, entendendo que esta perspectiva possivelmente auxiliará na compreensão de quem era(m) o(s) grupo(s) de Xingó: Quais suas origens e como se deu sua dispersão? Assim sendo, torna-se necessário neste trabalho associar o planalto central e sua cerâmica encontrada próxima ao rio São Francisco. Realizar-se-á a seguir uma apresentação prévia das tradições que compõem o Nordeste brasileiro e o curso do São Francisco.

2.1. FAMÍLIA E TRADIÇÃO TUPI-GUARANI

A família Tupi-Guarani ficou historicamente conhecida principalmente com os Tupinambás da costa, por serem os primeiros indígenas a fazer contato com os colonizadores (Almeida e Klökler, 2016). Segundo Almeida e Neves (2015), o sudoeste amazônico possivelmente foi o centro de origem dos Tupi-Guarani, que através do curso de grandes rios e do litoral brasileiro teriam dominado grande parte do continente sul-americano. O domínio dos povos Tupi-Guarani encontra-se desde o Paraguai, Argentina e Uruguai e nas terras baixas da Bolívia. Além disso, dominavam ampla extensão do curso do Rio da Prata ao sul e toda a faixa da costa brasileira, do Maranhão, ao Norte, até a costa do Rio Grande do Sul. Também pode ser encontrada esta tradição no sul da Amazônia. Existem também alguns casos de incidência na região de cerrado na área central do Brasil (PROUS, 1992, 2007; URBAN, 1992; ETCHEVARNE, 2000; OLIVEIRA, 2001; MARTINS, 2008).

Na região nordestina teriam se estabelecido os Tupinambás, pertencentes à família Tupi-Guarani. Ariscavam-se em alguns sertões interioranos sem se afastar de rios navegáveis, pois ao que tudo indica sua mobilidade está relacionada ao uso de canoas (PROUS, 1992, 2007). Ao que parece os Tupi-Guarani geralmente não almejavam regiões secas de cerrado e caatinga, o que não quer dizer que estas regiões não tenham recebido a expansão dessas populações. Os Tupinambás seriam o último grupo indígena a entrar na região Nordeste por volta de 900 d. C. (CARVALHO, 2003 apud. ALMEIDA E KLOKLER, 2016). Dos sítios encontrados no curso do Rio São Francisco, no Nordeste brasileiro, cerca de 10% correspondem à presença Tupi-Guarani, com

uma ocupação tardia² próxima ao contato com os colonizadores e possuindo áreas reduzidas, com exceção ao agreste pernambucano que possui incidência de grandes aldeias (PROUS, 1992, 2007).

A cerâmica produzida na região Nordeste pelos Tupi-Guarani, possui técnica de manufatura roletada, onde há a sobreposição de roletes de argila, transformados em paredes espessas em relação às vasilhas confeccionadas por outros grupos. A queima é redutora ou incompleta. O antiplástico adicionado consiste em caco moído, areia fina e grossa e grânulos de argila. As formas das vasilhas variam muito, existindo desde grandes vasos com cerca de 70 a 80 cm de diâmetro a vasos pequenos com 10 cm. “Há formas fechadas, porém predominam as abertas de paredes baixas, retas ou carenadas, com fundos planos ou suavemente curvos; as bocas são circulares, elípticas, retangulares ou quadrangulares”, algumas dessas formas é possível visualizar nas imagens a seguir (Figura 2) (MARTINS, 2008. p.192).

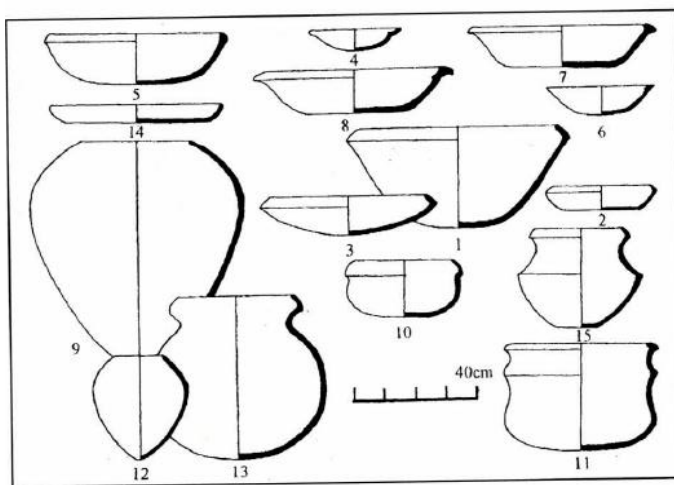


Figura 2: Forma de cerâmica tupinambá (tradição Tupiguarani). Fonte Martins, 2008.

A cerâmica Tupi-Guarani que se encontra no litoral nordestino possui a presença de policromia como diagnóstico, com desenhos nas cores branca, vermelha, preta e cinza [...] também aparece tratamento escovado de superfícies (Figura 3) e o corrugado é mais comum em

² A profundidade dos sítios arqueológicos vinculados a esta tradição no Nordeste geralmente nunca ultrapassa 40-50 cm de profundidade (Prous, 1992; Etchevarne, 2000 e Martins, 2008).

sítios localizados em regiões interioranas do rio São Francisco distantes do litoral nordestino (MARTINS, 2008, PG.193).

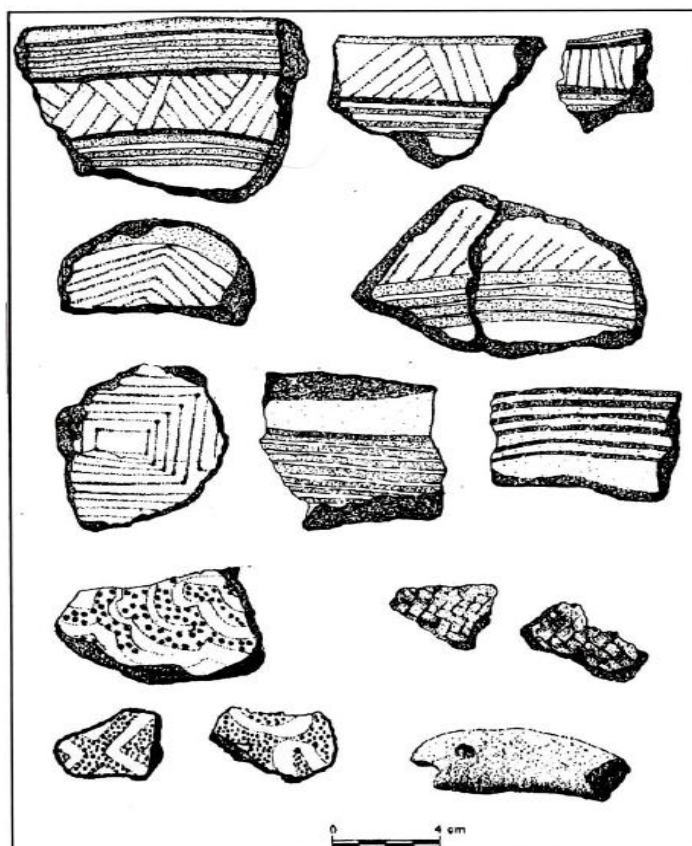


Figura 3: Decoração em fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, sítio Sinal Verde - PE. Fonte Martins 2008.

2.2 CERÂMICA MACRO-JÊ

O presente projeto parte da premissa de que está lidando com um contexto Macro-Jê, um que abrange uma série de grupos de difícil classificação linguística (e.g. Kariri, Kariri-Xocó, Pankararu) que se deve ao prolongado período desses grupos com a frente colonial. Primeiramente fazendo uma distinção entre tronco Macro-Jê e Família Jê, na qual Macro-Jê trata de relações muito mais amplas e remotas a 5 ou 6 mil anos no mínimo. Esta classificação inclui as famílias linguísticas Kamakã, Maxakali, Botocudo, Pataxó, Puri, Kariri, Ofaié, Jeikó, Rikbaktsá, Guato e talvez Bororo e Fulniô. Com os trabalhos realizados até a atualidade tem-se a

ideia de que uma dispersão Macro-Jê e toda sua rede linguística filiada estariam concentradas na parte oriental e central do planalto Brasileiro (URBAN, 1992), ou seja, muito próximo da área de estudo da presente pesquisa. Já o que se conhece como família Jê representa uma família desse tronco. Arqueologicamente parece haver uma correlação entre essa família e quatro tradições arqueológicas: Aratu, Una, Uru e Taquara-Itararé (teria sido a primeira a se separar em volta de 3 mil anos migrando para a área meridional do país) (URBAN, 1992; ARAUJO, 2007; ALMEIDA; e KLOKLER, 2016).

2.2.1 Tradição Aratu

A origem dessa indústria ainda é incerta, porém se sabe que trata-se de uma tradição ligada à família linguística Jê (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996). Essa tradição foi identificada pela primeira vez por Valentín Calderón em 1969, com o achado de 24 sítios cerâmicos no litoral da Bahia, em Sergipe e em Pernambuco. A cultura de ceramistas foi denominada como Aratu em virtude do sítio Guipe, no centro industrial de Aratu, próximo a Salvador (PROUS, 1992; ETCHEVARNE, 2000; MORAIS, 2000; MARTINS, 2008). Provavelmente a cultura Aratu compreenda os genericamente conhecidos como Tapuias, expulsos de áreas mais costeiras a partir da incursão Tupi, que teve início no século IX, no Nordeste (CARVALHO, 2003).

Acredita-se estar tratando de uma tradição arqueológica do Brasil Central que está presente no Nordeste, Sudeste e no Centro-Oeste brasileiro (PROUS, 1992; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996; MORAIS, 2000; OLIVEIRA E VIANA 2000; CARVALHO, 2003; MARTINS, 2008). Ao que tudo indica a dispersão desta cultura acontece no primeiro milênio da era Cristã e não estaria preferencialmente associada a grandes cursos fluviais, com exceção do rio São Francisco, já que, se trata aparentemente de uma dispersão Leste-Oeste (ROBRAHN-GONZÁLEZ, 1996).

Os sítios são a céu aberto e não eram ocupadas grutas. Comunidades expressivas e densas, as cabanas formavam alinhamentos ou círculos ao redor de uma praça, em áreas em média de 200x100 metros. Quanto à cerâmica Aratu, seu principal elemento diagnóstico são urnas funerárias piriformes, que levam como tampa outro vaso piriforme (Figura 4), onde ambos possuem como tratamento de superfície externa apenas o alisamento (PROUS, 1992;

ETCHEVARNE, 2000; MARTINS, 2008). Na grande maioria das vezes as urnas são encontradas formando grupos, delimitando um espaço que poderia estar relacionado com a antiga aldeia. Os enterramentos podiam conter acompanhamentos funerários como cachimbos, lâminas de machado polido pequenos (10 cm), conchas, rodas de fuso e cerâmica (ETCHEVARNE, 2000; CARVALHO, 2003).

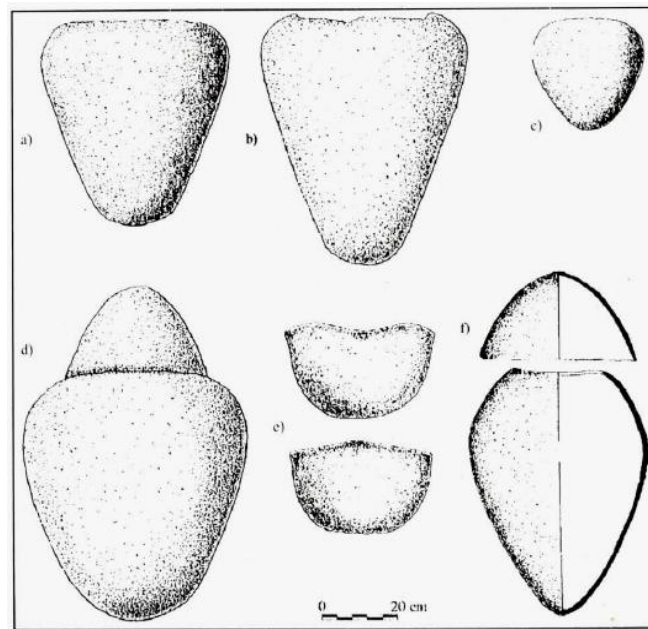


Figura 4. Cerâmica da tradição Aratu; a, b, c, d, e) urnas e vasos imitando uma cabeça; f) urna funerária de Palmeira dos índios. Fonte: Martins, 2008.

Entre os sítios Aratus encontrados em Sergipe se caracterizavam por possuir enterramentos predominantemente secundários nas aldeias, onde as decapagens em sítios sergipanos comprovaram a coexistência de vestígios do cotidiano das aldeias e de urnas. Praticando seus enterramentos no fundo das casas, como ainda hoje é feito entre os índios Nambiquaras do Mato Grosso (ROHR, 1984).

Em geral a cerâmica não é decorada e apresenta como tempero areia fina ou mais ou menos final e casualmente grafite. No que diz respeito à cerâmica de uso doméstico (Figura 5) para a preparação de alimentos como milho e tubérculos (WUST, 1992) é característico panelas e tigelas de forma simples, semiesféricas, de paredes abertas, que possuem alisamento como

tratamento de superfície. Em alguns casos possuem uma ondulação pouco pronunciada nas bordas ou algumas incisões. Uma particularidade da cerâmica Aratu é o banho/engobo de grafite. Na fase Itanhém, do Recôncavo, as urnas apresentam decoração corrugada. A técnica de manufatura é roletada, com adição de grafite e areia como antiplástico. Também aparecem cachimbos tubulares e rodas de fuso de pedra e cerâmica que indicam atividade de tecelagem (PROUS, 1992; ETCHEVARNE, 2000; MARTINS, 2008).

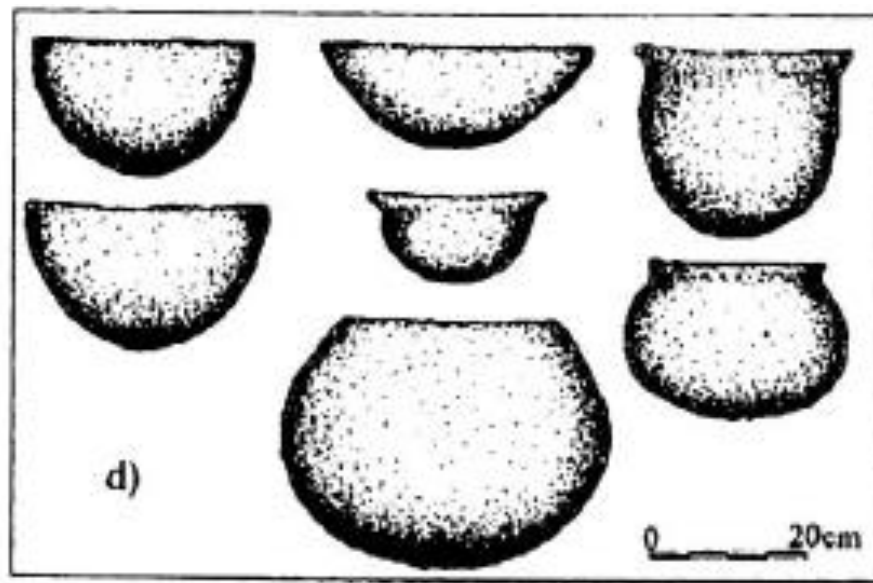


Figura 5: Formas de cerâmica Aratu dos sítios Bom Jardim da Serra e Pedra do Caboclo - PE; d) formas de cerâmica de uso cotidiano. Fonte Martins 2008.

Dentre o material lítico associado a essa tradição estão lâminas alongadas de machado, picoteadas e polidas, machados pesados de granito polido, fragmentos de rochas polidas utilizados para triturar grãos e lascas (Prous, 1992 e Martins, 2008). “Em Sergipe alguns sítios apresentam uma indústria de seixos com batedores e bigornas; não faltam também sinais de percussão bipolar praticada em calcedônia” (PROUS, 1992.pg-347).

Os sítios estão sempre relacionados a solos naturalmente férteis para a horticultura, nunca em áreas muito inclinadas ou distantes de fontes de água presente o ano todo como curso de rios consideráveis, com aldeias circulares e cabanas de números variáveis em torno de uma praça central, conforme pode ser percebido por manchas escuras deixadas no solo que podem

apresentar uma estratigrafia profunda de até um metro de profundidade (ETCHEVARNE, 2000; PROUS, 2007; MARTINS, 2008; FERNANDES, 2017)

No Nordeste brasileiro a tradição Aratu é encontrada na Bahia, Sergipe, Pernambuco, Piauí e Alagoas (ETCHEVARNE, 2000; MARTINS, 2008). O que se conhece sobre os assentamentos Aratu em Sergipe é que as cabanas possivelmente formavam alinhamentos ou círculos ao redor de uma praça, em áreas de 200x100 metros, lembrando os aldeamentos Macro-Jê do Brasil central como os Kayapó e Xavante (CARVALHO, 2003; PROUS, 1992). Através da coleta de vestígios materiais e escavações no estado de Sergipe se identificou a presença de sítios Aratu em colinas próximas ao litoral, geralmente na encosta. Pode ser observado a seguir (Figura 6) formas de utensílios encontrados no sítio Furna, no município de Divina Pastora-SE (CARVALHO, 2003).

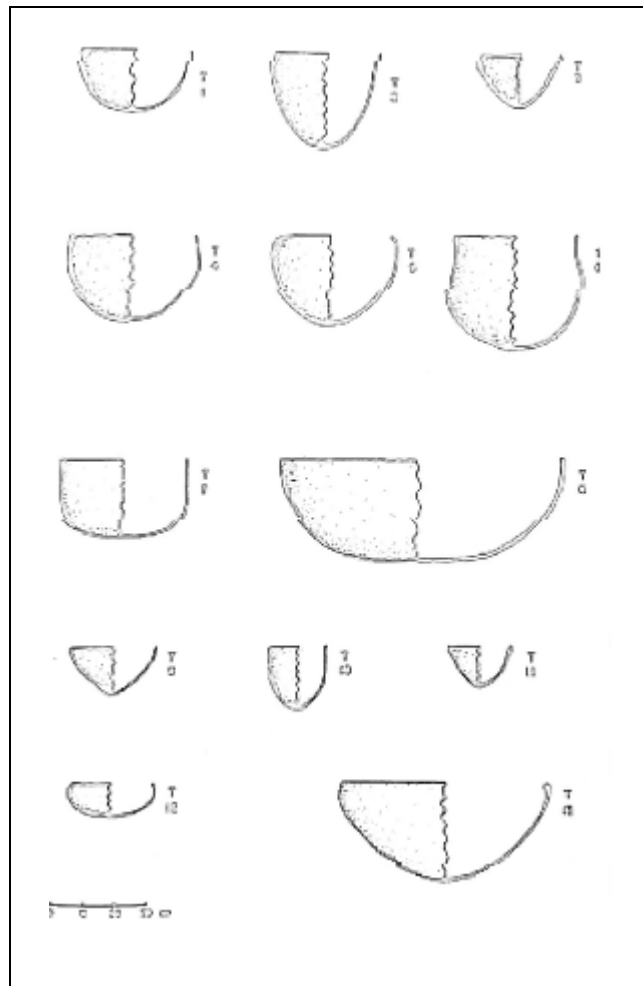


Figura 6. Vasilhame cerâmico Aratu encontrado no sítio Furna no município de Divina Pastora – SE (Fonte: Carvalho, 2003).

Ao que parece entre os sítios encontrados em Sergipe, escolhiam os platôs de colinas, próximo a algum curso de água para estabelecer suas habitações (CARVALHO, 2003). Assim talvez sendo possível inferir que isto seria um indício de uma descendência dos povos de Xingó, sendo uma herança adquirida da organização das habitações nos terraços fluviais da encosta do rio. No entanto sofrendo algumas modificações no decorrer do tempo como estratégia de adaptação a novas áreas, assim na falta de terraços a margem do rio, foram obrigados a instalar-se nas encostas de colinas, mas preservando uma organização das habitações lineares.

Já que as ocupações dos terraços possivelmente podem indicar que as antigas aldeias em Xingó estavam localizadas próximas a platô, mas não tendo a necessidade de residirem neles

pelas condições favoráveis que os terraços apresentam para habitação, que como relata Ab`Saber (2002) é uma característica da região de Xingó. Talvez assim pode ser que em outros lugares o curso baixo do rio não disponibilizava condições básicas para a instalação de habitações próximas à sua margem, assim deslocando suas moradias para a encosta e parte alta das colinas, porém nunca longe dos cursos do curso de água.

2.2.2. Tradição Una

Apesar da Tradição Una estar relacionada à família Jê, até o momento só é identificada na região Nordeste na Bahia próximo ao rio São Francisco. Entretanto, é de suma importância para a interpretação deste trabalho, pois existem inúmeros sítios atribuídos a esta cultura no alto e médio rio São Francisco. Assim como os prováveis horticultores de Xingó, os agricultores da Cultura Una também habitavam as margens deste importante rio e regiões adjacentes. A tradição Una é encontrada sobretudo nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Espírito Santo e Bahia (PROUS, 1992; MORAIS, 2000; OLIVEIRA E VIANA, 2000; CARVALHO, 2003).

Esta tradição parece estar dividida em dois momentos onde o primeiro é característico por ocupações em abrigos, na grande maioria das vezes contendo registros rupestres associados a estes agricultores, com datações com mais de 3.000 anos. Já o segundo momento com datas inferiores a 2.000 anos e se caracteriza por sítios a céu aberto com sepultamentos em urnas (PROUS, 1992 E OLIVEIRA E VIANA, 2000; CARVALHO 2003).

A cerâmica possui formas simples e pequenas, a decoração é praticamente ausente com exceção de alguns poucos casos de decoração por incisão, bem como a presença de engobo vermelho e o polido-estriado, este último um provável tipo de alisamento. A cor da cerâmica varia de preto a marrom escuro. A textura da pasta é bastante compactada e com queima geralmente redutora de parede finas (0,3 a 10 mm). A técnica de manufatura é acordelada com predominância de antiplástico mineral (quartzo e feldspato) e em alguns casos antiplástico vegetal de caraipé. As vasilhas possuem formas globulares, cônicas ou piriformes. Também aparecem nos sítios rodas de fuso em cerâmica, indicando atividade de tecelagem (PROUS, 1992; OLIVEIRA E VIANA, 2000).

Esta cultura é de suma importância para a compreensão deste trabalho, tendo em vista que Almeida e Klokler (2016) acreditam que essa cerâmica possui certa aparência estilística semelhante à cerâmica de Xingó. Tanto a indústria Una do alto São Francisco como a Xingó, do baixo, possuem vasilhas finas, simples, escuras ligadas a rituais funerários e a contextos rupestres (ALMEIDA; KATER, 2017), tais semelhanças não podem ser ignoradas no momento de pensar na história indígena desse rio. Prous (1992) supõe que entre os dois momentos da tradição Una há um intermédio geográfico regional visível na cronologia, supondo que estes agricultores do cerrado aos poucos foram subindo em direção às nascentes dos rios Grande e São Francisco ocupando a área de mata Atlântica.

2.3 AS CERÂMICAS NORDESTINAS ÓRFÃS DE TRADIÇÕES

Nesta região aparecem numerosos conjuntos cerâmicos existentes apenas em nível regional, ou melhor, muitas das vezes apenas em um nível local. Estes, ao não poder filiá-los através de seus elementos tecnológicos, morfológicos e funcionais às tradições como Aratu e Tupiguarani, acabaram meramente denominados como “fases”. Essas fases carecem de pesquisas minuciosas para identificar os grupos étnicos responsáveis pela manufatura, possibilitando o entendimento destas culturas a priori desconhecidas (PROUS, 1992; MARTINS, 2008).

Dentre tantas podemos destacar as fases: Pedra do Caboclo; Papeba; Cajari; Cabrobó; Curaçá, além de outras duas cerâmicas cujo entendimento é de suma importância para compreensão da instalação de sociedades ceramistas no Nordeste, sendo estas a cerâmica do SE do Piauí e cerâmica de Xingó (PROUS, 1992; MARTINS, 2008). Essa última que está vinculada ao objetivo deste trabalho.

CAPÍTULO 3: XINGÓ

Depois de apresentar o estado da arte dos estudos arqueológicos no Nordeste e de discutir os principais agrupamentos classificatórios referentes aos ceramistas da região partimos agora para o contexto local, de Xingó, dentro do qual se encontra o sítio Cipó.

A região de Xingó corresponde à área do baixo São Francisco, que se inicia na cachoeira de Paulo Afonso-BA (hoje submersa por um lago hidrelétrico), encaixada em meio a uma formação de *Cânions* até os municípios de Canindé do São Francisco-SE e Piranhas-AL. A região de Xingó está distante cerca de 173 km em linha reta do oceano atlântico. A partir desse trecho começa a ocorrer uma suavização na declividade do terreno dando espaços às várzeas e serras já afastadas próximo a sua foz no litoral de Sergipe/Alagoas (AB’SABER, 1998).

3.1. CONTEXTUALIZAÇÃO MICRORREGIONAL DE XINGÓ

A região do baixo São Francisco, onde se encontra o *canyon* de Xingó, está na tríplice fronteira entre os estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. A formação geológica é constituída basicamente por rochas magmáticas e metamórficas pré-cambrianas e em um segundo momento por rochas sedimentares paleozóicas. Estando consolidada sobre a unidade geomorfológica conhecida como **Pediplano do Baixo São Francisco** (AB’SABER, 1998), caracterizado por uma superfície aplainada, com relevos em colinas e interflúvios tabulares (AB’SABER, 1998; MARTINS, 2002; MELLO, SILVA e FOGAÇA, 2007; SANTOS e MUNITA, 2007).

Neste trecho o rio corre sobre um canhão estreito escavado no embasamento rochoso que varia entre 100 e 300 metros de largura, com desníveis entre 100 a 150 metros de altura, apresentando grandes e largas ravinas³ (AB’SABER, 1998). Como pode ser visto nas imagens a seguir (Figuras 7 e 8).

³ Ravinas são sulcos produzidos nos terrenos devido ao trabalho erosivo das águas durante o escoamento de cursos de água de afluentes temporários (GUERRA, 1997 Apud MELLO, SILVA e FOGAÇA, 2007).



Figura 7: Na imagem à esquerda representa o curso do rio em meio ao canyon do rio São Francisco entre o canyon de Xingó. Fonte: <https://www.notibras.com/site/nascente-seca-e-velho-chico-agoniza-com-a-longa-estiagem/>; Na imagem à direita se tem uma vista de cima do encaixe pelo qual o rio percorre. Fonte: <http://www.pa4.com.br/noticias/15764>



Figura 8: Imagem da falha geológica que originou o canyon por onde percorre as águas do rio São Francisco. Fonte: <http://www.pa4.com.br/noticias/15764>

A formação do *canyon* de Paulo Afonso-Xingó tem cerca de 3 milhões de anos em trabalho de erosão (AB`SABER, 1998). Possui duas ou três fases intermitentes de escavação como descritas por AB`SABER, (1998, p.17-18) a seguir:

Numa primeira fase, houve um encaixamento discreto, com a formação de um vale⁴ longo embutido em umas poucas dezenas de metros abaixo do nível geral da superfície...que remonta aos tempos iniciais do pleistoceno. O curso do rio São Francisco na região ficou estabelecido em seu eixo geral...Um novo soerguimento do conjunto fez com que um novo patamar intermediário fosse estabelecido...Esse segundo nível intermediário de erosão culminou com um vale embutido, no dorso do anterior, porém agora com trechos alternados de vale ora relativamente aberto, ora bastante estreito. A partir desse batente de vale embutido...que o São Francisco iniciou seu encaixamento definitivo, gerando os paredões verticais que hoje se observam. Para que tudo isso acontecesse, foi indispensável a internação de uma epirogênese intermitente, um tanto flexionada em direção a consta, e suficientemente ampla para criar o baixo platô cristalino dos vastíssimos sertões secos...

Nas antigas planícies de inundação com chão dominado por afloramento de rochas granizadas e magmatitos, ao longo da faixa basal das íngremes paredes de rochas do *canyon* do rio foram depositados descontinuamente depósitos aluviais e coluviais nas encostas dos paredões que limitam o canal do rio São Francisco formando os terraços fluviais. Estes são estreitos e sucessivos, sobrelevados (figura 9) com altura média de 12 a 15 metros acima do nível do rio (AB'SABER, 1998). Podem ocorrer de dois tipos de jazimento; o primeiro “*um tampão arenoso na barra de um pequeno afluente com a margem do São Francisco*” (AB'SABER, 1998, p.19) e o segundo, “*em alinhamento basal, de algumas centenas de metros, ao longo de estirões dos sopés de paredões rochosos mais contínuos*” (AB'SABER, 1998, p.19). O segundo exemplo refere-se a terraços como os que estão localizados a margem direita do rio em frente à cidade de Piranhas.

⁴ A formação e aprofundamento do cânham acontece devido a uma rede de falhas e fraturas tectônicas na região, assim o vale está disposto em forma de ziguezague, devido à quebra tectônica, deixando em evidências paredes quase verticais e rochas diaclasadas (GUERRA, 1997 Apud OLIVEIRA ET al 2005).



Figura 9: Terraços fluviais nas margens do rio São Francisco antes do represamento do lago de Xingó. Fonte: <http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=915&evento=7>

Via de regra, os terraços são estreitos e posicionados entre a junção de um afluente e o rio São Francisco (AB’SABER, 1998; RELATÓRIO, 2002 e 2007; SANTOS e MUNITA, 2007; MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007). São nessas áreas estreitas que há milhares de anos as pessoas residem. A formação dos terraços acontece no final do pleistoceno e início do Holoceno, justamente a época das primeiras ocupações da região, sendo constituídos basicamente de 60% de sedimentos (areia) finos (0,125 – 0,0062 mm) e 40% lama (predomínio de silte e em menor proporção argila). Os sedimentos apresentam na maioria das vezes aspecto maciço, sendo possível em alguns casos observar níveis com coloração mais escura, que podem se tratar de paleossolos ricos em matéria orgânica, ocorrendo alternância na formação das camadas estratigráficas que variam de 40 a 70cm. São descontínuos na paisagem (AB’SABER, 1998; RELATÓRIO, 2002 e 2007; SANTOS e MUNITA, 2007)

Na base dos paredões os seixos encontrados são angulosos e mal selecionados o que pode indicar um carregamento de curta distância pelo rio (AB’SABER, 2002). Os primeiros habitantes chegados a 9.000 anos em Xingó teriam se instalado em pequenas praias de estiagem, que

apresentavam diferentes níveis de elevação de acordo com o nível do rio, que no decorrer dos milênios através de cheias⁵ do rio São Francisco foram depositando sedimento e moldando os terraços (AB'SABER, 2002). Deste modo possivelmente a extração de matéria prima para a confecção de ferramentas líticas era local, tendo em vista a abundância fornecida pelas praias de seixo e sendo mais comum o uso do quartzo leitoso (MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007)

Após a implantação da barragem de Xingó o nível do rio a jusante da represa recuou cerca de 3 a 5 metros. O que se pode conferir pelo nível da mata ciliar de caraibeiras (*Tabebuia caraíba*) que antes se encontravam até a linha d'água e hoje aparecem elevadas e distantes do nível atual do rio. Segundo Oliveira et al (2005), o baixo rio São Francisco percorre por três biomas distintos, que vão do sertão, ao agreste e mata atlântica do litoral que apresentam ecossistemas próprios e bem marcados;

- Vale rochoso do *canyon* Paulo Afonso – Xingó, que apresentam patamares rebaixados entre pequenas serrinhas de sertão
- Área de processos denotacionais, que chega até o dono de Itabaiana, com solo antigo pré-cambriano e vegetação característica de agreste.
- Planície costeira de origem cretácea, recoberta com matas tropicais dispostas em altos tabuleiros e pequenos morros levemente ondulados, e vegetação de restinga.

A região de Xingó possui um bioma típico de Caatinga⁶ hiperxerófica arbustivo-arbórea. Vegetação⁷ essa que possui cor verde transbordante na época de chuvas e durante a estação seca perde a folhagem e a paisagem torna-se acinzentada, assim adaptada ao calor e a seca da região, desenvolvendo-se sobre solos arenosos e ralos (AB'SABER, 1997; SPIX; MARTIUS, 1981 apud. OLIVEIRA et al. 2005; CAMPOS, 1987 apud. OLIVEIRA et al. 2005). O clima é similar ao do mediterrâneo, apresentando um período de seca entre sete e oito meses, que se estende do final de

⁵ Segundo CALDERÓN (1967 apud. CARVALHO, 2003), as cheias do rio podiam chegar até 25 metros de água acima do nível normal do rio. O que no mínimo resultaria em um abandono temporário dos terraços pelos grupos ali instalados.

⁶ Palavra de origem indígena que faz referência a mato branco, vegetação lenhosa, com folhas pequenas e espinhosas, adaptadas a longos períodos de estiagem e também habitat de inúmeras espécies de cactáceas (AB'SABER, 2003 e MARTINS, 2008). Vegetação essa típica da região nordeste (AB'SABER, 1997).

⁷ A vegetação de “domínio da caatinga brasileira é um dos três espaços semiáridos da América do Sul (...) caracterizando como um domínio de natureza e excepcionalidade marcante no contexto climático e hidrológico (...) é a região mais homogenia, ecológico e social dentre todas elas” (AB'SABER, 2003, P.83)

agosto a março. É quando começam as chuvas, com precipitação anual em média de 500 mm, com temperaturas elevadas entre 25° e 29°C, sendo que, durante o verão podem atingir mais de 40°C, ocasionando uma evaporação maior que o índice de precipitação anual, nesse ambiente de solo arenoso (AB´SABER, 1997; CARVALHO, 2003; MELLO, SILVA e FOGAÇA, 2007). É nesse período em que os rios intermitentes desaparecem deixando a margem do grande rio perene a oferecer as condições ideais para a formação de assentamentos, tendo disponibilidades de água durante o ano inteiro.

Existe ainda como componente arbustivo da região as caméfitas (leguminosas e compostas) e herbáceas arbustivas facerófitas, espécies que desenvolvem espinhos. Registra-se, com o intuito de pensar na relação humano-ambiente, que espécies como bromélias e cactos conseguem armazenar água. Entre os cactos destaca-se o Mandacaru (*Cereus Jamacuru*) e coroa-de-frade (*Melocactus oreas*) que durante a seca são utilizados como alimento para humanos e animais (AB´SABER, 1997; CAMPUS, 1987 *apud* OLIVEIRA, 2005).

Segundo Ab´Saber (2002) a geomorfologia atual da região demonstra que as características ambientais da região praticamente não sofreram alteração desde o início do holoceno há cerca de 12 mil anos. A única peculiaridade se dá entre 12 a 10 mil anos, quando o índice de precipitação começa a diminuir. No mais, tudo indicando que a região mantém um clima estático desde essa data, com domínio de aridez e longos períodos de seca e temperaturas escaldantes.

Segundo Ab´Saber (2002), essa região seria muito propícia a ocupações pré-coloniais, por inúmeras características. Primeiro, o rio era perene e límpido em boa parte do ano, com fluxos movimentados de corredeiras e piracema, garantindo a subsistência do grupo durante o ano inteiro. O rio também favorecia pequenas embarcações, e apresentava certa fartura de matéria prima, como rocha e madeira. Sem falar em fontes de matéria prima para confecção de cerâmica, como descreve o diplomata e escritor inglês Richard Burton, durante a sua viagem pelo rio São Francisco, desde Pirapora-MG até o oceano Atlântico em 1819, a presença de grandes concentrações de argila e sílex por toda a extensão do rio (OLIVEIRA, 2005).

3.2 RIO COMO DIFUSOR DE PESSOAS

O São Francisco é o grande rio do Nordeste. Com sua exuberância consegue levar água à seca do sertão, de extraordinária importância na vida regional de diversas populações que ali passaram, viveram e ainda vivem. O rio mostra o tamanho de sua forma se mantendo vivo o ano inteiro mesmo quando os cursos secundários deixam de abastecê-lo. Suas cabeceiras estão situadas no planalto mineiro. Seu médio e baixo curso o definem como o rio “nordestino”. Do planalto da Borborema recebe os tributários temporários de Pernambuco e Alagoas: o Pajeú e o Moxotó. Sua grande bacia hidrográfica serviu como caminho natural de grupos pré-coloniais desde o fim do pleistoceno (MARTINS, 2008. p. 52).

Outro ponto que necessita ser considerado, é que o rio não serviu apenas como rota de migração e sim, existia uma escolha de locais considerados satisfatórios para permanência e, muitas vezes, a estes eram atribuídos significado(s) sagrado(s) para os povos indígenas, como é o caso das cachoeiras⁸. Assim, a interpretação destes espaços deve ser pensada a partir de uma perspectiva ideológica e simbólica (ALMEIDA; KATER, 2017). As cachoeiras eram consideradas por muitos indígenas como lugar de nascimento do mundo, estando presentes na cosmologia dos mitos de origem e como um lugar de transição ao mundo dos mortos. Assim, desde muitos anos atrás as cachoeiras atraíam pessoas vindas de lugares distantes para sepultarem seus mortos e realização de rituais, sendo comum encontrar cemitérios indígenas próximos a cachoeiras (ex: cemitério do Justino). Paisagens míticas e ancestrais: um espaço de eventos e rituais milenares (GOLDSTEIN, 2009 apud. ALMEIDA; KATER, 2017).

As cachoeiras poderiam servir como áreas centrais, um espaço em comum de identificação entre as diferentes territorialidades e grupos indígenas, ou melhor, “são os nós ou entroncamentos nessas redes; marcadores geográficos e simbólicos; ponto de encontro para grupos; ou ainda espaço rituais e de peregrinação” (ALMEIDA; KATER, 2017, p.43). As cachoeiras, corredeiras e *canyons* de Xingó não fogem à regra. Parece existir, desde tempos imemoráveis, uma intercomunicação de grupos, por água ou veredas secas, entre os terraços e platôs de Xingó (AB’SABER, 1998).

⁸ Segundo Ab’Saber (1999) e Almeida e Kater (2017), o estabelecimento de moradias de grupos próximos a áreas de cachoeiras se dava inicialmente por um interesse econômico, tendo em vista que forneciam áreas abundantes em alimentos, com grande fartura de peixes e um marco de parada para quem sobe ou desce o rio, ponto estratégico para troca de dadivas e comércio (ALMEIDA; KATER, 2017).

Há cerca de 10.000 anos grupos relacionados ou não à tradição Itaparica teriam feito uso do curso do rio São Francisco como rota/caminho favorável para o movimento. Estes grupos teriam partindo das cabeceiras do rio em direção ao seu baixo curso, estabelecendo moradia em Xingó, onde nas proximidades existia a cachoeira de Paulo Afonso (Figura 10). Lá encontrariam condições perfeitas (SANTOS; MUNITA, 2007) para a subsistência, construindo espaços sagrados, como o sítio Justino. Este possivelmente contava com a participação de grupos de outros trechos do rio e do interior na realização de rituais sagrados, grupos portadores da mesma crença de que este espaço era mítico (ALMEIDA; KATER, 2017).



Figura 10: Cachoeira de Paulo Afonso, hoje encontra-se submersa por um lago da represa de Paulo Afonso.

Fonte: <https://www.britannica.com/place/Paulo-Afonso-Falls>

O caráter de área de trânsito do São Francisco permaneceu ao longo dos tempos. Se durante tempos pré-cabralinos os humanos já usavam o rio para difusão e estabelecimento de assentamentos, durante a ocupação colonial não foi diferente. Nesse momento os rios tiveram o importante papel de estabelecer caminho para a penetração e conquista europeia nas terras brasileiras interioranas distantes do litoral. Via de regra o rio São Francisco difundiu colonizadores desde o século XVI (ALVES, 2002).

3.3 OS PRIMEIROS HABITANTES

Conforme visto, as datas para a região recuam a 8.950 anos A. P associadas aos primeiros grupos caçadores que teriam chegado a região de Xingó, possivelmente oriundos das terras altas de Goiás (JERÔNIMO e CISNEIROS, 2002; CARVALHO, 2003; MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007; MARTINS, 2008)

Segundo Landim e Brichta (1995 *apud* CARVALHO, 2003), quando os primeiros caçadores-coletores chegaram à região de Xingó só existiam as praias de seixos na condição de embriões dos terraços fluviais. Conforme visto, estes lugares foram considerados como estratégicos para o estabelecimento dos primeiros acampamentos, assim segundo Ab'Saber (2002) nesse período de aproximadamente 10 mil anos a formação dos terraços fluviais aconteceu ao mesmo tempo em que já vinha sendo ocupado pelos grupos instalados em Xingó⁹. Os grupos recém-chegados eram caçadores, que provavelmente deslocavam-se em pequenos grupos para caçar, coletores de proteínas vegetais, raízes e frutos silvestres, além de serem pescadores vivendo na encosta de um vasto e farto rio (CARVALHO, 2003).

As condições excepcionais disponíveis às margem do rio São Francisco nessa região foram cruciais para a permanência de sociedades que ali estavam de passagem, possuindo grande abundância de água e alimento provindos do rio, em meio ao sertão. Tais sociedades encontram nos terraços fluviais um ambiente protegidos e com disponibilidade de água o ano todo, propiciando a instalação de acampamentos permanentes na região, recursos de ictiofauna e encontraram também na parte alta do *canyon* áreas ideais para a caça e coleta (OLIVEIRA et al., 2005).

Ali também se encontrava exuberante quantidade de matéria-prima de rochas e minerais utilizadas para a confecção de artefatos, sem que houvesse a necessidade de grandes deslocamentos para a coleta dos mesmos (AB'SABER, 1997). Toda a oferta existente gerou uma

⁹ Isso também explicaria a presença de camadas escuras de provável formação antrópica encontrada em alguns terraços escavados.

utilização seletiva de matéria prima, grau de dureza e tamanho, para a confecção dos mais diferentes tipos de artefatos produzidos em Xingó (AB´SABER, 2002; MELO, SILVA e FOGAÇA, 2007).

3.4 OS CERAMISTAS

Ao contrário dos grupos caçadores-coletores de Xingó, que se acredita terem advindo do planalto goiano, não há evidências concretas para este mesmo acontecimento entre os grupos agricultores-ceramistas. Isso, tendo em vista que os mais antigos sítios arqueológicos conhecidos no planalto central com presença de material cerâmico possuem datas em torno de 3 mil anos A.P. apenas, característica não muito diferentes das encontradas em toda extensão do rio São Francisco, com exceção de Xingó, que possui datas em torno de 5 mil anos A.P. (PROUS, 2007; SANTOS; MUNITA, 2007). A outra possibilidade, claro, é que não chegaram lá os ceramistas, mas a técnica de produção para os que lá estavam, ou mesmo que os que lá estavam criaram a técnica.

Em geral até o momento o perfil técnico das cerâmicas encontradas em Xingó apresenta as mesmas características técnicas e morfológicas, que poderia indicar a mesma origem da cerâmica nesta área tendo uma origem comum em Xingó (LUNA; NASCIMENTO 2002). Em sua maioria os fragmentos dos vasos apresentam-se com o tratamento de superfície alisada. Na medida que nos aproximamos dos níveis mais profundos de escavação, especialmente no sítio Justino, a cerâmica apresenta-se bem mais elaborada, com relação a decoração plástica, predominando a roletada incisa. Nesses níveis aparece também a decoração escovada, excisa, ponteadas, marcada em esteira e corrugada, entre outras. Já a decoração pintada ocorre em pouquíssimos fragmentos e, quando há evidência de pintura são nas cores vermelha e branca (CARVALHO, 2003, p.62; LUNA; NASCIMENTO 2002).

O adjetivo encontrado nas cerâmicas compõe-se de areia, areia e mica, a técnica de manufatura em maior exemplar é o acordelado, a queima de modo geral é boa, no entanto com exemplares muito friáveis, que pode ser justificado por uma queima ruim ou a hipótese mais plausível para tais fragmentos friáveis é a de que, naqueles sítios situados as margens do rio São Francisco e sujeitos a inundações periódicas, ocorreu o processo de degradação da cerâmica (AB´SABER, 2002). “Destaca-se também que as características técnicas e morfológicas, em

estratos distintos, apresentam uma expressiva homogeneidade caracterizadora de uma cultura que ali pertenceu por alguns milênios” (CARVALHO, 2003, p.62; LUNA; NASCIMENTO 2002) - lembrando que esses exemplos se referem ao sítio Justino. As análises do sítio Cipó, no entanto, apresentam alguns pontos discordantes aos mencionados, como poderá ser visto a seguir.

3.5 E A ARTE?

A presença humana em Xingó é marcada não apenas por indústrias líticas e cerâmicas. Além do estudo dos seus modos de habitações, deposição e cuidado com os mortos, ocorre grande interesse por sua arte, cujo mais emblemático legado encontra-se nas gravuras e pinturas rupestres presentes em abrigos altos, muitos dos quais com paredes expressivas geralmente projetadas para fora, e em inúmeros matacões e lajedos no platô do *canyon*, (AMÂNCIO, 2002; CARVALHO, 2003).

As pinturas são encontradas nas cores vermelha (sendo esta predominante na região), preta, amarela e branca. Tais cores são obtidas através dos minerais tais como: óxido de ferro, manganês, grafite, calcário e argila (CARVALHO, 2003). As temáticas possuem expressões geométricas (traços, curvas, círculos, vulvas, etc.) e figurativas (zoomorfas e antropomorfas), sendo as cenas mais abundantes de caças, dança e guerra, as cenas de cópula são praticamente inexistentes no contexto de Xingó (AMÂNCIO, 2002). Sendo assim é possível inferir que possivelmente a sociedade de Xingó não seria a mesma presente na Serra da Capivara, no Piauí onde é totalmente comum na arte rupestre cenas de cópula.

As gravuras são alcançadas através de técnica de picoteamento, incisão ou polimento. Com predomínio de círculos, traços e tridáctilos (AMÂNCIO, 2002; CARVALHO, 2003). No entanto, as gravuras não são muito frequentes na região de Xingó, sendo encontradas basicamente nas adjacências do riacho Talhado, afluente da margem esquerda do São Francisco. Entre a arte de Xingó há predominância dos grafismos puros¹⁰, com ausências de cenas relacionadas às atividades do cotidiano desta população.

¹⁰ Figuras pintadas ou gravadas que não são correlacionadas facilmente, mas a elas são estabelecidas suposições como os grafismos geométricos e abstratos (MARTINS, 2005).

Para Ab'Saber (2002), os autores dos registros rupestres encontrados em Xingó possivelmente estariam relacionados a grupos pré-cerâmicos. O famoso geógrafo conjectura uma provável situação em que se decorreria a criação desta arte, supondo que em virtude do calor excessivo durante muitas horas no sertão alguns membros do grupo utilizassem as cavas estreitas e baixas para abrigo temporário. “E artistas primitivos, deitados a base das lajes, por horas a fio, tenham se inspirado a deixar mensagens pictóricas no teto vazio (...)” (AB’SABER, 2002, p.26). As inscrições rupestres de Xingó em lajedos encontram-se separadas poucos quilômetros de distância umas das outras e até o presente momento não foram atribuídas a nenhuma tradição rupestre conhecida para a região. Ou seja, assim como o fazer cerâmico, a arte rupestre confere um caráter local para as populações da região de Xingó.

3.6 O CONTATO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

O rio São Francisco foi descoberto pelo colonizador no ano de 1501 por Américo Vespúcio. Ainda no século XVI, acontecem as primeiras excursões e reconhecimento da terra, em busca de riquezas materiais (OLIVEIRA et al., 2005).

Assim como na época pré-colonial, o rio São Francisco desenvolveu um importante papel para migração e conquista de território e no período colonial não foi diferente. As frentes colonizadoras brasileiras desde o século XVI utilizaram o curso do rio seja por se caracterizar como um caminho natural, seja por estar entre dois grandes focos da expansão colonial: Bahia e Pernambuco, que teriam, segundo o historiador Jaime Altavila, como os primeiros exploradores o donatário pernambucano Duarte Pereira, o bandeirista Tomás do Bomfim Espíndola e o fidalgo Cristóvão Linz, todos na primeira metade do século XVI (ALVES, 2002).

Também foi cenário para incursões bandeiristas no século XVI e XVII que juntamente com baianos e pernambucanos promoveram quase um extermínio total dos nativos locais e moldaram o processo de colonização local. Espaço este, dividido entre bandeirantes, jesuítas e vaqueiros como é relatado por Euclides da Cunha (1866-1909) (ALVES, 2002). As primeiras frentes do baixo São Francisco foram missionárias de padres jesuítas e capuchinhos com a meta de

reconhecer este espaço e pacificar os arredios nativos. O padre jesuíta Gaspar Lourenço em 1575 foi responsável pela primeira missão na região (OLIVEIRA et al, 2005).

Os jesuítas aqui chegados no século XVI buscavam o gentil para lhe salvar a alma, agrupando-os em missões. No entanto, quando os jesuítas chegam, esses indígenas já estariam tornando-se arredios e não mais “pacíficos” como eram conhecidos, em virtude de conflitos e ataques anteriores promovidos por colonizadores, assim essa relação entre os indígenas e os jesuítas nem sempre foi tão pacífica. Desse modo, muitos nativos que não foram expulsos ou mortos em verdadeiros genocídios entre o século XVI e XVII foram limitados a reduções jesuítas (ALVEZ, 2002).

Os bandeirantes vinham ao curso do rio São Francisco em busca de minérios preciosos e na captura de índios, tendo se destacado os nomes dos bandeirantes Antônio Raposo Tavares, (1598-1658) que fez parte do grupo de bandeiristas que convidados pelas autoridades do “Norte” (BA e PE) vieram promover a expulsão dos holandeses. Outro nome da presença bandeirista é Mathias Cardoso que, também no século XVII, veio ao Nordeste para debelar a chamada “Guerra dos Bárbaros” (ALVES, 2002).

Outro personagem na colonização do interior nordestino é o vaqueiro. Este, no entanto, buscava nas margens do rio São Francisco pastagem para o gado, deixando a missão de pacificar e exterminar os indígenas aos jesuítas e bandeirantes (ALVEZ, 2002, OLIVEIRA et al, 2005). Adquiriu como herança forçada e violenta a terra dos nativos, atribuindo uma utilidade para mesma com a criação de gado, uma das poucas atividades desempenhadas nessa região em virtude do solo árido e seco. Criava-se ali um mundo que viria a ser conhecido como “civilização do couro”, intensamente povoada por fazendas de criação de bovinos. No século XVII o Padre João Antônio Andreoni relata uma grande presença de currais nas margens do rio (OLIVEIRA et al, 2005).

Segundo o historiador Capistrano de Abreu (1853-1927 apud. ALVES, 2002), é em 1630 que o baixo São Francisco passa a ser ocupado definitivamente pelos colonizadores. Após tantos conflitos em virtude da resistência indígena à terra, os colonizadores então se instalam na região e a terra é toda dividida através de sesmarias. Anterior a esse processo tratou-se apenas de inúmeras

tentativas sem eficiência, em virtude da resistência dos indígenas nativos quem residiam à margem do rio.

Durante o século XVI o rio São Francisco foi um cenário importante na ocupação holandesa no Nordeste (1630-1661). Quando na vigência do domínio, o batavo Mauricio de Nassau fundou o “Forte de Maurício”, local onde mais tarde foi fundada a atual cidade de Penedo (AL). No decorrer desse tempo a região foi ocupada e explorada pela Companhia das Índias Ocidentais. No processo de expulsão dos holandeses entre 1648-1654 o Baixo São Francisco se tornou um ambiente de guerra e conflitos (ALVES, 2002).

Já no século XVIII O baixo São Francisco já estava definitivamente todo ocupado pelos colonizadores, o que implicou na derrota dos nativos na resistência a sua terra de origem, resultando em um extermínio quase total dos nativos. Principalmente no litoral, os que não foram mortos, foram reduzidos em aldeamentos Jesuítas (ALVES, 2002). O povoamento colonial na região voltou-se para a criação de gado no sertão e pelo cultivo da cana de açúcar no litoral.

Mais tarde começam a ocorrer os primeiros núcleos urbanos como descreve João Ribeiro (1860-1934, apud ALVES, 2002, p.218) “As cidades surgiram umas das missões e aldeias dos índios, outras das feiras dos sertões, dos pontos de passagem e travessia dos grandes rios, e ainda muitas aos pés dos grandes fortes...”. A origem das cidades do baixo São Francisco na fase colonial refere-se a três principais focos, sendo; (1) motivos religiosos (catequese), (2) comercial, surgindo pequenas economias concentradas e; (3) razões militares (ALVES, 2002).

O processo expansivo de colonização realizado pela rota fluvial do rio São Francisco sempre foi limitado por uma barreira física na região de Xingó a Paulo Afonso-BA (mudança do médio para o baixo curso do rio) representada por fortes corredeiras e a cachoeira de Paulo Afonso, interrompendo a navegação neste trecho. Assim, a fim de sanar essa interrupção, seja ela expansiva ou comercial no século XIX e construída a estrada de ferro entre Itaparica-PE e Piranhas-AL (Figura 11), na área antes não navegável do rio, estabelecendo um elo entre o médio e baixo rio São Francisco. Essa estrada de ferro, no entanto não viria a operar por muitos anos e logo foi substituída por estradas (OLIVEIRA et al, 2005).



Figura 11: Demarcação da estrada de ferro construída com a intenção de ligar a parte de interrupção da navegação no rio São Francisco. Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/alagoas/piranhas.htm>

3.7 ETNOGRAFIA

No *Tratado Descritivo do Brasil*, de 1587, Gabriel Soares de Souza (1540-1591) traz informações minuciosas sobre os povos nativos que ocupavam a região Nordeste no século XVI quando os europeus chegaram. Divididos em três principais grupos de povos nativos localizados a margem do rio São Francisco, nomeados: “Caetés, Tupinambá e Tapuias” Os Caetés estariam localizados na margem norte da foz do Rio São Francisco, pertencente a capitania de Pernambuco, os Tupinambás estariam também na foz do rio, mas na margem sul, pertencente a capitania da Bahia, e por fim os Tapuias eram os fiéis moradores do sertão, com aldeias amplas as margens do rio (ALVES 2002, OLIVEIRA et al., 2005).

Já no que se refere à língua, a divisão empregada foi outra, durante as primeiras investidas em terra os portugueses logo distinguiram os nativos ali conferidos em dois grupos básicos: os Tupis, que falavam a língua geral, também conhecida como *língua boa*, ou *nheengatu*, que

ocupavam o vasto litoral brasileiro; e os índios que falavam diversos idiomas não familiarizados ao Tupi, conhecidos como os gentios da “língua travada” também chamados de Tapuias¹¹, que teriam povoado toda a catinga do sertão nordestino (BANDEIRA, 1972; MEDEIROS FILHO, 1984; DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

Dantas, Sampaio e Carvalho (2009) corroboram com a hipótese de Métraux (1927), que sugeria que os grupos tapuias também teriam ocupado o litoral nordestino. Porém, quando os Tupis em processo de migração chegam ao litoral do Nordeste teriam expulsado os Tapuias para os sertões (BANDEIRA, 1972). A expansão para os cerrados a oeste também se tornou restrita pela presença dos povos da família Jê, com os quais certamente os povos Tapuias do Nordeste mantinham contato (DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

Neste tópico não voltaremos a falar dos Tupinambás tendo em vistas que já foram descritos anteriormente, quando falávamos das principais tradições ceramistas encontradas no Nordeste. Quanto aos Caetés (ou Kaetés), Fernão Cardim (1548-1625) no Tratado da Terra e Gente do Brasil (1625), relata que no ano de 1556 foram vítimas de um verdadeiro genocídio desencadeado com a morte do bispo D. Pero Fernandez Sardinha que gerou um conjunto de ações vingativas por parte dos colonizadores (ALVES, 2002). Assim, em 1562, Mem de Sá determinaria que fossem castigados os Kaetés que se encontravam no litoral norte do São Francisco a Pernambuco. Decretaria a escravidão dos mesmos sem que nenhuma alma fosse poupada, sentença mais tarde seria revogada pelo governador (DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

Neste momento do trabalho a real intenção é a apresentação dos grupos encontrados no sertão, com os quais os colonizadores mantiveram relações, nem sempre pacíficas. Os Tapuias eram adeptos do canibalismo e nudez. Eram representados por uma ampla variabilidade linguística e denominações que se misturam na mesma área, sendo difícil designar um espaço próprio a cada etnia (MEDEIROS, 1984; DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009). No ano de 1981, Nimuendaju chega a atestar oitenta dialetos possíveis entre os Tapuias no sertão. Com uma nítida concentração de etnias no vale do sub-médio São Francisco, onde existem grandes ilhas e meandros favoráveis à agricultura, e no topo de algumas serras mais úmidas, como as presentes no atual estado do Ceará (DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

¹¹ Tapuias na língua Tupi significa os bárbaros (MEDEIROS, 1984)

Cronistas como Nieuhof¹², descrito por Medeiros Filho (1984), relatam que os Tapuias se dividiam em muitas nações distintas tanto pela língua quanto pela denominação. Em meio a toda essa diversidade é possível perceber a predominância da família Kariri, dominando o território entre o rio São Francisco, rio Grande de Potenji e Ceará. Dantas, Sampaio e Carvalho (2009), atestam que os Kariri estavam presentes desde a porção setentrional do sertão baiano até o Ceará e Paraíba, tendo quatro línguas definidas: Kipéa, Dzubukuá, Kamuru e Sapuyá. Porém pode ser que haja outras que não foram identificadas, assim sua abrangência pode ser ainda maior. Bandeira (1972) relata haver a presença desta família em todos os estados nordestinos e no curso inferior do rio São Francisco¹³. O que aparece em comum nas narrativas dos três autores acima citados, e que nos interessa aqui, é a nítida presença intensa dos Kariri nas margens do rio São Francisco.

Não se tem muitas informações sobre esses grupos, seja das línguas muitas vezes perdida antes que pudesse ser registrada ou outros elementos que permitam classificar os diferentes grupos tapuias como pertencentes ao tronco Macro-Jê. Seguramente, entre os denominados Tapuias, se tem classificado a esse tronco os Fulniô de Pernambuco (DANTAS, 1991; DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009). Entretanto (RODRIGUES, 1986 *apud* DANTAS, 1991), menciona que os Kariri falavam a língua Kariri do tronco linguístico Macro-Jê, assim como no trabalho de Lima (1987), a autora também os apresenta como pertencentes a este tronco linguístico.

Em geral os Tapuias foram descritos como possuindo grande e robusta estatura ultrapassando as medidas dos outros indígenas e dos holandeses. Possuíam cabeças grandes e espessas, e uma cor “morena escura”, com cabelos pretos, muito grossos e ásperos, onde homens e mulheres os usavam longos. Durante a guerra homens, mulheres e crianças pintavam seus corpos com pigmento extraído do fruto do jenipapo a fim de intimidar com um semblante terrível. Também obtinham tinta vermelha do suco de urucu e pintavam linhas brancas bem definidas nos corpos. Ornamentavam seus corpos com penas coloridas, as orelhas furadas com ossos ou madeira, nos lábios produziam um buraco onde introduziam pedras do tamanho de uma avelã e (a cor de pedra de maior valor era verde). Os pequenos pedaços de madeira introduzidos na bochecha distinguiram os homens casados ou não. Faziam espécies de colares com algodão que prendiam em

¹² Joan Nieuhof veio ao Brasil em 1640, como agente da Companhia das Índias Ocidentais, e permaneceu no país por nove anos. Foi autor do *Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil*, publicado em 1682 (MEDEIROS FILHO, 1984).

¹³ Bandeira (1972) baseado em trabalhos anteriores (RAMOS, 1943; ABREU, 1954 *apud* BANDEIRA, 1972), relata a possível presença dos grupos Kariris também no litoral.

diferentes partes do corpo, possuíam também uma espécie de sandália produzida com a casca da árvore curaguá (HERCKMAN, 1639; NIEUHOF, 1682; WAGNER, s/d; apud MEDEIROS FILHO, 1984).

Buscou-se realizar um apanhado com base nas fontes consultadas das etnias indígenas que ocupavam o submédio e baixo rio São Francisco quando os colonizadores chegaram. Se levado em conta os grupos descritos em relação a aldeamentos das missões que ocorreram na região o número de grupos seria ainda maior em virtude de outras etnias originárias dos interiores do sertão realocadas nessas missões, principalmente para a margem alagoana. No entanto, optou-se por não se ater aos dados de etnias registrados em missões jesuítas: “essas missões eram ajuntamentos de índios, muitas vezes de etnias diversas, cujo objetivo explícito era a cristianização” (DANTAS, 1991, p. 40). Os índios muitas vezes eram deslocados de seu território atual e submetidos a viver com índios de outros grupos, sendo forçados a acreditar que todos os seus hábitos, crenças e rituais de origem eram impróprios e pecaminosos julgando assim que sua alma tivesse a necessidade de ser salva¹⁴.

Na tabela a seguir (Tabela 2) é possível observar quais eram os grupos encontrados nas proximidades do rio São Francisco e suas possíveis áreas de ocupação.

Tabela 2: Grupos Étnicos/Indígenas que ocupavam o médio e baixo rio São Francisco quando chegou o processo de colonização europeia.

Grupo Étnico	Local onde se encontravam	Fonte
Peoká e Pankaraú	Baixo São Francisco	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Karapató	Baixo São Francisco	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Dzuabukuá-Kariri	Ocidente do submédio São	DANTAS, SAMPAIO e

¹⁴ Quando na verdade se tratava apenas de uma estratégia para pacificá-los e assim usurpar suas terras de origem. Forçados a escravidão (não bem aceita), a guerrear contra outros indígenas para defender interesses dos colonizadores, e como bons conhecedores da terra eram usados na captura de escravos negros afugentados. Servindo como mão de obra barata para colonizadores.

Grupo Étnico	Local onde se encontravam	Fonte
	Francisco.	CARVALHO 2009.
Proká	Próximo a cachoeira de Paulo Afonso	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Pankararu	Próximo a cachoeira de Paulo Afonso	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Okren	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Sakrakinha	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Tamankin	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Coripó	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Masakará	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Pimenteiras	Entre Juazeiro e Petrolina e desembocadura do rio Salitre	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Kariri	Ilhas do São Francisco, sertão ao sul e norte do rio, Propriá	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO (2009); CARVALHO, (2003)
Payaya	Sertão ao sul do rio São Francisco e no sertão ao Norte do Rio	DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Xokó	Sertão Pernambucano e Baixo São Francisco, Arredores de Porto da Folha e Penedo	DANTAS, (1991); DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.

Grupo Étnico	Local onde se encontravam	Fonte
	Baixo São Francisco e sertão Nordeste até o Sul do Ceará	DANTAS, (1983)
Karapotó	Sertão Pernambucano e Baixo São Francisco, Porto da Folha e Penendo	DANTAS, (1991); DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO 2009.
Aramuru	Baixo São Francisco, Porto da Folha e Serra de Itabaiana	DANTAS, (1991); CARVALHO, (2003)
Romari	Baixo São Francisco (Ilha de São Pedro e Ilha do Ouro em Porto da Folha e Própria.	DANTAS, (1991);
Kaxagó (Cayagó, Capajó, Caxagó)	Baixo São Francisco próximo	DANTAS (1991); CARVALHO, (2003)
Natu	Baixo São Francisco próximo à foz	DANTAS (1991)
Boemé (Boymés, Boismés)	Baixo São Francisco	CARVALHO, (2003)
Caetés	Do rio São Francisco ao rio Real	CARVALHO, (2003)
Oromarai	Baixo São Francisco	CARVALHO, (2003)
Kukuru	Rio São Francisco	PINTO (2013)

Dentre os inúmeros grupos mencionados anteriormente na região do rio São Francisco serão enfocados os grupos Kariri e Xokó, sendo que ambos foram aldeados e descritos por viajantes e missionários. Os Kariri estariam no curso médio e baixo rio, porém uma boa descrição deste grupo se tem a montante de Xingó, nas ilhas do rio, onde se teve missões com seu povo. Os

Xokó estariam à jusante de Xingó, sendo aldeados mais tarde na Ilha de São Pedro em Porto da Folha-SE. Tanto os Kariri quanto os Xokó produziam cerâmica (LIMA, 1987).

3.7.1 Os Kariri

Os Kariri¹⁵ constituíam a família mais numerosa e dispersa entre os Tapuias estando espalhados entre os estados do Maranhão; Ceará; Pernambuco; Piauí; Paraíba; Rio Grande do Norte; Alagoas; Sergipe; Bahia. Como já mencionado, possuíam quatro línguas definidas: Kipéa, Dzubukuá, Kamuru e Sapuyá (BANDEIRA, 1972; MEDEIROS FILHO, 1984; DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009). Ao contrário dos demais Tapuias referidos por Medeiros Filho (1984) como grupos dominados por homens e que poderiam se casar com inúmeras mulheres, as quais eram severamente punidas perante o adultério, os Kariri faziam completamente o oposto, como visto perante a indignação do padre Martinho de Nantes (1979), sobre a circunstância dos homens serem subordinados às mulheres e por não tratarem com pudor o adultério.

O padre Luiz Vincencio Mamiani, autor de obras como *Arte de Gramática da Língua Brasília da Nação Kiriri* (1699), relata que os Kiriris do rio São Francisco, falavam o dialeto Dzubukuá (MEDEIROS FILHO, 1984; DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009). Baseado em importantes relatos dos missionários Capuchinhos Martinho e Bernardo de Nantes (1707 e 1709), os Dzubukuá-Kariri são descritos como habitantes da metade ocidental do médio curso do rio São Francisco, enquanto o leste do vale do rio até as proximidades da cachoeira de Paulo Afonso era habitado pelos Proká e Pankararu (DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

Em meados do século XVII, em 1671, iniciam-se os trabalhos de catequese entre os Kariri pelos missionários capuchinhos franceses¹⁶ e jesuítas portugueses. A primeira missão Kariri ocorreria na Paraíba e em seguida nas ilhas e margens do rio São Francisco (Pambu, Ilha das Vacas, Aracapé e São Felix) (BANDEIRAS, 1972). Sendo o padre Martinho de Nantes o primeiro missionário a se aventurar entre os Kariri do Rio São Francisco.

¹⁵ Kiriri e Kariri é usado indistintamente como denominação genérica da família ou específica de grupo (BANDEIRA, 1972).

¹⁶ Mais tarde substituídos por italianos (BANDEIRA, 1972).

Em *Relação de uma Missão no Rio São Francisco* do Padre Martinho de Nantes, publicada em 1706, há o relato de que chegou ao Brasil em 1671, seguindo de início para uma aldeia a setenta léguas de Pernambuco, onde existia um grupo de índios denominados Kariri, lugar no qual também residia o missionário capuchinho padre Teodoro de Lucé. Missão esta que os historiadores identificam como sendo Boqueirão, na Paraíba (MEDEIROS FILHO, 1984). Martinho de Nantes relata o abandono da primeira missão para se aventurar nas margens do rio São Francisco onde existiam outros Kariri: “Fiquei somente oito meses nessa aldeia com o padre Teodoro; mas tendo sabido desses mesmos índios, um dos quais falava alguma coisa de português, que havia no rio São Francisco uma grande quantidade de aldeias de sua mesma nação, resolvi transferir-me para lá” (NANTES, 1979, p. 2).

Quanto às crenças, foram descritos como se realizassem manifestações com o demônio, tendo em vista que adoravam diferentes divindades para as quais realizavam cerimônias. No que se refere ao tratamento de enfermidades, os curandeiros empregavam nos processos de cura apenas a fumaça do tabaco e a execução de seu feitor, isso porque acreditavam que as doenças eram provocadas por alguém. Assim, sempre havia um indivíduo (geralmente uma pessoa com desavença com o enfermo) acusado de feitiçaria, podendo este julgamento levar à morte do acusado pelo restante do grupo, a fim de que o enfermo fosse salvo. Após a morte de seu suposto malfeitor, o enfermo, tomado de uma confiança de ter sido salvo, logo apresentava melhoras (NANTES, 1979). No caso de óbito do enfermo seu corpo era consumido pelos demais em rituais antropofágicos, pratica essa abominável na visão dos padres (MEDEIROS FILHO, 1984).

A cultura material que envolve a família Kariri é pouco documentada. Assim torna-se difícil falar sobre sua produção de utensílios cerâmicos de maneira segura, pois esbarra sempre em dados etnográficos de pesquisas realizadas com remanescentes Kariri já inseridos na cultura trazida pelos colonizadores, descaracterizando sua antiga cultura e o modo ancestral de se trabalhar com o barro. Assim se usarmos para este trabalho referências sobre confecções ceramistas dos remanescentes atuais é preciso sempre lembrar que se trata de uma produção cerâmica em transformação.

Tendo em vista que as ceramistas Kariri da atualidade já introduziram fornos para queima de suas cerâmicas, ainda assim as confecções atuais preservam características tradicionais nas técnicas de produção. Sobre as formas, Lima (1987) relata serem muito diversificadas e já terem

sido incorporadas às das sociedades atuais. Isso poderia explicar a ampla difusão dos “potes” Kariri, em geral globulares destinados ao armazenamento de água em geral e moringas para água potável. Além dos potes e moringas, seus utensílios são compostos por panelas de cozinhar, tigelas hemisféricas de múltiplas funções (lavar, armazenar e descartar alimentos), frigideiras, cuscuzeiros, etc. Existem ainda vasilhas confeccionadas exclusivamente para fim ritual, destinadas a conter oferendas (BANDEIRA, 1972; LIMA, 1987).

Como relatado anteriormente por Lima (1987), moringas e potes foram incorporados às culturas atuais, o que pode explicar o fato dessas vasilhas serem encontradas ainda hoje na casa de muitos sertanejos em grande parte da região nordestina, principalmente no Ceará, região que possui relatos de vasta ocupação Kariri em suas serras. (DANTAS, SAMPAIO e CARVALHO, 2009).

3.7.2 Os Xokó e seus vasos

Componentes de uma etnia indígena cuja história e cultura são pouco conhecidas, o que se sabe está relacionado a relatos de viajantes e informes de missionários datados a partir do século XVII. Tais relatos referiam-se à presença da etnia Xokó¹⁷ no baixo São Francisco e no sertão cearense de norte a sul (DANTAS, 1983).

Atualmente existem dois territórios indígenas Xokó nas imediações do rio São Francisco. Ambos teriam sua formação a partir das missões religiosas, formadas por padres capuchinhos e jesuítas. Ambos os territórios são conhecidos pelos portugueses desde o século XVI. O primeiro é nomeado como Caiçara e Ilha de São Pedro, no município de Porto da Folha, ao norte do atual estado de Sergipe. Sua área corresponde a 4.315ha e seus moradores são exclusivamente Xokó (em torno de 400 habitantes). A segunda área indígena está localizada na margem alagoana do rio São Francisco no município de Porto Real do Colégio, tratando-se dos Kariri-Xokó (aproximadamente 1.000 habitantes) (ANTUNES, 1984; BARRETO, 2004).

No século XIX a missão de São Pedro se caracterizava pelo contato com as etnias Romaris e Xokó (o que não descarta a possibilidade de outras não mencionadas). Ambas

¹⁷ Também conhecidos como Ciocó, Chocó, Shocó ou Ceocoses (DANTAS, 1983)

produziam cerâmica e, ao que se relatou já naquele momento, não se estabelecia uma distinção entre o fabrico de louça de barro de ambas as etnias (DANTAS, 1983). O que pode ter sido ocasionado pelo convívio gerando uma integração entre ambos os modos de produzir cerâmica. Se isso realmente tiver ocorrido possivelmente houve uma transformação no modo de produzir cerâmicas de ambas as etnias, porém mantendo sempre uma continuidade com o modo de confecção tradicional. Essas transformações possivelmente estariam relacionadas a momentos de contato entre diversas etnias. Essa reflexão é de grande valia para o sítio estudado nesse trabalho que ao que tudo indica passa por um processo semelhante.

Neste tópico daremos maior ênfase à aldeia de São Pedro¹⁸, pois se tem mais informação sobre esta aldeia e suas atuais remanescentes. A Aldeia de Porto Real do Colégio, em Alagoas, além de ser uma terra dividida pelos Kariri e Xokó (ANTUNES, 1984), estes últimos teriam se transferido para lá no século XIX como será visto a seguir.

O aldeamento de São Pedro surgiu de uma missão que os capuchinhos fundaram no século XVII às margens do rio São Francisco para catequizar os índios Aramuru que habitavam a ilha e eram originários dela. Os Xokó teriam vindo da serra de Pão de Açúcar que fica do outro lado do rio, em Alagoas, e foram agrupados nessa missão onde viviam com índios de outras etnias (DANTAS, 1983; 1991). No século XIX as etnias presentes nessa missão eram os Romaris, também nativos da ilha, e os Ceocoses (Xokó) que teriam vindo de Alagoas. No final do século XIX os índios dessa aldeia foram desapropriados sob a alegação de terem se mestiçado a outras culturas (brancos e negros) e perdido sua identidade. Assim, muitos dos índios dessa aldeia foram reprimidos pela violência por parte de fazendeiros locais, se transferindo para o outro lado do rio em Alagoas para junto dos Kariri de Porto Real do Colégio, onde vivem até hoje (DANTAS, 1983;1991). Mais tarde, já no século XX, os Xokó recuperaram o direito à terra em Sergipe.

Atualmente os Xokó da Ilha de São Pedro vivem da agricultura, da pesca e da cerâmica¹⁹ (feita exclusivamente pelas mulheres e vendidas em feiras locais) (DANTAS, 1983; BARRETO,

¹⁸ Território esse demarcado como área indígena no século XVIII, quando o governo delimitou várias áreas indígenas no país (DANTAS, 1983).

¹⁹ A produção de cerâmica indígena também é realizada pelos índios Kariri-Xokó na margem alagoana do rio São Francisco (DANTAS, 1983; ANTUNES, 1984)

2004). As atividades econômicas estão ligadas ao setor primário e a criação de animais se limita apenas à subsistência. (DANTAS, 1983). Sendo que, para estes remanescentes Xokó, a cerâmica assume não somente uma função econômica, mas uma função simbólica de resistência das origens de sua etnia, como descrito “...a esta assume além da função econômica uma função simbólica, na medida em que não podendo praticar ritos ou outras atividades que reativassem a memória do grupo, a cerâmica era o elo de ligação com o passado, reatualizado a cada dia, no bater do barro, no moldar das peças, no calor da “queima” a identidade Xokó (DANTAS, 1983, p.93.).

A confecção das panelas Xokó tenta manter os mesmos critérios e ensinamentos dos seus antepassados. Desse modo, as oleiras Xokó não aderiram ao uso do torno e de fornos para queima trazidos pelos portugueses durante o processo de colonização. Assim, o processo da confecção da cerâmica Xokó passa por diferentes fases até ser considerado pronto, divide-se nas seguintes etapas: fase de extração do barro; pisa do barro; peneiramento; formação do bolo; modelagem; secagem ao sol e queima. Esse processo pode levar de dois a quatro dias (CARVALHO, 1983; DANTAS, 1983; DANTAS e LIMA, 2014).

Apesar de ser uma atividade feminina no que se refere à confecção, a aquisição, extração e transporte da matéria prima cabe aos homens²⁰. A coleta da matéria prima é realizada na margem alagoana do rio e é transportada até a ilha por canoas. Os homens ainda realizam a “pisa do barro” já na aldeia, processo realizado com a argila seca onde a mesma é triturada a golpes com madeira grossa sobre os blocos de argila. Na sequência, as mulheres assumem a produção, dando continuidade ao processo com o peneiramento da argila já triturada em uma urupema²¹, para se certificar de que o barro não contenha raízes, pequenos seixos e outras impurezas que possam comprometer a execução das vasilhas (CARVALHO, 1983; DANTAS, 1983; DANTAS e LIMA, 2014)

²⁰ Cabe aos homens as atividades de provimento do barro e sua pulverização, ambas as atividades entendidas como trabalho pesado (DANTAS, 1983).

²¹ Peneira de fibra vegetal

A argila é então molhada e amassada a fim de lhe conferir liga e consistência que permita a modelagem²² (esta realizada manualmente) do barro separado em “bolos”. Dantas e Lima (2014), com base em relatos etnográficos entre os Xokó, atestam que é adicionado e misturado ao barro amarelo outro barro de tom avermelhado (ambos extraídos em jazidas diferentes). O objetivo é conferir resistência às vasilhas, pois segundo as próprias oleiras só o barro amarelo deixa as vasilhas fracas causando rachaduras enquanto estão secando. Com a mistura da argila já processada a oleira começa a confecção do seguinte modo descrito a seguir (DANTAS, 1983, p. 98) “...com uma porção globular de barro a ceramista vai fazendo com as mãos os movimentos. Enquanto a mão direita vai girando a peça a esquerda vai imprimindo movimento no sentido do centro para as bordas, abrindo a bolo de barro e dando formato ao fundo da peça”.

Esta pré-forma é apoiada em uma superfície lisa e incrementada com novos pedaços de barro, trabalho com as mãos e auxílio de instrumentos rudimentares (ex: coeté²³) conferindo a elaboração das paredes da peça. Dantas e Lima (2014) novamente relatam uma informação importante, a ser discutida no final dessa monografia, a partir da base pronta existem duas diferentes técnicas de manufatura empregadas: a primeira trata-se de paredes modeladas aplicadas a vasilhas pequenas e a segunda constitui-se de paredes acordeladas (intercalando cordões de argila um sobre o outro) sendo aplicado em formas grandes. Quando o barro não apresenta plasticidade suficiente para a manufatura, é inserido no mesmo uma pequena quantidade de barro seco triturado, como antiplástico (CARVALHO, 1983).

O próximo passo é raspar os excessos do barro geralmente empregando nesse processo pedaços pequenos de metal (facas velhas, aros de barril). A peça é então alisada em ambas as faces com a própria mão, com coeté ou um pequeno pedaço de madeira (com aproximadamente 15 cm de comprimento e 2 cm de diâmetro). Em alguns casos é empregado o uso de capuco²⁴ para o alisamento final da face externa, sempre em movimentos verticais, resultando na formação de estrias pouco profundas, facilmente associadas a um escovado. Trata-se de uma técnica que confere um provável acréscimo de vida ao vaso, pois quanto mais lisas na face externa as vasilhas

²² Os Xokó da Ilha de São Pedro não aderiram ao uso do torno para a confecção de vasilhas cerâmicas, a fim de preservar o modo de confeccionar ancestral.

²³ Coeté – “pedaço de cabaça do coetizeiro usado na superfície interna e externa da peça, dando-lhe a forma com a sua curvatura” (CARVALHO, 1983, p.78)

²⁴ Capuco – o mesmo que sabugo de milho.

forem, maior a probabilidade de que escape das mãos de quem a está operando e a deixe cair, resultando na quebra (CARVALHO, 1983; DANTAS, 1983; DANTAS e LIMA, 2014).

Na sequência a peça é exposta ao sol para secar. Esse processo pode levar de um a dois dias a depender das condições climáticas. Depois de secas as vasilhas são queimadas²⁵. Os Xokó não aderiram ao uso de fornos para a queima das “panelas”, assim este procedimento é realizado em uma fogueira ao ar livre de forma simples como descrito por Dantas (1983) “Entre camadas de lenhas arrumam-se as peças a serem queimadas e gravetos e folhagens secas são colocados por cima e pelos lados. Acende-se o fogo e vai se controlando e vai se controlando o volume de lenha, das chamas e o tempo de queima das peças” (p. 99). Dantas e Lima (2014) descrevem que “ao redor é feito uma amarração cônica com galhos de arvores e folhas de bananeira para concentrar o calor e permitir uma queima mais homogênea” (p. 40). Um processo que dura em média 40 minutos, ou até o fogo cessar totalmente (CARVALHO, 1983), processo este que é o mesmo registrado para a primeira metade do século XIX no que se refere à produção de cerâmica da ilha de São Pedro onde se registra que “as fogueiras assopradas pelos ventos num terreiro” (CASAL, 1945, p.111. apud DANTAS, 1983, p. 99).

A cerâmica Xokó não apresenta decoração, sendo apenas notadas mais comumente estrias deixadas pelo capuco na face externa de panelas geralmente com formas globulares destinadas a cozer alimentos (DANTAS, 1983). As próprias mulheres Xokó associam “panelas” ao complexo culinário, contendo: panelas, potes, frigideiras, alguidares, pratos, fogareiros e buiões (recipiente com alça externa e boca constrita, destinado, na maior parte das vezes, à fervura de líquidos) (DANTAS, 1983).

Esse tradicional modo de se fazer cerâmica é cada vez mais raro dentro da comunidade Xokó. Segundo Dantas e Lima (2014) atualmente na ilha de São Pedro existem apenas duas oleiras em atividade: Dona Damiana (46 anos) e Dona Dadinha (65 anos). Ambas aprenderam a confeccionar cerâmica com a mãe.

²⁵ “A queima só é feita quando há uma quantidade de peças suficiente para fazer a fogueira, sendo comum que a produção de várias mulheres seja reunida em uma única fogueira” (DANTAS, 1983, p.99)

3.8 OS SÍTIOS DE XINGÓ

Durante o desenvolvimento do PAX (1988 a 1994) foram identificados 56 sítios arqueológicos inseridos diretamente na área que viria a ser inundada pela barragem de Xingó. Entretanto, a partir do ano de 1995 iniciaram-se novas prospecções que perduraram por mais 4 anos, sendo identificados 214 novos sítios arqueológicos à jusante da barragem de Xingó até a foz do rio São Francisco, e outros 218 sítios de arte rupestre localizados sobre o platô do *canyon* e em afluentes situados a montante da UHE de Xingó. Os trabalhos com os sítios Barragem, Barracão e Cipó, a céu aberto e a jusante, perduraram até o ano de 2007 (SANTANA e FEITOSA, 2002 e VERGNE (sem data); MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007; PAX, 2007).

Dentre os 56 sítios anteriormente mencionados, 41 referem-se a assentamentos pré-coloniais a céu aberto e 15 sítios de registro rupestre (pintura e/ou gravura) (SANTANA e FEITOSA 2002). Foram resgatados mais de 50 mil achados arqueológicos divididos em artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, malacológicos, estrutura de fogueiras e esqueletos humanos, que remontam a história das ocupações em Xingó a 9.000 anos (SANTANA; FEITOSA, 2002; VERGNE (sem data); MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007).

Dentre os sítios encontrados em Xingó o sítio Justino tem sido o de maior destaque, se tratando de um sítio cemitério com 163 indivíduos de ambos os sexos, caracterizando-se como a maior necrópole já encontrada no Nordeste do Brasil. Existe também a presença de ocupações históricas sob a superfície de alguns sítios, contando com fragmentos de vidro, louça, moedas e etc (PAX, 2007).

3.8.1 Sítio Arqueológico Cipó

Trata-se de um sítio a céu aberto com uma área total de 2800 m² em um terraço fluvial na jusante da barragem de Xingó, em meio aos Sítios Barragem e Barracão na margem esquerda do rio São Francisco, com as coordenadas em UTM 8.934.795/ 633.395. O sítio Cipó está dentro da propriedade Comunidade dos Pescadores no município de Piranhas – AL. Possui uma vegetação arbustiva de caatinga, estando a uma distância de aproximadamente 200 metros do curso do rio

São Francisco²⁶ (como pode ser observado na imagem de localização a seguir). O material presente em superfície é composto por cerâmica indígena, louça, vidro e material lítico (VERGNE, 2007).



Figura 12: Imagem ilustrativa produzida no Google Earth indicando a localização do Sítio Cipó. Abaixo do rio está Canindé do São Francisco, SE e acima Piranhas-AL. Fonte: Google Earth.

O sítio Cipó foi encontrado pela equipe de campo da Doutora em arqueologia Cleonice Vergne, responsável pela escavação do sítio dentro do PAX. Trata-se de um sítio multicultural com ocupação pré-colonial de caçadores-coletores nos níveis mais profundos sucedidos por agricultores-ceramistas até o contato com o período colonial que também deixa seus registros neste sítio (VERGNE, 2007). Na imagem a seguir (Figura 12) é possível observar parte do sítio e uma das trincheiras ainda exposta.

²⁶ Água mais próximas.



Figura 13: Imagem do sítio Cipó no ano de 2016. Foto de Fernando O. de Almeida

As escavações seguiram modelo sistemático com as primeiras sondagens sendo realizadas no ano de 2003 e com a conclusão das escavações em outubro de 2007. Foram resgatados 3389 fragmentos cerâmicos, que ocorreram até a camada 11, um conjunto lítico constituído por 488 elementos distribuídos em 18 camadas. Deste, pode-se apontar que a matéria prima mais utilizada foi o quartzo leitoso (também é encontrado material lítico em quartzo hialino, granito, sílex, sílexito, pegmatito, arenito silicificado, calcedônia e quartzito). Fragmentos de ossos foram encontrados até a camada 6. No entanto, a arqueóloga não especifica a sua origem e quantificação. O mesmo ocorre com a louça e o vidro. São descritas também a existência de 4 fogueiras e algumas manchas escuras (VERGNE, 2007).

O sítio não possui datação, apesar da descrição em um relatório do interesse em datar pelo menos uma das 4 fogueiras encontradas no sítio.

CAPÍTULO 4: METODOLOGIA

Este capítulo será dividido em dois tópicos; o primeiro referente ao procedimento adotado e realizado durante a escavação do sítio, concluída em 2007, e o segundo tópico refere-se à metodologia empregada especificamente para este trabalho que conta com análises de laboratório (tecnológica, tipológica e morfológica) e comparação com outras coleções já estudadas.

4.1 METODOLOGIA DE CAMPO

Segundo informações do relatório, optou-se por empregar a abertura de superfícies amplas para abranger todas as dimensões do terraço. O sítio foi escavado até atingir o embasamento rochoso ou a linha d'água, a fim de compreender o processo geológico formativo do terraço. Para isso foram empregados procedimentos da escola inglesa representada por Mortimer Wheeler (1961) fazendo ênfase ao princípio de leitura vertical destacando a estratigrafia com muros testemunhos, e a escola francesa de Leroi-Gourhan (1972), oferecendo ênfase à orientação vertical (VERGNE, 2006).

Incluso a este plano metodológico optou-se por um procedimento de escavação por trincheiras em forma de cruz. Uma paralela com 70 metros de comprimento por 5 metros de largura e a trincheira transversal com 35 metros de comprimento e 5 de largura, ambas possuem comprimento correspondente a área do sítio (Figura 13). A dimensão das quadriculas escavadas por decapagens correspondem a 5x5 metros. As escavações foram realizadas em níveis artificiais de 10cm (VERGNE, 2006).

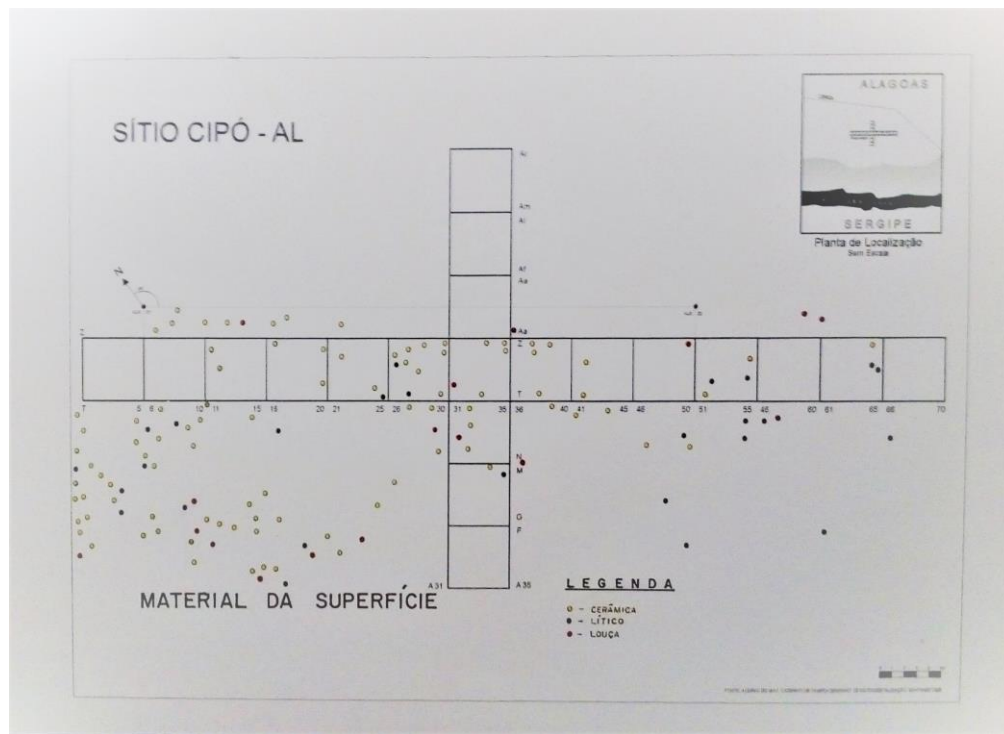


Figura 14: Organização das trincheiras escavadas no sítio Cipó - AL.

Com o fim das escavações se constatou na trincheira paralela ao rio (350 m²) 10 níveis escavados, atingindo 2,00 metros de profundidade. Já na trincheira transversal (175 m²) foram evidenciados 25 níveis, atingindo a profundidade de 3,80 metros²⁷ (VERGNE, 2006). Sendo assim, a informação referente à escavação por níveis artificiais de 10cm está equivocada, porém não se tem informações no relatório de como se comporta esses níveis. Pode ter ocorrido apenas um equívoco na descrição, tendo em vista que o relatório deste sítio é vinculado ao relatório dos sítios Barragem e Barracão, onde na metodologia de ambos é informado que a escavação ocorre por níveis naturais (VERGNE, 2006).

²⁷ Algumas considerações: Estas informações foram retiradas do confuso relatório final de escavação (VERGNE, 2007). Primeiro, não existem informações referentes à espessura das decapagens em ambas as trincheiras e nem informação de até onde aparece material arqueológico e, segundo, a trincheira paralela não atinge dois metros de profundidade como informado, podendo constatar esta informação pela plotagem de alguns materiais e pelo próprio sítio que ainda se encontra com as trincheiras abertas.

4.2 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para se estabelecer o processo de classificação empregado em análises de coleções arqueológicas é necessário se ter em mente o que se pretende obter de informação referente a essa coleção. Com a pergunta em mãos é possível estabelecer critérios mais apropriados e seguros para se extrair das coleções as respostas almejadas (ALMEIDA, 2013).

Para o desenvolvimento deste trabalho foi escolhida a coleção arqueológica de cerâmica proveniente do Sítio Cipó, escavado durante o PAX e finalizado no ano de 2007. O trabalho conta com revisão literária sobre cerâmica, cerâmica do Nordeste e mais especificamente com a cerâmica encontrada no entorno do rio São Francisco. Busca-se entender a origem e variabilidade da cerâmica, encontrada neste sítio, que foi analisada no LAPSO (Laboratório de Paisagem e Sociedade), Campus de Laranjeiras da Universidade Federal de Sergipe.

O trabalho realizado com esta coleção passou por diferentes processos até sua conclusão, estando estes listados a seguir.

- Inventário da coleção
- Análise técnica e tipológica
- Análise morfológica (desenho e reconstituição das formas e sua respectiva capacidade volumétrica)
- Descrição técnica
- Interpretação da coleção.

O inventário consistiu na averiguação da quantidade de fragmentos por nível e registro fotográfico da coleção organizando-a em uma tabela enviada ao IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) para conseguir a liberação deste conjunto de artefatos cerâmicos.

Na fase de análises buscou-se compreender a noção de estilo destes artefatos para, assim, perceber mudanças na confecção e técnica atribuída aos artefatos, o que possibilita entender a escolha da oleira associado à função destinada ao objeto (ALMEIDA e KLOKLER 2016). Assim

ênfatisa-se o tratamento de superfície e características gerais da pasta, como a adição e concentração de antiplástico, queima, entre outros (LA SALVIA e BROCHADO, 1989).

Durante as análises, todas as informações referentes à tecnologia dos fragmentos analisados foram descritas em uma ficha de análise, que está organizada em uma sequência de atributos relacionados ao processo de confecção das vasilhas. Os fragmentos inferiores a 2cm identificados foram apenas contabilizados para inferência de distribuição. Primeiramente é descrito o número de proveniência atribuído ao fragmento e a camada arqueológica em que o mesmo se encontra. Na sequência se identifica à qual parte do vaso o fragmento pertence (borda, base, parede, etc.)

O próximo passo é detalhar os elementos da pasta a começar pela descrição do antiplástico²⁸ adicionado que também pode se tratar de uma escolha do artesão ou está presente na fonte de matéria-prima. Nesse último caso é mais comum que aconteça com antiplásticos minerais. Oliveira (et al., 2005), sugere nas análises de antiplásticos presentes na cerâmica do sítio Jerimum que a mica talvez seja intencionalmente adicionada a pasta, tendo em vista a pouca quantidade de fragmentos que apresentavam mica no sítio Jerimum, no entanto outros pesquisadores da região como Luna e Nascimento (2000 e 2002) sugerem que a mica não é adicionada propositalmente e que na verdade estaria presente nas fontes de matéria-prima de argila da região.

Os minerais presentes na argila podem fornecer informações sobre a fonte de matéria-prima da argila empregada na confecção destes vasos. As fontes de argila em geral possuem diferentes composições mineralógicas. Outro ponto importante é a variação na quantidade, tamanho e angulosidade dos grãos que podem indicar: escolhas culturais; não adição proposital à pasta, mas sim uma presença no barro que foi selecionado a partir disso, retirando grãos maiores a fim de uma padronização; mesmo evitar rachaduras posteriores (ALMEIDA, 2013). O que pode ser visto na confecção de vasilhas Suruí e Xokó, onde é realizada uma seleção prévia da argila para extração de grandes grãos minerais e sujeiras presentes na argila (BOWSER, 2002, *apud* ALMEIDA, 2013; DANTAS e LIMA, 2014).

²⁸ Ou tempero. É a matéria introduzida na pasta, para conseguir condições técnicas propícias à uma boa secagem e queima, dando resistência a vasilha (CHMYZ, 1976).

A cor da vasilha pode indicar tanto a fonte de matéria-prima como informar a temperatura em que o vaso foi queimado, e indicar se trata de queima completa ou redutora. A queima pode ser também um dos fatores responsáveis pela resistência do vaso, uma vez que, quanto melhor a queima maior a dureza da vasilha. O estado de conservação das vasilhas também é analisado, elemento este que não faz parte da escolha da oleira, está relacionado ao descarte dos fragmentos exposto aos agentes de perturbação e tafonômicos no contexto arqueológico. Porém o grau de conservação pode estar relacionado ao uso cotidiano da vasilha (ALMEIDA, 2013). Durante a cocção de alimentos pode ocorrer o contato e atrito de instrumentos, tipo uma colher com a superfície da vasilha provocando desgaste da mesma, que pode ser também entendido como marcas de uso deixadas nos fragmentos.

Segundo Prous (1992), a queima é um dos processos de confecção que requer maior atenção e cuidado da oleira, já que nesse momento muitas das vasilhas podem fragmentar-se. Na confecção de cerâmica do atual remanescente indígena Kariri em Mirandela-BA, após o fabrico das peças, estas são deixadas para secar ao sol por no período mínimo de um dia para em seguida ser queimada. Durante a queima é realizada uma armação de cipó com barro para dar sustentação às vasilhas como descrito “os arcos são dispostos em ordem crescente de baixo para cima e a vasilha é encaixada na armação. O fogo é aceso embaixo da armação que fica suspensa a boca do forno” (BANDEIRA, 1972, p. 60). A queima das vasilhas Xokó não é muito diferente, a secagem ocorre entre um a dois dias e na sequência é queimada, dispondo inicialmente “uma camada de lenha no chão e colocando sobre ela algumas peças em seguida, é posto outra camada de madeira, finalizando então com nova camada de vasilhames” (DANTAS e LIMA, 2014, p. 39-40) como observado a seguir (Figura 15). No entorno das vasilhas é elaborado uma “armação cônica com galhos de árvores e folhas de bananeira para concentrar o calor e permitir uma queima mais homogênea” (DANTAS e LIMA, 2014, p.40), a queima dura em média 40 minutos.



Figura 15. A esquerda é possível visualizar o preparo da fogueira e organização das vasilhas Kokó para a queima, na imagem à direita se tem a fogueira pronta já em processo de queima. Fonte: Dantas e Lima (2014).

O alisamento é dado ainda na confecção quando a argila está molhada, geralmente em sentido vertical ou lateral a fim de homogeneizar as vasilhas e deixando as paredes mais finas e regulares. Em vasos acordelados, o processo de alisamento acarreta na perda visual dos roletes após o alisamento. O alisamento pode ser realizado com dedos ou instrumentos (ex: conchas, pedaços de cabaça e etc.). O polimento mais comumente é realizado com o auxílio de pequenos seixos de rio molhado com água. Um bom alisamento pode conferir à vasilha uma maior impermeabilidade, elemento esse conferido muitas vezes pelo tratamento de superfície quando empregado, característico pela adição de algum tipo de engobo (vermelho, branco, barbotina), esfumarado ou brunidura (LIMA, 1987).

Geralmente durante o alisamento ou adição de tratamento de superfície já é conferida decoração plástica às vasilhas, como é o caso dos Kaingáng do planalto meridional que como tratamento de superfície escovam suas vasilhas com sabugos de milho. Esse tratamento acaba deixando marcas que podem ser atribuídas à decoração plástica das vasilhas (LIMA, 1987). Momento esse também aplicado a decoração plástica decorrente de incisões por intermédio de instrumentos pontiagudos, unha, dedo, etc. elaborando motivos geométricos. Nessa fase também podem ser aplicados apêndices (alças, asa, figuras zoomorfas, etc). O tratamento de superfície é inserido com a vasilha seca e prestes a ir ao fogo após esse processo. Quanto à pintura propriamente dita, essa só é atribuída às vasilhas Guarani após a queima e apresenta uma grande

diversidade entre os grupos. Entre o grupo Mehináku a confecção das panelas só é considerada completa após receber a pintura (LIMA, 1987).

Nas bases são descritas a sua morfologia e o diâmetro que possuíam. As bordas também ganham atenção especial como diagnóstico de morfologia, lábio, inclinação, espessura diâmetro e porcentagem. Todos esses elementos em conjunto determinam as formas da vasilha e suas finalidades. Como pode ser visto entre as vasilhas Kariri, por exemplo, na qual eram fabricados potes globulares para armazenar água de uso geral, moringas para água potável, panelas esféricas para cozinhar alimentos e tigelas semiesféricas de múltiplas funções (LIMA, 1987). A forma das vasilhas é pré-estabelecida antes mesmo de sua confecção visando a função que a oleira pretende empregar para este utensílio, assim os elementos morfológicos tratam-se de uma consequência dessa escolha.

Outro ponto importante é o uso dos manuais para o auxílio da fase de análise de cerâmica, sendo eles: **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica** (CCHMYZ, 1976) e **Cerâmica Guarani** (LA SALVIA e BROCHADO, 1989) incorporados para esclarecer dúvidas e ser usado como base de diagnóstico para sanar possíveis dúvidas, além do auxílio do orientador. Na sequência das análises, foram trabalhados os dados coletados em forma de gráficos e tabelas explicativos quanto aos resultados obtidos a fim de sintetizar os resultados desta pesquisa.

Com exceção do vaso em forma 9 (Tabela 11) encontrado na camada 7, que possui quase 50% de sua forma total, a coleção cerâmica deste sítio não apresentou vasilhas inteiras ou fragmentos grandes o suficiente para informar a simetria e ângulos das vasilhas encontradas no sítio. Assim as reconstituições geradas para esta coleção são hipotéticas, com base nos fragmentos de bordas existentes e sua similaridade com bordas de vasilhas inteiras provenientes da região de Xingó.

Com as análises concluídas foi então realizada a reconstituição das bordas, com um número de reconstituições pequeno (88 bordas = 28%) se comparado ao total (309 bordas analisadas). As demais se tratavam de fragmentos muito pequenos e sem orientação clara, tornando a reconstituição duvidosa, pouco confiável. As vasilhas reconstituídas deste sítio talvez não representem todas as formas presentes neste sítio e sua devida distribuição cronológica. Outro fator que também impediu algumas reconstituições é o fato de muitas bordas não serem

simétricas formando caroços, impedindo a análise de ângulo e orientação, o que pode se tratar de um processo intencional ou não.

Com os desenhos das vasilhas concluídos foi realizada a descrição tipológica das vasilhas. Seguindo a metodologia empregada por Almeida (2013) chegando à classificação de 10 diferentes formas. Essa subdivisão segue preceitos geométricos, com relação à quantidade de ângulos presentes na parede dos vasos. Dividindo inicialmente em cinco categorias preliminares de diagnóstico:

- Vasilhas Simples (sem ângulo na parede), subdividida em outras três categorias, estabelecidas com relação ao diâmetro da boca e a altura do vaso.
 - Esférica: altura possui medida superior que $2/3$ do diâmetro da boca.
 - Semiesférica: altura menor ou igual a $2/3$ do diâmetro da boca.
 - Calota: altura igual ou menor que $1/3$ do diâmetro da boca
- Compostas (com um ângulo na parede),
- Complexas (dois ou mais ângulos na parede ou ângulo e inflexão)
- Com boca angular (comum entre vasilhas Tupinambá)
- Rasas Pratos (plana ou semi-planas com altura praticamente ausente em relação a boca e a base.

A segunda categoria adotada como diagnóstico para a separação das formas é o ângulo e direção da boca dos vasilhames (ALMEIDA, 2013):

- Boca aberta: Ângulo maior que o corpo da vasilha.
- Boca constricta: ângulo menor ou igual ao corpo da vasilha
- Boca angular: assador

Para facilitar a compreensão morfológica das vasilhas, na sequência o material foi vetorizado com o auxílio do programa *Inkscape* e transferido para o texto de forma ilustrativa durante as discussões da coleção, na construção do trabalho

CAPÍTULO 5: RESULTADOS DAS ANÁLISES.

Quanto aos resultados obtidos através das análises, estes serão distribuídos em três diferentes tópicos, onde o primeiro apenas ilustra os dados obtidos no sítio sem que isso gere interpretação prévia, em um segundo momento é apresentada uma discussão intra-sítio sobre a distribuição cronológica da cerâmica analisada no sítio Cipó e suas respectivas interpretações, e por fim, já com uma interpretação prévia desta coleção, no terceiro tópico foi realizada uma discussão entre sítios de Xingó e do baixo São Francisco.

5.1. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Com o fim das análises de laboratório foram contabilizados um total de 3090 fragmentos cerâmicos distribuídos em superfície, limpeza e 11 camadas arqueológicas. Os resultados encontrados divergem um pouco dos valores informados no relatório final das escavações deste sítio em 2007. Um primeiro aspecto perceptível é a discordância na quantidade e distribuição do material nos níveis arqueológicos como pode ser observado na tabela 2. No relatório produzido pelo PAX em 2007 foi apresentado um total de 3389 fragmentos de cerâmica e agora durante as análises para a elaboração do presente trabalho esse número recua para 3090 fragmentos, como pode ser observado na tabela a seguir (Tabela 3), sendo que, uma das diferenças mais gritantes é a camada 3 que antes apresentava 300 fragmentos e passa a ser representada apenas por 2 cacos, fator este que torna essa camada pouco relevante para discutir o trabalho atual. Já o material caracterizado como louça (faiança, faiança fina, grês, etc) informado no relatório do PAX e identificado nas caixas durante as análises, não foi analisado, pois não cabe aos objetivos deste trabalho e necessitam da supervisão de um arqueólogo da área.

Tabela 3: relação de material em 2007 e atualmente

Camada	Quantidade relatório de 2007	Quantidade Atual
Superfície	485	469
Limpeza	961	958
Camada 1	346	354
Camada 2	334	328
Camada 3	300	2
Camada 4	212	222
Camada 5	116	115
Camada 6	110	118
Camada 7	124	122
Camada 8	172	170
Camada 9	87	89
Camada 10	64	65
Camada 11	78	78
Total	3389	3090

Após a exposição da discordância encontrada entre ambos os trabalhos, passa-se a exposição atual dos dados obtidos. Sabemos que este sítio possui uma quantidade pouco significativa de material cerâmico se comparado a outros sítios da região de Xingó, como é o caso dos sítios Justino e São José à montante do rio, ou mesmo se comparado ao sítio Barracão que apresenta uma coleção de 8791 fragmentos cerâmicos e está localizado a 200 metros do sítio Cipó, na mesma margem, ou o sítio Jerimum com uma coleção cerâmica de 8152 fragmentos (PAX, 2007 e OLIVEIRA, et al. 2005).

Dentre a coleção estudada foi verificado 3090 fragmentos de cerâmica dos quais 1752 foram analisados e 1338 apenas contabilizados (Tabela 4), uma vez que estes fragmentos possuíam tamanho inferior a 2cm (fragmentos inferiores as estas medidas são apenas quantificados para relação de inferência de distribuição da coleção). Dado que permite entender

que se trata de uma coleção muito fragmentada, o que ocorre especialmente nos níveis mais recentes, como é o caso da camada de limpeza, onde cerca de 70% do material não foi analisado.

Tabela 4: Tabela com descrição geral das análises da cerâmica do sítio.

TABELA COM DESCRIÇÃO DO MATERIAL DO SÍTIO CIPÓ
Total de fragmentos analisados: 3090 fragmentos de duas trincheiras. 1758 fragmentos analisados e 1338 inferiores a 2 cm
Níveis: Superfície, Limpeza e 11 camadas arqueológicas com espessura indeterminada
Categoria: 1383 paredes, 309 bordas, 24 bases, 8 rodas de fuso, 6 asas, 5 alças, 1 Bolota de argila, 1354 inferiores a 2cm.
Antiplástico: 1605 mineral, 23 mineral e caco moído, 2 mineral e argila moída, 77 mineral e carvão, 24 mineral e outros.
Cor: 38 Amarelo/ocre, 26 laranja, 341 vermelhos, 28 cinza, 325 preto, 991 marrom.
Queima: 165 Queima completa: núcleo claro, 132 Queima com núcleo fino escuro e duas faixas claras espessas em AF, 23 queima com núcleo claro e faixas escuras AF, 610 queima incompleta, 442 núcleo escuro e AF finas claras, 85 FE escura e FI clara, 278 FE clara e FI escura.
Alisamento FI: 1348 fino, 240 médio, 25 grosso, 43 polido
Alisamento FE: 1043 fino, 59 médio, 121 grosso, 11 polido
Tratamento de superfície FI: 241 eng. Vermelho, 31 Barbatina, 4 esfumarado, 7 brunidura, 14 outros.
Tratamento de superfície FE: 286 eng. vermelho, 1 eng. Branco, 43 Barbatina, 21 esfumarado, 23 brunidura, 17 outros.
Morfologia da Borda: 212 diretas, 39 extrovertida, 31 introvertida.
Inclinação da borda: 116 vertical, 78 inclinada internamente, 86 inclinada externamente.
Espessura da borda: 231 normal, 6 expandida, 12 reforçada internamente, 11 reforçada externamente, 1 reforçada, 19 contraída.
Lábio: 161 arredondado, 84 plano, 12 apontado, 14 biselado
Decoração Plástica: 1 corrugado, 54 inciso fino, 5 inciso largo, 18 ungulado, 4 digitungulado, 2 digitado, 10 entalhado, 25 escovado, 13 roletado, 6 inciso-escovado, 4 outros, 1 carimbado.
Decoração Pintada: 4 vermelho, 12 branco, 5 preta.

Local da Decoração FI: 3 paredes, 2 no lábio, borda, bojo sup., bojo inf., e parede.

Local da Decoração FE: 29 no lábio, 17 na borda, 1 bojo superior, 107 na parede.

Na distribuição do material em relação às camadas arqueológicas é perceptível que a presença de material cerâmico se dá de forma crescente das camadas mais profundas para as mais superficiais tendo um ápice na camada de limpeza²⁹, o que pode ser observado na Figura 16.

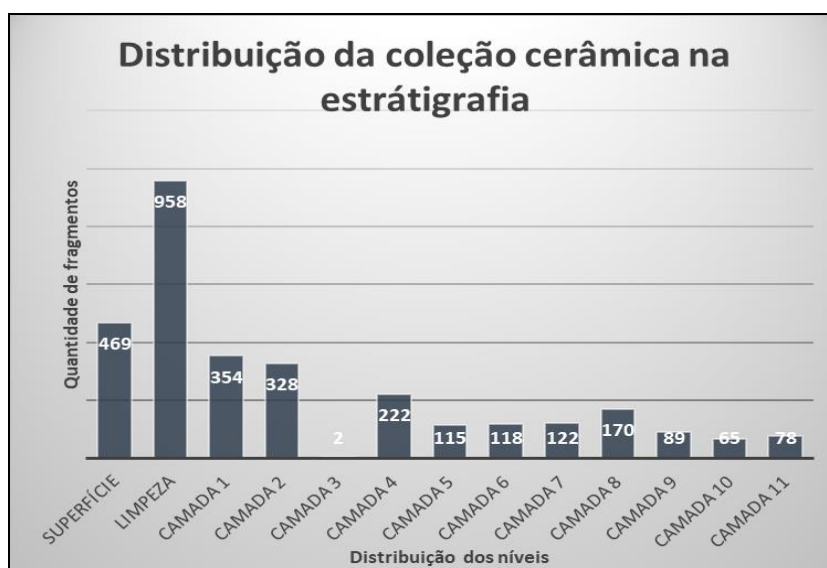


Figura 16: Distribuição da cerâmica na estratigrafia.

Esta coleção é representada por paredes, bordas, bases, (uma) bolota de argila, rodas de fuso, alças e asas, nas diferentes camadas arqueológicas. Há uma predominância de paredes (79%) seguida por bordas (17,63%), ver Tabela 5. As bases aparecem em pouca quantidade (1,36%) (ver tabela 3), o que pode ser explicado se comparado a outras coleções de Xingó que possuem vasilhas inteiras em que as bases são predominantemente convexas ou ovais. O que

²⁹ Pouco menos de 1/3 de toda a coleção está depositada neste nível. No entanto é a camada com a maior proporção de material fragmentado e cacos muito pequenos, sendo grande maioria inferior a 2 cm, assim transmitindo uma falsa ideia de volume para este nível em relação aos demais com menor quantidade de peças, porém com fragmentos maiores.

permite argumentar que muitos dos pequenos fragmentos diagnosticados como fragmento de parede são de fato paredes. Os fusos representam 0,45%, bolota de argila 0,05% e presença de asas (0,34%) e alças (0,28%) só ocorre a partir da camada 5.

Tabela 5: Divisão das categorias por camada.

Categoria	Camada													Porc. %
	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	LPZ	SUP	
Parede	44	40	59	122	72	78	72	119	4	140	148	265	236	79,85%
Borda	9	10	15	21	28	15	15	22		52	24	42	56	17,63%
Base		3	1	4	2		2	4			1	2	5	1,36%
Bolota de Argila				1										0,05%
Roda de Fuso		1	1			2	1					1	2	0,45%
Asa										1		5		0,34%
Alça							1					1	3	0,28%
Total:														100%

A técnica de manufatura não segue um padrão definido: em 87,67% da coleção não foi possível diagnosticar a técnica de manufatura, o que indica que talvez possa ser modelada, 10,72% apresenta cordões de argila, sendo acordeladas. Do total 0,17% é representada por manufatura de placa, estando presente na camada 7 e na superfície. Nas camadas de limpeza e superfície é verificada técnica modelada (0,40%) e a partir da camada 5 o torno está presente (0,97%) indicando que há presença de cerâmica confeccionada após o período de contato com os europeus. A presença do torno é representada por um ou dois cacos por nível, desde o nível 5 até a superfície, com exceção do nível 2. Por fim, ocorre um único caso (0,05%) em que há junção da técnica de manufatura de placa com acordelada em uma base coletada na camada de limpeza (Tabela 6). Cabe ressaltar que, com exceção de algumas bordas, as paredes que possuem técnica de manufatura acordelada facilmente verificável pelo mau alisamento, são mais friáveis que os demais fragmentos.

Tabela 6: Tabela de destruição de técnica de manufatura

Camada	Técnica de manufatura						Total Geral
	N. Identificado	Acordelada	Modelada	Placa	Torno	Acordelada e Placa	
Camada 11	51	2					53
Camada 10	51	3					54
Camada 9	66	8					74
Camada 8	125	23					148
Camada 7	91	10		1			102
Camada 6	85	9					94
Camada 5	86	1			1		88
Camada 4	136	4			3		143
Camada 3	1	2			1		4
Camada 2	185	8					193
Camada 1	159	11			3		173
Limpeza	246	60	6		3	1	316
Superfície	247	46	1	2	6		302
Porc. %	87,67%	10,72%	0,40%	0,17%	0,97%	0,05%	100%

Todos os fragmentos apresentam antiplástico mineral, sendo 93,60% somente mineral, somando quase a totalidade do sítio. O segundo elemento que mais aparece acompanhando o mineral é o carvão (3,47%), seguido de caco moído, argila moída e outros (na maioria das vezes relacionado à matéria orgânica) como pode ser visto na Tabela 7, a seguir.

Tabela 7: Antiplástico presente nos fragmentos

Nível	Antiplástico				
	Mineral	Mineral e argila moída	Mineral e cerâmica/caco moído	Mineral e Carvão	Mineral e outros
Camada 11	52		1		
Camada 10	54				
Camada 09	74				
Camada 08	133		4	10	1
Camada 07	95	2	1	1	3
Camada 06	85			6	3
Camada 05	81			5	2
Camada 04	130		2	2	9
Camada 03	3		1		
Camada 02	170	7	2	14	
Camada 01	162	1	1	6	2
Limpeza	285	3	4	21	3
Superfície	281	2	6	13	
Total:	93,60%	0,86%	1,06%	3,47%	1,01%

Dentre os minerais existentes no antiplástico o quartzo e a mica são os mais abundantes e presente em todas as camadas. O que não é de se estranhar já que a região onde o sítio está inserido possui sedimento arenoso, indicando que pode se tratar de uma adição intencional ou não, a depender da fonte de matéria-prima, como mencionado na metodologia. Ao todo somam-se mais de 15 combinações de minerais em todo o conjunto (Tabela 8), sendo as mais comuns: quartzo e mica, seguida de quartzo, mica e feldspato. Nas camadas mais profundas existe apenas a presença de quartzo mica e feldspato, a partir da camada 8 aparece um fragmento contendo

óxido de ferro, na camada 5 o primeiro calcário e na camada 4 um fragmento com grafite, todos estes permanecem até a superfície, essas observações podem ser vistas na Tabela 8 e na Figura 17 a seguir.

Tabela 8: Distribuição do antiplástico mineral

Nível	Quartzo	Mica	Feldspato	Óxido de Ferro	Calcário	Grafite
Camada 11	48	44	29			
Camada 10	54	48	7			
Camada 9	74	46	8			
Camada 8	146	125	50	1		
Camada 7	102	101	42			
Camada 6	94	88	32	3		
Camada 5	88	84	35	4	1	
Camada 4	142	143	81	2		1
Camada 3	4	4	3	1		
Camada 2	193	192	132	17	4	42
Camada 1	172	173	83	5	1	21
Limpeza	313	315	179	14	1	43
Superfície	299	298	167	9		63
Total	1729	1661	848	56	7	170

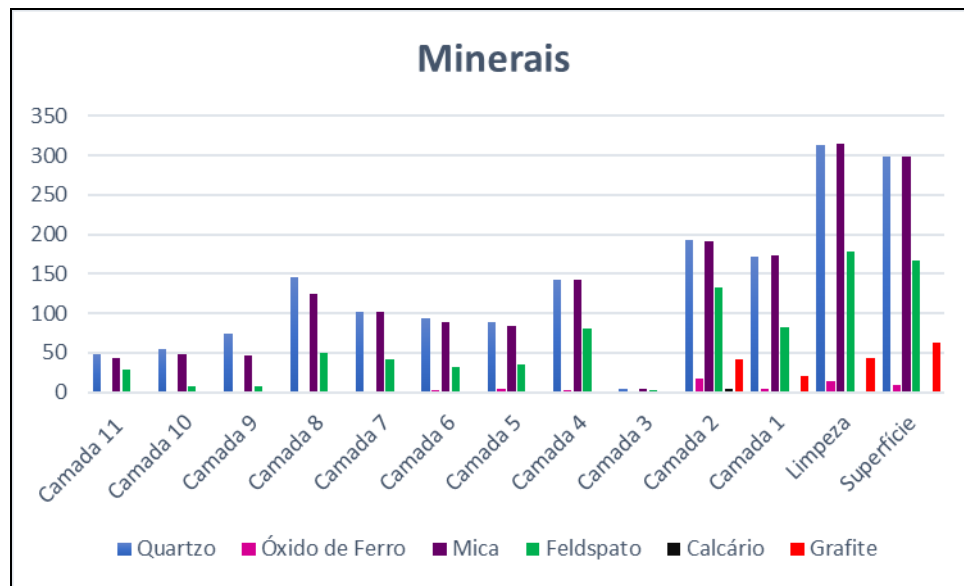


Figura 17. Gráfico com distribuição dos minerais nas camadas arqueológicas

A espessura do antiplástico não representa grande variação nas camadas distintas, onde o antiplástico em geral é pequeno e apresenta em 73% dos fragmentos espessura entre 1-3 mm, 18% menor que 1mm, 7% entre 3-5 mm e apenas 2% maior que 5mm. A porcentagem de antiplástico na pasta é basicamente dividida em duas (Tabela 9), uma com 10% (43,07%) de antiplástico na pasta e a outra com 20% (40,72%) de antiplástico, em menor quantidade se tem 5% (11,02%) de antiplástico, 30% (5,16%) na pasta.

Tabela 9. Descrição de porcentagem de antiplástico e angulo do quartzo

Nível	Porcentagem de Antiplástico				Angulosidade do Quartzo			
	5%	10%	20%	30%	Pouco Angular	Médio Angular	Muito Angular	Sem Quartzo
Camada 11	1	24	15	13		29	24	
Camada 10	20	20	14			31	23	
Camada 9	18	38	18		2	22	50	
Camada 8	28	76	43		4	52	91	1
Camada 7	15	42	43	2	1	35	66	
Camada 6	19	51	24		6	42	46	

Camada 5	5	42	39		31	50	5	
Camada 4	14	87	39	3	57	69	14	1
Camada 3	1	1	2		2		2	
Camada 2	24	77	86	6	37	116	40	
Camada 1	13	57	94	9	108	60	4	1
Limpeza	26	126	139	25	177	123	13	3
Superfície	8	109	153	32	217	80	2	3
Porc. %	11,02%	43,07%	40,72%	5,16%	36,49%	40,74%	21,83%	0,51%

Já o ângulo do quartzo sofre alteração à medida que vai atingindo as camadas mais recentes de ocupação. Da camada 11 a 6 existia uma alternância por quartzo muito ou médio angular e a partir da camada 6 a predominância é de médio a pouco angular, até na superfície onde a grande maioria dos quartzos é pouco angular como pode ser observado na Figura 18 e tabela 9. No começo se tem menos antiplástico, mas mais indícios de que este foi inserido, triturado. Já nas camadas mais superficiais temos mais antiplástico e menos indício de que foi inserido. Isso pode significar uma mudança na fonte de matéria prima.

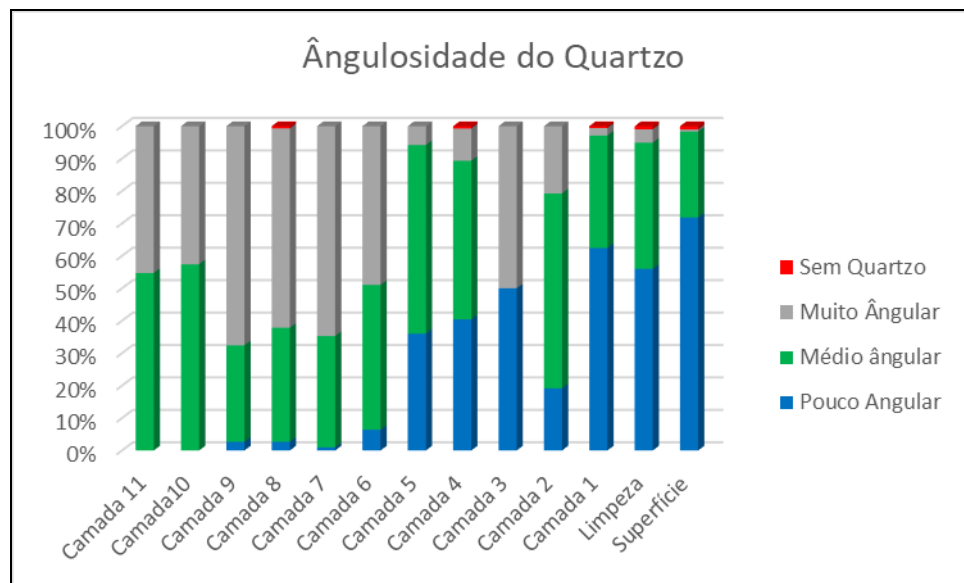


Figura 18. Gráfico de angulosidade do quartzo.

A cor da superfície predominante nesta coleção é o marrom (56,42%) seguido das cores vermelho (19,81%), preto (18,88%), amarelo/ocre (2,20%), laranja (1,51%) e cinza (1,10%). Como mostra o gráfico a baixo (Figura 19) o marrom predomina até a camada de limpeza e na superfície o vermelho se torna a cor mais presente entre os fragmentos, o que pode ser explicado pelo elevado número de fragmentos que apresentam tratamento de superfície de engobo vermelho nesta camada.

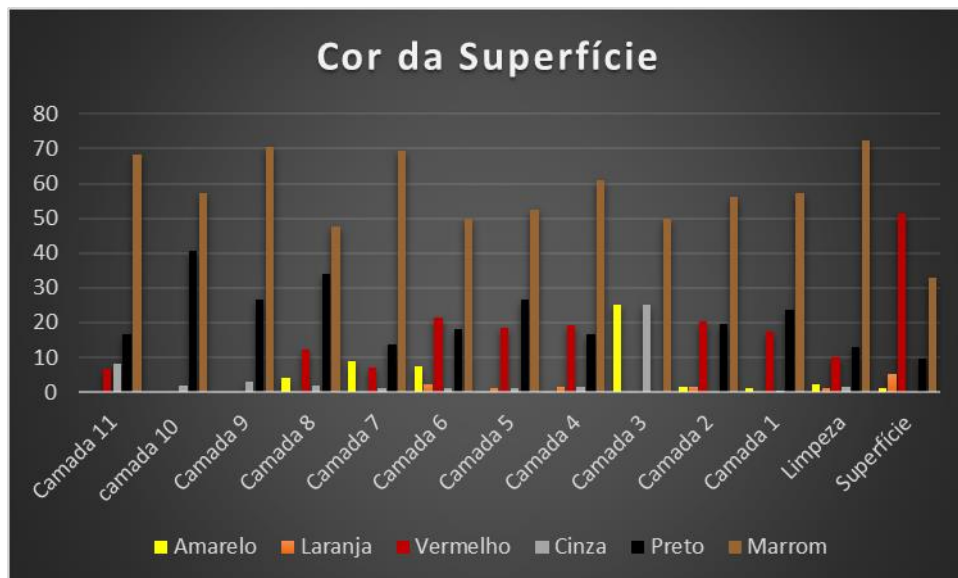


Figura 19. gráfico com cor de superfície distribuída entre as camadas

A queima também não apresenta variações significativas entre as diferentes camadas, tendo predominante a queima incompleta com núcleo escuro (43%). Ela é seguida da queima com faixa escura na FI e FE clara (18%). Na sequência se tem a queima com núcleo escuro e duas faixas finas claras nas extremidades (16%). As queimas completas com núcleo claro, queima com núcleo fino escuro e duas faixas claras espessas em AF (2), queima com núcleo claro e faixas escuras em AF (3) e a queima com faixa escura na FE e FI faixa clara (6) não aparecem em mais de 10% dos fragmentos como pode ser visto na Figura 20 a seguir.

Descrição dos diferentes tipos de queima

- 1: Queima completa com núcleo escuro.
- 2: Queima com núcleo fino escuro e duas faixas claras espessas em ambas as faces.
- 3: Queima com núcleo claro e duas faixas escuras em ambas as faces.
- 4: Queima incompleta: núcleo escuro.
- 5: Queima com núcleo escuro e duas faixas finas claras em ambas as faces.
- 6: Queima com faixa escura na FE e faixa clara na FI.
- 7: Queima com faixa escura na FI e faixa clara na FE.

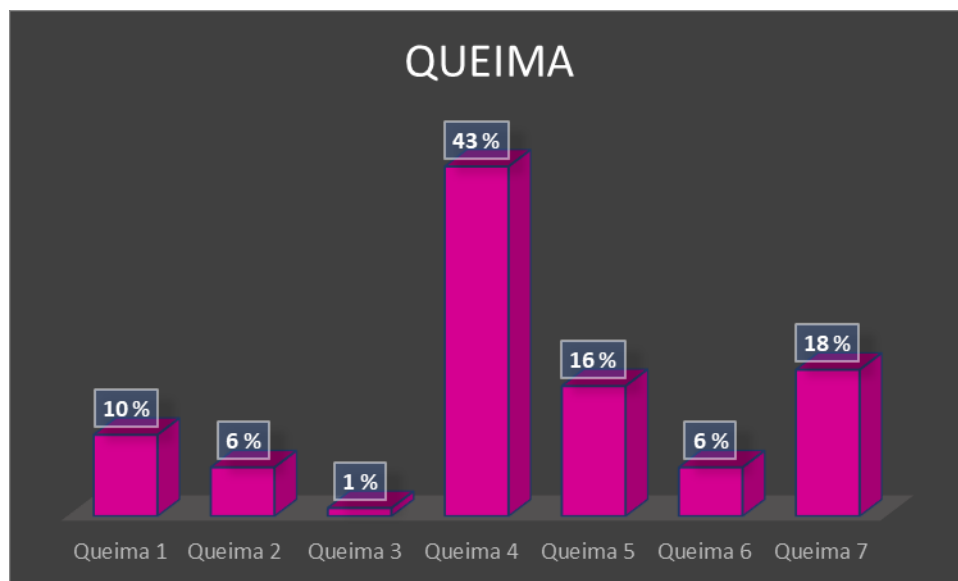


Figura 20. Gráfico com porcentagem de queima.

Em geral o estado de conservação é bom, mas ao contrário do que se conhece para trabalhos de cerâmica onde se indica que quanto melhor a queima menor a fragilidade das vasilhas, nesta coleção esse padrão parece não ocorrer. A queima não apresenta variação nas camadas, mas o processo de conservação sim. O que parece ocorrer é, quanto mais antigo os cacos são, maior o número de erodidos como pode ser visto na Figura 7.

A espessura predominante entre os cacos é de 5 a 10 mm. É importante salientar que em alguns cacos maiores foi possível perceber uma variação de espessura em uma mesma peça, o que indica que as vasilhas não requereriam um cuidado significativo em uniformizar a espessura das paredes.

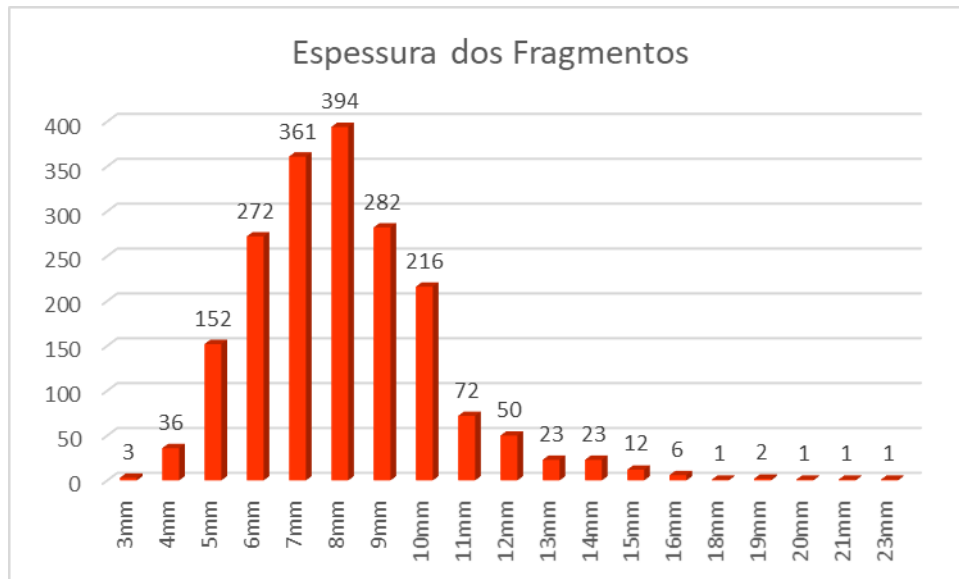


Figura 21. Gráfico com espessura dos fragmentos.

Na face interna 73% dos fragmentos possuem alisamento fino, 22% médio, 2% grosso e 3% polido. Na face externa 49% dos fragmentos apresentam alisamento fino, 40% médio, 10% grosso e apenas 1% polido. O alisamento indica haver uma preocupação maior com a superfície interna com uma porcentagem de alisamento fino e polido muito maior em relação ao observado na face externa. Fato que pode estar relacionado com uma preocupação de criar impermeabilidade destas vasilhas, que poderiam ser usadas para armazenagem de líquidos ou cocção.

Ao que representa não havia uma preocupação considerável em realizar algum tratamento de superfície nas vasilhas, já que apenas 17,10% dos fragmentos apresentam tratamento de superfície na face interna e apenas 21,87% na face externa. Destes, 90% se concentram na camada de superfície em que se observam fragmentos com engobo vermelho. Tal tratamento também é dominante nas demais camadas que apresentam tratamento de superfície, com exceção da camada 4 onde na FI o engobo branco e a brunidura aparecem em maior quantidade e na FE a barbotina é o tratamento de superfície predominante.

O conjunto apresenta 16,95% dos fragmentos com marcas. Dos fragmentos que apresentam essa característica 73% possuem marcas de alisamento/polimento, 2% possuíam furo, 2% marca de dedo, e 23% com outros tipos de marcas, geralmente referentes a pequenas ranhuras e riscos pouco significativos. Em um caso específico há negativos na peça que estão presentes tanto na superfície como na pasta, deixando negativos de furos, o que indica a presença de matéria orgânica (e.g. radícula) envolvidos durante o processo de fabricação com a pasta mole. Tais elementos orgânicos, após o processo de queima, desapareceriam deixando apenas os negativos no fragmento. Também existe um único fragmento com marca de folha.

A coleção também demonstra um número pequeno de sinais de uso, sendo percebido em apenas 14,17% dos fragmentos analisados e sendo o mais comum a foligem na face externa como pode ser observado no grafico a seguir (Figura 22).

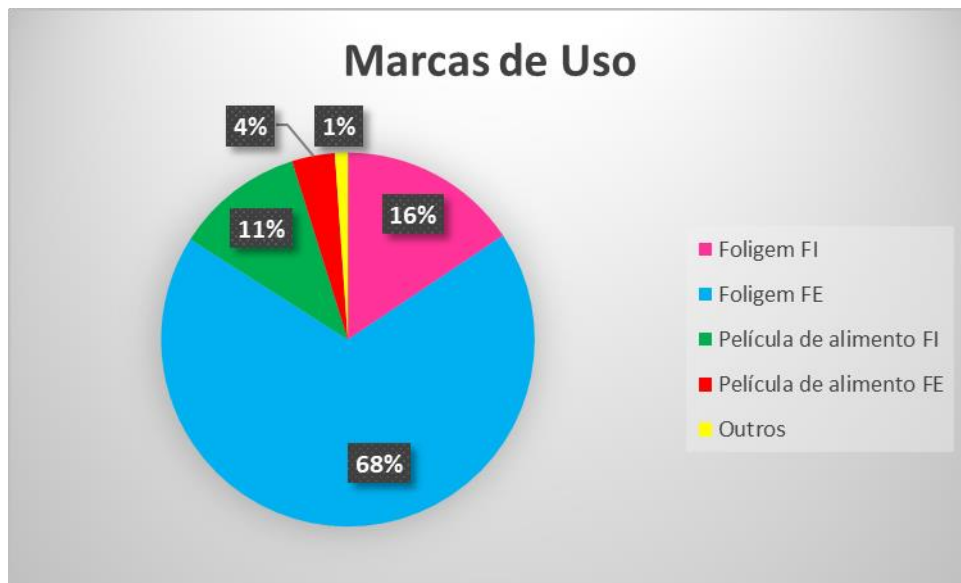


Figura 22. Gráfico de porcentagem de marca de uso

As bases representam um número muito pequeno dentro do sítio (1,36%) e possuem pouca variedade de formas sendo encontradas apenas formas côncava e plana (com ponta angular), esta última com ângulos muito pequenos 3-7 cm (Figura 23). Em um dos casos a base está acompanhada de parte expressiva de parede, o que faz sua suposta forma lembrar um copo.

Apesar do pequeno número, a presença de bases côncavas, raras na arqueologia brasileira, devem ser ressaltadas.

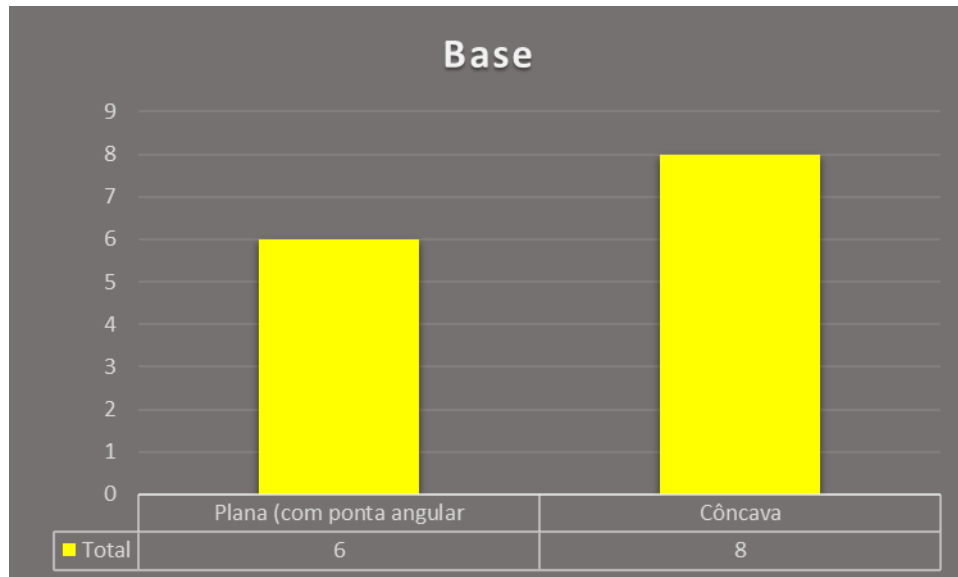


Figura 23. Gráfico de tipo de bases

Percebe-se que não houve uma preocupação por parte das oleiras em relação à decoração dos fragmentos tendo em vista que somente 9,13% da coleção apresenta decoração, seja ela plástica (7,93%) ou pintada (1,20%), essa distribuição está representada na Figura 24 a seguir e Tabela 12 em anexo.

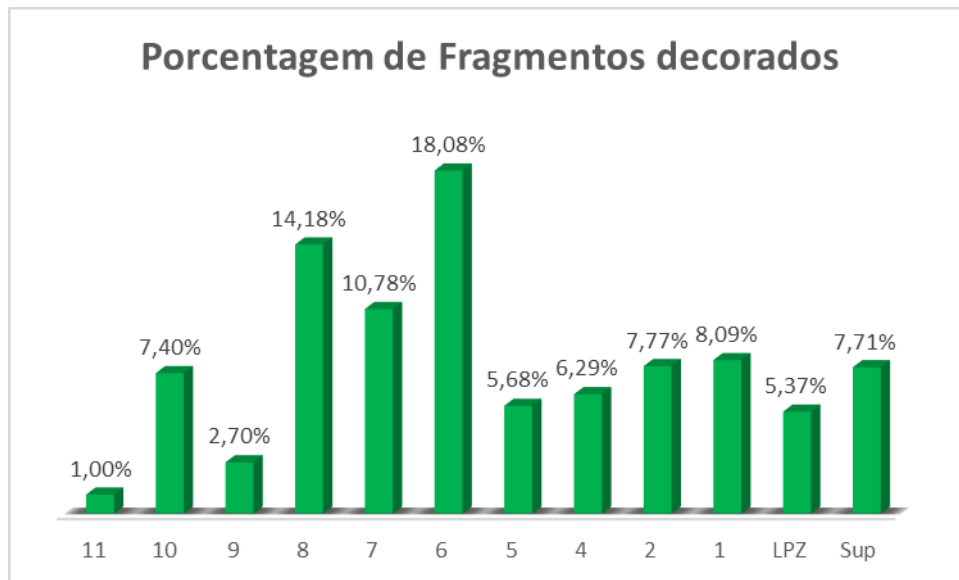


Figura 24. Gráfico com porcentagem de fragmentos decorados por camadas

O local onde a decoração se fez mais presente é entre a borda e a parede, sendo em duas raras exceções distribuída por todo o fragmento. Assim, cerca de 80% dos fragmentos decorados estão associados a fragmentos que apresentam borda.

A morfologia predominante das bordas na coleção foi direta (75%). Como pode ser observado no gráfico a seguir e nas reconstituições, outro ponto importante de salientar é que as bordas extrovertidas, com um ponto angular ou ondulação começam a aparecer de forma significativa a partir da camada 8 (Figura 25). A inclinação predominante é direta (42%), seguida de inclinação interna (30%) e inclinação externa (28%). A espessura com maior visibilidade é normal (83%).

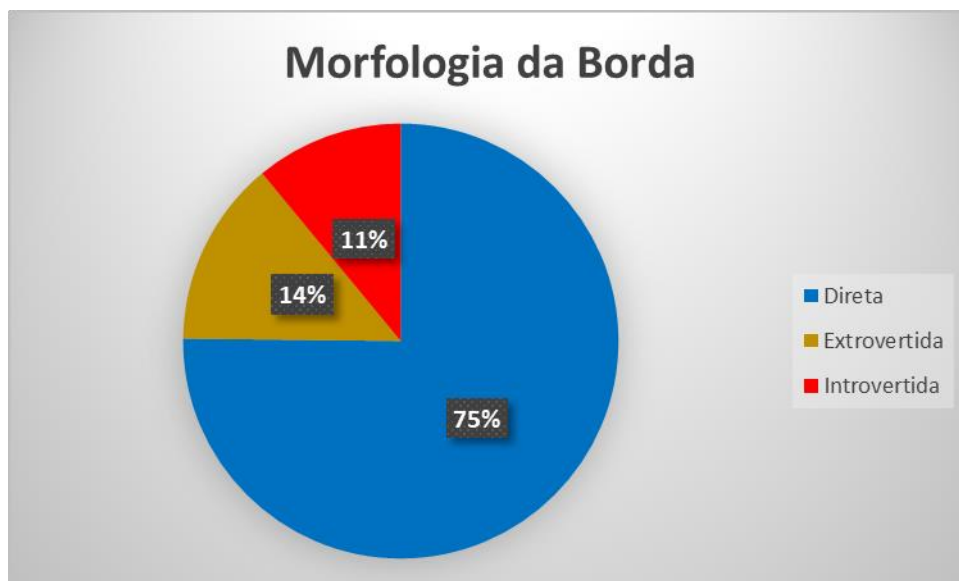


Figura 25. Morfologia das bordas

O lábio arredondado é predominante (59%) aparecendo em todas as camadas, assim como o lábio plano (31%). Dos demais, os lábios biselados (6%) e apontado (4%) representam um número pouco expressivo e não aparecem nas camadas 10 e 11. Os lábios apresentam espessura entre 0,2 a 1,3cm, sendo pouco comum valores superiores a 0,8cm. O diâmetro das bordas varia muito entre 10-56cm³⁰.

Sobre as reconstituições seguindo os critérios para definição e separação de formas empregados por ALMEIDA (2013), se chegou a 9 diferentes formas de vasilhas com diferentes capacidades de armazenagem e funcionalidade. No entanto, dentro da forma 1 existem duas vasilhas que se enquadram dentro dos critérios desta forma, mas possuem uma forma cônica. Assim, se optou por encaixá-las em categorias distintas, vindo a ser designada como forma 10. Também pode haver outra forma que poderia ser elucidada através das bases, já que este sítio apresenta uma base plana com parte da parede que segue ligeiramente inclinada na vertical, lembrando a forma de um copo. Na Figura (26) a seguir é possível observar a densidade de formas de vasilhas reconstituídas no sítio Cipó e, na sequência a descrição de cada forma e suas respectivas capacidades volumétrica dada em litros na Tabela 10.

³⁰ É importante lembrar que o tamanho do diâmetro da borda é definido pelo tipo de vasilha. Assim, uma vasilha com boca aberta (ex: prato) pode ter um diâmetro muito maior do que uma vasilha com boca constrita, mas uma capacidade volumétrica e espessura de parede muito menor que a vasilha com boca constrita. Além de que, geralmente vasilhas com bordas introvertidas tendem a ser mais profundas do que vasilhas extrovertidas como pratos.

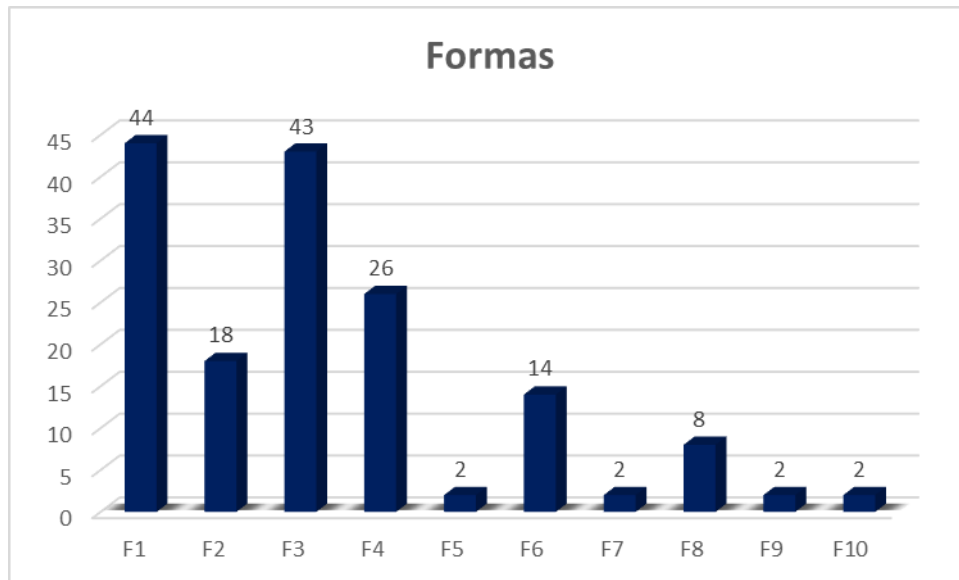


Figura 26: gráfico de densidade de cada forma reconstituída sítio.

FORMAS

Forma 1: Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita.

Forma 2: Vasilha esférica com contorno infletido e boca constrita.

Forma 3 Vasilhas semiesféricas com contorno simples e boca constrita

Forma 4 Vasilha semiesférica com contorno infletido e boca aberta.

Forma 5: Vasilha em forma de calota com contorno simples e boca constrita.

Forma 6: vasilha em forma de calota com contorno infletido e boca aberta.

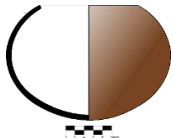
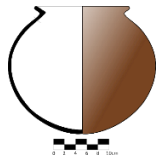
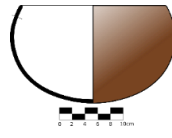
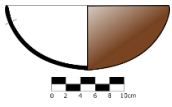
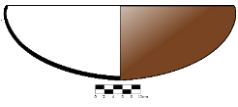


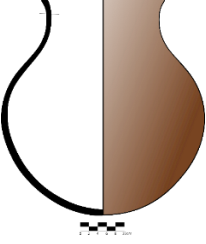
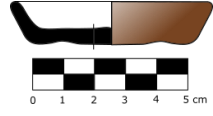
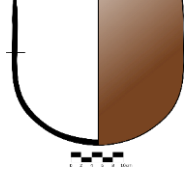
Forma 7: Vasilha com contorno composto.

Forma 8: Vasilha esférica com pescoço, contorno infletido e boca constrita.

Forma 9: Vasilha rasa, prato

Forma 10: Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, com formato cônico.

Tabela 10. Capacidade de volume em litros por Formas das Vasilhas

 <p>Forma 1: 1,03 L a 26,68 Litros</p>	 <p>Forma 2: 4,75 L a 20,12 Litros (de 8 vasilhas apenas duas tem media superior a 8 litros)</p>	 <p>Forma 3: 2,27 L a 35, 21 Litros.</p>
 <p>Forma 4: 1,49 L a 9,27 Litros (só rês vasilhas possuem medida asacima de 3 litros)</p>	 <p>Forma 5: 16,16 Litros</p>	 <p>Forma 6: 1,46 L a 5,31 Litros (só uma vasilha armazena mais que 3 litros)</p>
 <p>Forma 7: 13, 89 Litros</p>	 <p>Forma 8: 4,15 L a 22, 64 Litros</p>	 <p>Forma 9: 0,011 Litros</p>
 <p>Forma 10: 2,65 L e 12,61 Litros</p>		

CAPÍTULO 6: DISCUSSÃO

6.1 CERÂMICA DO SÍTIO CIPÓ – SÍNTESE DA ANÁLISE INTRA SÍTIO

Primeiramente, é importante salientar que se trata de uma coleção com grande diversidade de objetos cerâmicos (parede, borda, base, fuso, alça, asa, bolota de argila) principalmente a partir da camada 6 (para cima) onde, através da cultura material, torna-se visível o processo de contato entre os indígenas e os colonizadores. Logo de início é possível perceber que as oleiras estavam mais preocupadas com a função dos vasos e não com a estética conferida aos mesmos. Se tratando muitas vezes de vasilhas sem muito zelo, confeccionadas aparentemente às pressas provavelmente para uso cotidiano, são formas simples e globulares, acarretando em vasilhas com bordas não retilíneas e com várias ondulações e diferentes espessuras em um mesmo vaso. A cor predominante é o marrom, com espessuras que variam de 5 a 10mm em todo o processo de ocupação. A decoração é praticamente ausente, mas quando presente, em grande parte das vezes a está associada a fragmentos de borda, sendo poucos os fragmentos de parede que possuem decoração. Isso parece indicar que os processos decorativos são confeccionados próximos à borda.

A técnica de manufatura empregada não é propriamente definida, mas a maioria dos fragmentos remete a uma manufatura modelada, ou talvez uma combinação de manufaturas. Em raríssimos casos aparecem a manufatura de placa e rolete ao mesmo tempo, conciliação esta também encontrada por Nunes (com. pessoal, 2018) nas análises dos sítios Porto Belo à montante do rio. Episódio que não é nem um pouco comum para a cerâmica entrada na região Nordeste do país. Na primeira imagem é possível perceber a ondulação do rolete e na segunda fica nítida a placa sobreposta à primeira manufatura por roletes (Figura 27).

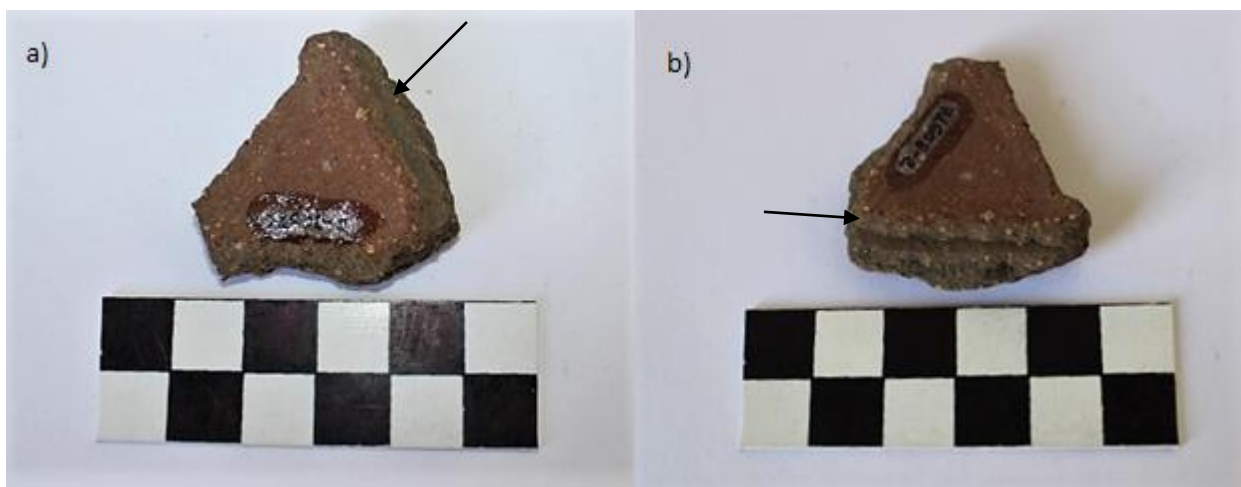


Figura 27. Fragmento com manufatura roletada e sobreposta com placa. A) ondulação do rolete, b) manufatura de placa sobre posta sobre a manufatura roletada. Foto de Adriana Schuster (2018).

A queima da coleção não sofreu grandes variações ao longo dos níveis arqueológicos, em geral mantendo queimas incompletas com núcleo escuro ou misto, com uma face clara e outra escura. Quanto ao estado de conservação dos fragmentos, ao contrário do que se pensa, onde a resistência está associada ao processo de uma boa queima, na coleção do sítio Cipó isso aparenta não interferir. Ao que parece, o estado de conservação está associado à idade dos fragmentos³¹, ou seja, quanto mais antigo mais fragmentado. Outro elemento importante é que cacos que apresentam técnica de manufatura acordelada com alisamento grosso ou sem alisamento são muito mais frágeis e apresentam processo de fragmentação mais elevado. Outra característica referente à conservação dos fragmentos refere-se às suas faces, onde a face externa possui um alisamento mais grosseiro e consequentemente uma maior fragilidade frente à face interna, com alisamento melhor e com grau de erosão mais moderado. Conforme observado, isso pode ser explicado pela necessidade de obter impermeabilidade para estas vasilhas, assim havendo por parte da oleira um zelo maior com o alisamento da face interna a fim de garantir que essas vasilhas não filtrassem os líquidos armazenados. Ambas as características descritas até aqui podem ser visualizadas na imagem a seguir.

³¹ A hipótese mais plausível para tais fragmentos frágeis é a de que naqueles sítios situados as margens do rio São Francisco e sujeitos a inundações periódicas, ocorreu o processo de degradação da cerâmica “destaca-se também que as características técnicas e morfológicas, em estratos distintos, apresentam uma expressiva homogeneidade caracterizadora de uma cultura que ali pertenceu por alguns milênios” (CARVALHO, 2003, p.62)

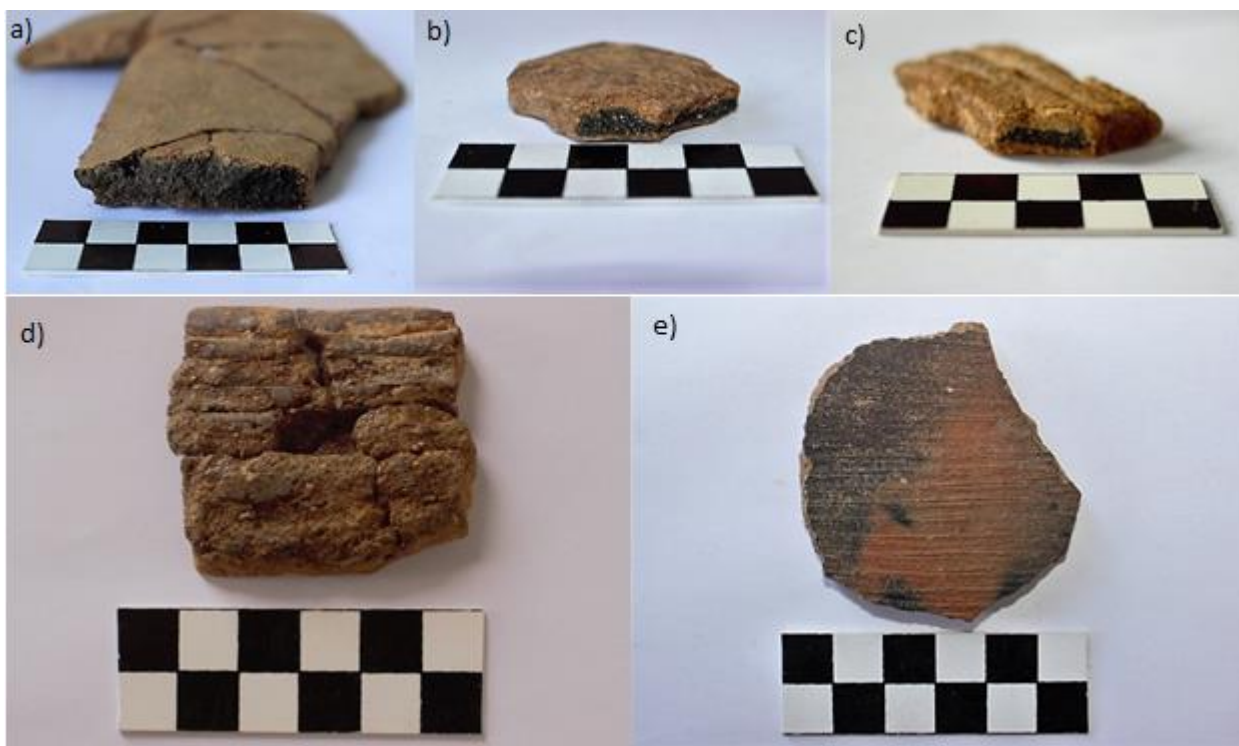


Figura 28. a) Queima incompleta (escura), b) Queima com núcleo expeço escuro e duas faixas finas claras, c) queima com núcleo fino escuro e duas faixas expeças claras, d) fragmento roletado mal alisando, se tornando muito friável e erodindo, e) mancha na peça causada possivelmente durante a queima. Fotos de Adriana Schuster (2018)

Uma hipótese para justificar a erosão e fragilidade dos fragmentos nos níveis mais profundos do sítio é que no período das chuvas ocorrem enxurradas com um índice muito alto de carregamento dos materiais e consequente processo de lixiviação. Tal processo levaria, em muitos casos, à exposição do embasamento rochoso, devido à erosão dos solos³² e consequentemente a exposição dos fragmentos cerâmicos a estas intempéries, contribuindo para a degradação dos mesmos (AB´SABER, 1998; OLIVEIRA et al., 2005). Ao contrário do grau de conservação do sítio, a fragmentação dos cacos aparenta ocorrer com maior expressividade nas camadas mais superficiais como na limpeza. Isso talvez possa ocorrer pelo processo de exposição do material na superfície em zona de circulação, assim havendo intensa perturbação dos fragmentos, principalmente aos cacos expostos na superfície.

³² Isso também pode ter influenciado na reorganização das camadas arqueológicas no sítio ou até mesmo causado uma intensa perturbação na estratigrafia, o que em termos explicaria a presença de louças europeias em camadas tão profundas e intensa presença de cerâmica indígena na superfície do sítio. No entanto isso requer uma maior atenção de estudos de processo de formação do registro arqueológico neste sítio que podem vir a se tornar temas para trabalhos futuros.

As marcas e sinais de uso também aparentam não sofrer alterações ao longo da estratigrafia sendo em geral as mesmas em todo o processo de ocupação: marcas de fuligem, película de alimento, ranhuras, negativo orgânico (pequenas raízes e radículas) na pasta, e, com maior expressividade, marcas de alisamento. Todavia, aparecem dois fatos curiosos na coleção: um fragmento de base com características coloniais que aparenta estar lascado nas áreas de quebra, e outro fragmento de borda com parte do gargalo, assemelha estar propositalmente gasto (lixado) entre a borda e o lábio na face interna. O que remete a um possível entendimento de que estava ocorrendo um processo de reciclagem das vasilhas ou, mais plausivelmente, dos cacos das vasilhas após a quebra (Figura 29).

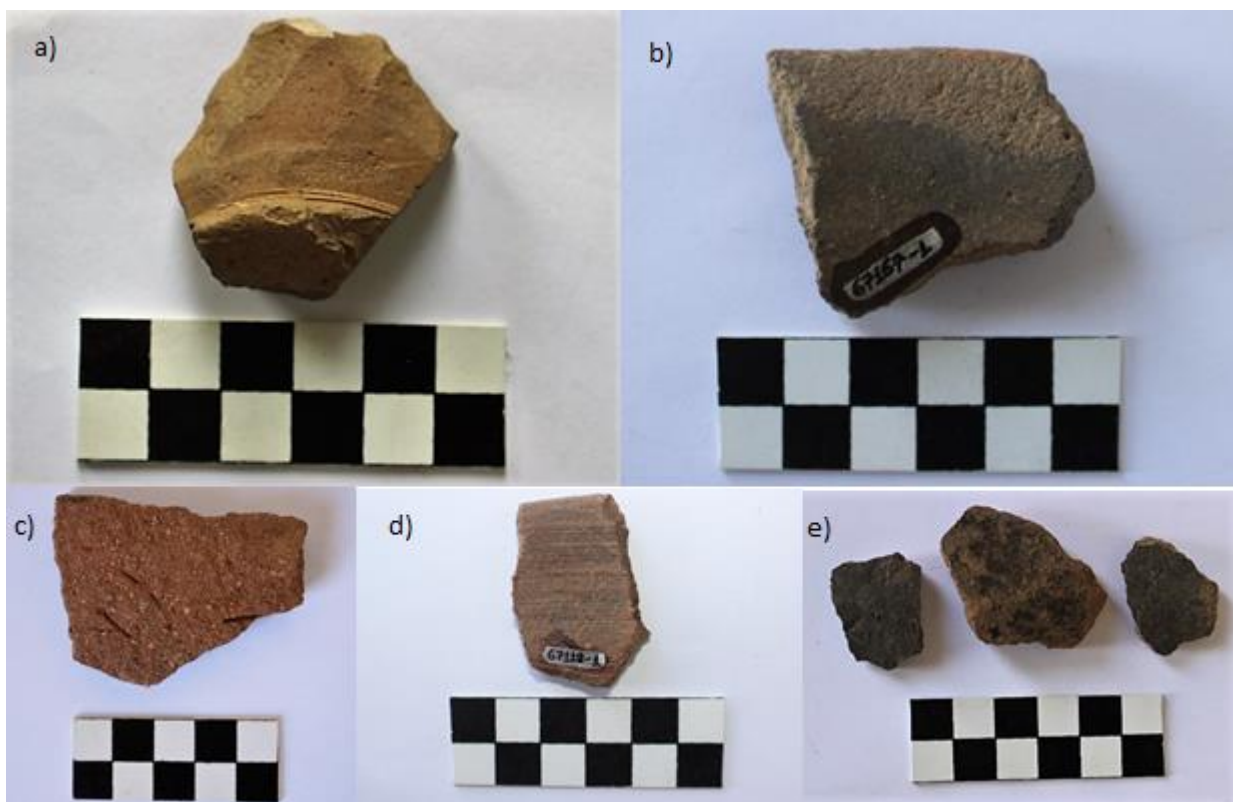


Figura 29. a) Fragmento de base colonial com quebras ligeiramente semelhante a lascamento de material lítico, sendo visível diferentes retiradas na quebra, b) fragmento de borda intencionalmente gasto (lixado), c) negativo de pequenas raízes que estavam presentes na pasta, d) estrias de alisamento, e) fuligem. Fotos de Adriana Schuster (2018).

O que deste modo, elementos que envolvem o processo de manufatura onde ocorrem formas previamente estabelecidas em mente pelo oleiro (a), seu estilo (acabamento) e sua função (utilização) na sociedade na qual está inserida juntamente os elementos que serão adicionados já pensando em um produto final: matéria-prima, antiplástico, textura, tratamento de superfície e o fator simbólico que pode envolver ou não a utilização de decoração (LA SALVIA e BROCHADO, 1989). Sendo assim, a partir de agora serão elucidados esses atributos fundamentais na morfologia das vasilhas, que juntamente com a reconstituição das formas tornaram perceptível quatro momentos distintos na ocupação ceramista do sítio Cipó (Tabela 11).

Como sempre, trata-se de explicar os dados a partir do início da ocupação ceramista, atendendo primeiramente as camadas mais antigas do sítio. Observa-se um primeiro momento estabelecido entre as camadas 11 a 9, onde só aparecem as formas 1 e 3 para as vasilhas e rodas de fuso, importante indicador de atividades de tecelagem no sítio a partir dos primórdios da confecção da cerâmica. Tratam-se de vasilhas simples onde as características das formas são muito semelhantes e a capacidade volumétrica em geral não ultrapassava 10 litros. Ou seja, vasilhas pequenas a medianas, com tratamento de superfície em geral alisado, a decoração quando presente é somente plástica: inciso, escovado e inciso/escovado (Figura 30). O antiplástico é basicamente mineral; quartzo (areia), mica e feldspato, elementos mal selecionados, havendo diferentes tamanhos de grãos em um mesmo fragmento e diferentes proporções.

No que se refere ao antiplástico, uma característica comum nesta coleção é a presença de antiplástico mineral em todos os fragmentos de todos os agrupamentos, independente de possuir ou não outro elemento em sua composição, o que pode indicar que as fontes de matéria-prima da argila estão localizadas próximas aos sítios, ambientes estes inseridos em terraços de sedimento silto-arenoso. Tal fato corrobora com a interpretação de que a fonte de matéria prima contém naturalmente areia e até certo ponto podem ter diminuído sensivelmente a plasticidade das vasilhas (OLIVEIRA et al, 2005 e PAX, 2007). Assim também explicaria a presença de mica³³ e feldspato³⁴ presente como antiplástico (geralmente com menor densidade em relação ao quartzo), sendo estes os minerais que fazem parte e compõem de forma significativa na formação das rochas locais (MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007).

³³ **Mica;** Duas variedades principais. A muscovita. – Mica branca, incolor, também esverdeada, ou amarelada, mineral comum em rochas graníticas, pegmatitos, micaxistos, gnaisses e muitas vezes em sedimentos, pelo fato de ser um mineral quimicamente estável; a biotita – mica preta, silicato complexo, com cor preta ou preto-acastanhado, constituinte comum em granitos, micaxistos e gnaisses (MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007). As rochas locais desta área entorno do rio possuem grande quantidade de moscovita (tipo de micas encontro na pasta), que podem ser observadas pelo brilho que produzem, semelhante ao glitter.

³⁴ **Feldspato:** Componente mais importante na constituição das rochas cristalinas, tanto em rochas claras como escuras (MELLO, SILVA e FOGAÇA 2007).



a e b) Fragmentos de borda com decoração escovada na vertical, c) fragmento de fuso, d) fragmento de base, e) fragmento com exposição de grandes grãos de quartzo como antiplástico.

O segundo momento (agrupamento 2) na cerâmica do Cipó ocorre entre a camada 7 e 8, onde as formas 1 e 3 permanecem, mas é nesse momento em que passa a ocorrer uma preocupação com a criação de novas formas e a inserção de novos elementos nas vasilhas. Nesta fase é onde ocorre a maior diversidade de vasilhas no sítio: surgem então, as formas, 4, 5, 6, 7, 9 e 10 sendo que as formas 5, 7 e 9 só são encontradas nesse agrupamento, alguns poucos fragmentos apresentam tratamento de superfície de engobo vermelho e barbotina. O antiplástico continua o mesmo com a exceção de um fragmento que apresenta óxido de ferro (Figura 31).



a e b) decoração plástica, a esquerda incisa larga e na direita roletada, c) bolota de argila que parece ter sido usada como molde, d - e) fragmentos de base.

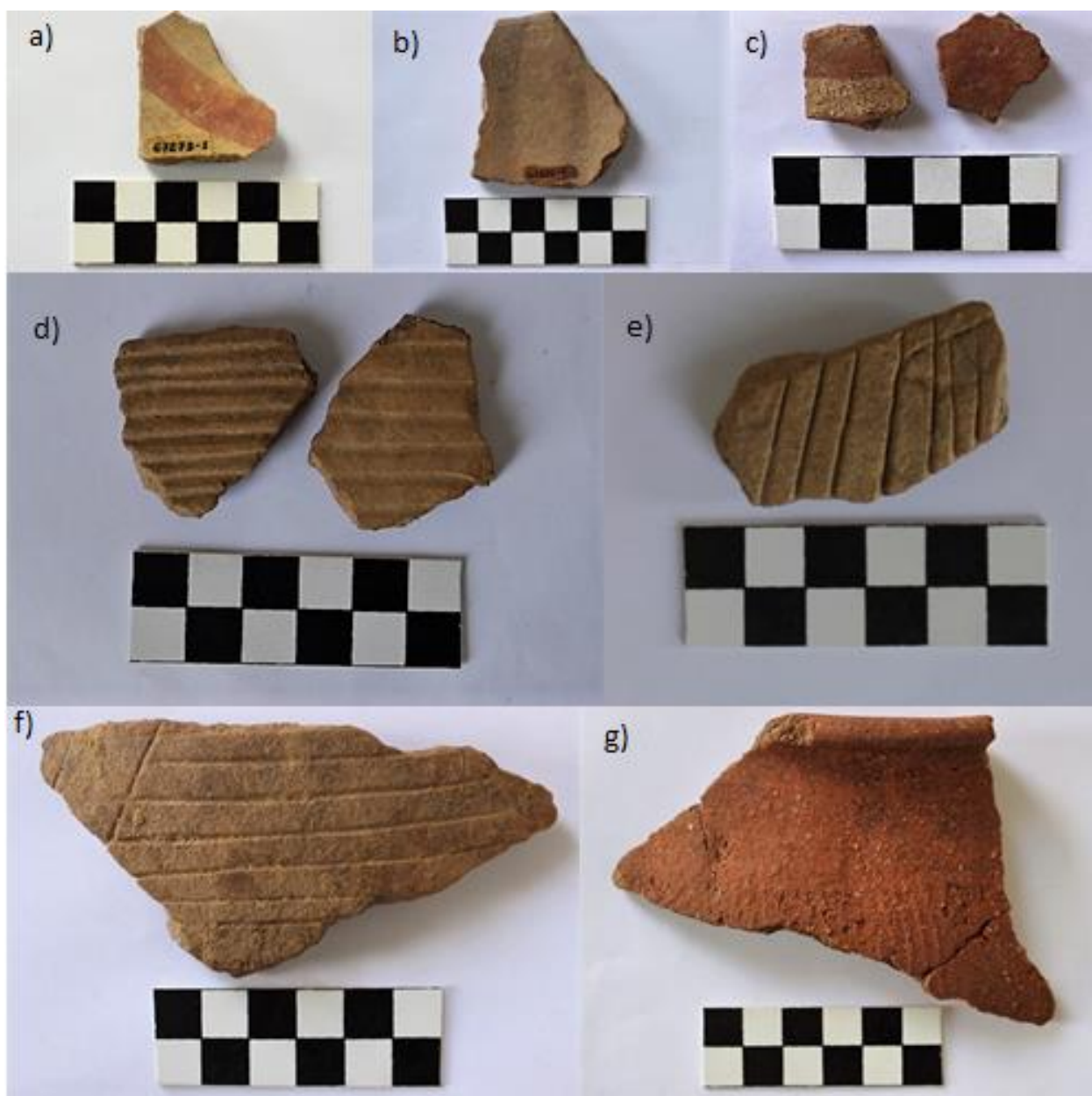
Até esse momento a pasta é dividida em duas, uma com antiplástico muito angular e outra com antiplástico médio angular. O fim deste segundo momento é marcado por um fator decisivo no sítio, a partir daí a cultura material revela claros indícios do contato com o colonizador europeu.

O terceiro momento (agrupamento) ceramista no sítio se dá a partir da camada 6, na qual algumas formas anteriormente confeccionadas no sítio (quais ?) deixam de existir e ocorre uma dualidade entre a cerâmica indígena e as chamadas cerâmicas históricas de torno ou com esmalte como tratamento de superfície. Estas, porém, sempre em pequenas quantidades tendo sempre em média três fragmentos por camada com a característica de cerâmica de contato. Ao que tudo indica a inserção desta cerâmica parece não ter sido muito bem aceita, pois continua ocorrendo muita cerâmica indígena no sítio até as camadas de superfície e muita presença de louça histórica (faiança, faiança fina e possíveis outras), assim pode-se supor que a fusão entre as culturas não ocorreu de imediato, levando ainda tempo para que ocorresse uma maior proximidade entre as formas de confeccionar utensílios domésticos entre os indígenas nativos e os colonizadores.

As formas 1, 3, 4, 6 e 10 permanecem e surge então, a forma 2, caracterizada por vasilhas com flange ou inflexão na borda, e é a partir da camada 4 essas bordas introvertidas e com inflexão passam a apresentar decoração plástica ungulada ou entalhada no lábio (Figura 37). Outra forma presente neste momento é a que lembra a forma de um copo, como já foi descrita no tópico anterior, elucidada através de uma base plana com diâmetro de 4 cm e uma pequena porcentagem de parede que segue inclinada na vertical (Figura 32). Começa então a haver presença de cerâmicas com decoração pintada (branco, vermelho, preto e marrom) muitas vezes de branco sob o engobo vermelho (Figura 33), além das vasilhas também são encontrados fragmentos de roda de fuso, alça e asa. Ao que tudo indica a partir desse momento ou há uma mudança na fonte de extração de matéria-prima da argila, ou passa a ocorrer a adição intencional de óxido de ferro, calcário e grafite no tempero das vasilhas. Em alguns casos a adição de óxido de ferro é tão intensa que pode ser perceptível a olho nu, sem o auxílio de lentes microscópicas, em pastas que adquirem tonalidade avermelhada (Figura 34).



Fragmento de base que remete a forma de um possível copo.



a, c) Fragmentos com decoração pintada em vermelho, b) fragmento com decoração pintada marrom, d) fragmentos com decoração plástica inciso largo, e-f) Fragmentos com decoração plástica inciso fino, g) fragmento com decoração plástica escovada.



Figura 30. a) fragmento de cerâmica colonial confeccionada com torno e adição de esmalte como tratamento de superfície interna, b) fragmento com nítida percepção de óxido de ferro como antiplástico.

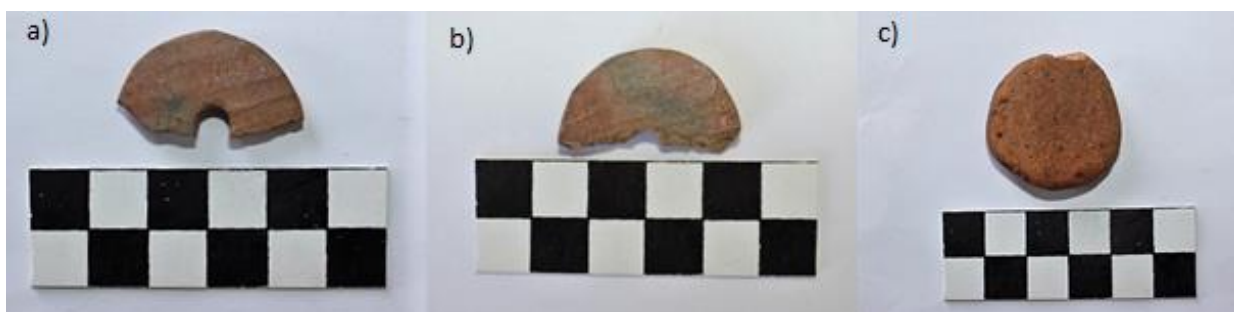
O quarto e último momento (conjunto) para a cerâmica do sítio Cipó acontece nas camadas de limpeza e superfície com a inserção dos potes com gargalo (forma 8) e presença de fragmentos de cerâmica enegrecidas³⁵ (Figura 38), também encontradas por Dantas (com. pessoal, 2017) na camada 1 do sítio Vitória Régia, localizado à jusante da barragem de Xingó, marcando o último momento de ocupação do sítio. O engobo vermelho (Figura 35) neste momento do sítio Cipó aparece em mais 70% dos fragmentos da superfície³⁶. O antiplástico permanece o mesmo encontrado no terceiro momento, no entanto demonstra que a adição de óxido de ferro, calcário e grafite é ainda maior neste último nível de ocupação. A decoração continua a mesma do conjunto anterior (Figura 37) e assim como no primeiro conjunto, ainda se tem atividade de tecelagem marcada pela presença de rodas de fuso (Figura 36).

³⁵ Não se trata de um tratamento de superfície e sim um atributo que já está presente na pasta. O pigmento é tão intenso que ao esfregar o dedo sobre a peça a mesma pigmenta o dedo permanece com uma coloração preta.

³⁶ Acredito que este aumento esporádico de fragmentos com engobo vermelho na superfície aconteça por se tratar de uma coleta seletiva do material no sítio, já que, não se tinha a preocupação de realizar a coleta de todo o material encontrado na área do terraço, assim se optou em coletar os fragmentos mais “belos”.



Figura 31. a e c) fragmentos com decoração pintada em branco sobre engobo vermelho, c) decoração pintada em vermelho.



A e b) fragmentos de fuso com engobo vermelho e decoração pintada com pigmento escuro, c) fragmento do que poderia vir a ser um fuso.



Figura 32. A,b,c) decoração plástica entalhado (a e b) e ungulada no lábio, d) decoração plástica carimbada, e) decoração plástica inciso fino em linhas que se cruzam.



Figura 33. Cerâmica enegrecida

O que se percebe na divisão dos quatro momentos (conjuntos) registrados para a ocupação ceramista do sítio é que se trata da mesma indústria cerâmica todo o tempo, acontecendo

transformações (ganhando ou perdendo elementos) marcadas pelos conjuntos ao longo do tempo não sendo percebida nenhuma uma ruptura no registro com o modo de fazer cerâmica ancestral.

6.2 COMPARAÇÃO ENTRE SÍTIOS

A cerâmica do sítio Cipó não foge à regra das cerâmicas encontradas na área de Xingó, possuindo muitas características similares às cerâmicas já estudadas nos sítios São José 1 e 2 (LUNA e NASCIMENTO, 2000), Justino (LUNA; NASCIMENTO, 2002; DANTAS; LIMA, 2014), Jerimum (OLIVEIRA et al., 2005) e Curituba 1 (VERGNE et al., 2006). Tal semelhança também é percebida se comparada às indústrias que atualmente estão em análises: sítio Vitória Régia 1,2 e 3 por Dantas e Leão, sítio Porto Belo 1 e 2 por Nunes, e o sítio Barracão por Paiva.

De modo geral todos os sítios apresentam uma cerâmica simples, majoritariamente com acabamento alisado em ambas as faces, com corpos não simétricos, estando presente nos sítios moradia e cemitério sem que haja uma distinção de vasilhas (LUNA; NASCIMENTO, 2000 e 2002; VERGNE et al., 2006; DANTAS; LIMA, 2014).

As semelhanças da cerâmica do sítio Cipó não se limitam apenas às adjacências de Xingó e suas cerâmicas não classificadas. Essa região possui um rico potencial e fusão com culturas menosprezadas até o presente momento por estudos arqueológicos, criando assim uma ruptura da arqueologia com a história e etnologia, separando os registros arqueológicos dos grupos culturais encontrados na região durante o período de contato e colonização e descritos até hoje. Argumenta-se aqui que existem indícios de cultura material no sítio Cipó que podem ser relacionados aos grupos tapuias (Kariri e Xokó) encontrados às margens do São Francisco quando os colonizadores chegaram a essas terras, e que ainda hoje lá residem.

A indústria cerâmica do Cipó se assemelha à encontrada nos sítios São José 1 e 2 onde na grande maioria dos fragmentos não é possível identificar a manufatura: somente uma pequena quantia pode ser considerada acordelada e menos ainda torneada. Entretanto, percebe-se uma discordância com a manufatura cerâmica empregada nos sítios Curituba 1, Justino e Jerimum onde todos se configuraram por possuir técnica de manufatura acordelada, por roletes de argila

(LUNA; NASCIMENTO, 2000; LUNA; NASCIMENTO, 2002; DANTAS; LIMA, 2014; OLIVEIRA et al., 2005 e VERGNE et al., 2006). Essa técnica de manufatura também associada às análises prévias das coleções cerâmicas do Sítio Barragem, Cipó e Barracão (na fase considerada pré-colonial) (PAX, 2007). Porém o que se observou durante a reanálise da coleção do Sítio Cipó foi uma técnica majoritária de manufatura não identificada, remetendo logo de imediato a pensar que se trata de uma manufatura modelada, não deixando negativos da técnica de confecção. Apenas em 10% dos fragmentos foi possível diagnosticar com segurança a manufatura acordelada e de modo praticamente inexpressivo a cerâmica torneada³⁷.

O fato de a maior parte desta cerâmica ser possivelmente modelada remete a compará-la com a cerâmica atualmente produzida entre os índios Xokó na ilha de São Pedro no município de Porto da Folha - SE. A técnica de manufatura das vasilhas se inicia com um punhado de barro que vai sendo socado e modelado até conferir uma forma côncava, delineando a base das vasilhas, a partir daí, são adicionados roletes construindo a parede dos vasos, que mais tarde recebem o alisamento para garantir resistência e impermeabilidade das vasilhas. No entanto, os roletes só são empregados nas paredes de vasilhas maiores, pois no que se refere a vasilhas menores a técnica modelada tem maior empregabilidade, sendo assim a técnica adotada varia de acordo com a dimensão desejada as vasilhas (DANTAS; LIMA, 2014). Essa junção de técnica de manufatura modelada e acordelada em uma mesma vasilha é observada em alguns fragmentos do sítio Jerimum em Xingó (OLIVEIRA et al, 2005) e parece ocorrer nas vasilhas inteiras do sítio Justino (ALMEIDA, com. pessoal).

A decoração no sítio Cipó é praticamente ausente em todo o processo de ocupação, sendo que nas camadas mais superficiais existem decorações plásticas e pintadas (vermelho, branco, marrom e preto). Neste sítio em geral as pinturas são realizadas com tinta branca sob engobo vermelho, processo esse que também ocorre no sítio Curitiba (VERGNE et al., 2006). Já nos sítios São José 1 e 2 parece ocorrer o oposto, com pinturas de tinta vermelha sob engobo branco, enquanto no sítio Jerimum se descreve apenas que a pintura era realizada com pigmento vermelho (LUNA; NASCIMENTO, 2000; OLIVEIRA et al., 2005). Nas camadas mais recentes

³⁷ A técnica de torno é identificada também nos sítios São José 1 e 2 e Barracão (LUNA e NASCIMENTO, 2000; PAX, 2007). Em todos os casos em que aparece manufatura de torno está associada a vasilhas de louça esmaltada presente nas camadas mais recentes, relacionada aos colonizadores já que o torno foi introduzido no Brasil pelos Europeus e, assim como no sítio São José no Cipó não se observa nenhuma influência na técnica de confecção da cerâmica indígena (LUNA; NASCIMENTO, 2002).

do Cipó muitos fragmentos apresentam engobo vermelho como tratamento de superfície, em alguns casos marrom (barbotina) e branco. Como observado na indústria do sítio Cipó, nos níveis mais profundos de ocupação a diversidade de decoração é menor, se tratando apenas de decoração plásticas roletada, escovada, inciso e inciso/escovada. O mesmo acontece no sítio Curituba, porém parece haver um maior cuidado na elaboração da decoração nesses níveis mais remotos de ambos os sítios, aparentando possuírem traços mais precisos.

Nos níveis mais recentes de ocupação há uma maior diversidade de decorações que remetem terem sido elaboradas às pressas. O sítio Cipó, diferentemente dos demais sítios já estudados, não apresenta nos níveis mais profundos decoração ponteadada e corrugada. Como pode ser observado no relato de CARVALHO (2003). “... a cerâmica apresenta-se bem mais elaborada, com relação à decoração plástica, predominando a roletada incisa, aparece também a escovada, excisa, ponteadada e corrugada, a decoração pintada ocorre em pouquíssimos fragmentos e, quando aparece evidencia de pintura nas cores vermelha e branca” (p.62). Esta informação também é observada por outros pesquisadores que trabalharam ou trabalham com materiais provenientes de outros sítios em Xingó, como relatado pelas pesquisadoras Luna e Nascimento para o sítio São José 1 e 2 no ano (2000) e dois anos mais tarde (2002) para o sítio Justino.

A queima encontrada no Cipó parece ser a mesma empregada nos demais sítios (São José 1 e 2, Justino, Curituba 1 e Jerimum). Em geral ela é redutora, o que representa que estas vasilhas vinham sendo queimadas em fogueiras a céu aberto, não atingindo assim altas temperaturas, resultando em uma queima com baixa intensidade e em muitos casos apresentando manchas na superfície dos fragmentos. O acabamento da superfície é predominantemente alisado em ambas as faces para todos os sítios (LUNA; NASCIMENTO, 2000; 2002; OLIVEIRA et al., 2005; VERGNE et al., 2006).

Em todos os sítios estudados até o presente momento em Xingó o antiplástico é majoritariamente composto por areia, areia e mica, e em poucos casos se menciona o feldspato, como é o caso do sítio Jerimum, entretanto no mesmo sítio a mica aparece apenas em 4,31% da coleção (LUNA; NASCIMENTO, 2000; 2002; OLIVEIRA et al., 2005; VERGNE et al., 2006; DANTAS; LIMA, 2014). Luna e Nascimento (2000), referindo-se ao sítio São José 1 e 2, acreditam que a areia seria de fácil acesso na região e assim adicionada como tempero às pastas. A mica, por sua vez, não possuiria uma adição intencional, pois ocorre naturalmente nas fontes de

matéria prima de extração da argila nessa região (LUNA; NASCIMENTO, 2000; OLIVEIRA et al., 2005). Desse modo, os fragmentos com pasta contendo ou não mica como adjetivo indicariam diferentes áreas de extração de matéria prima. Uma segunda inferência seria que nem mesmo a areia (quartzo) era intencionalmente empregada a pasta, já que os terraços estão situados em sedimento silto-arenoso e as fontes de matéria prima seriam naturalmente contaminadas com areia (LUNA; NASCIMENTO, 2002; CARVALHO, 2003; OLIVEIRA et al., 2005; VERGNE et al., 2006; DANTAS; LIMA, 2014). O que poderia ocorrer seria uma seleção de grãos de quartzo previamente na argila antes do preparo (VERGNE et al., 2006), como ainda hoje ocorre na confecção da cerâmica Xokó. Nesta, já com a cerâmica batida, a oleira realiza uma limpeza na pasta antes de modelá-la retirando impurezas contidas, como pedrinhas maiores e matéria orgânica (DANTAS; LIMA, 2014). A cerâmica Xokó também apresenta areia e mica na pasta. O fato é, que no sítio Cipó nas camadas mais superficiais os adjetivos encontrados na pasta vão muito além de quartzo e mica, notando-se a presença, por exemplo, de grafite, elemento este encontrado em outras cerâmicas regionais. A cor dos fragmentos aparece na grande maioria das vezes em tonalidades de marrom, seguida de vermelho e em poucos casos cinza (LUNA e NASCIMENTO, 2000; OLIVEIRA et al, 2005). As cerâmicas Xocó também possuem tonalidades variando entre o vermelho e o marrom (DANTAS; LIMA, 2014).

Os sítios São José 1 e 2, Barracão e Jerimum apresentam uma sequência vertical muito semelhante à encontrada no sítio Cipó: dos níveis 5 e 6 para baixo ocorreriam apenas cerâmicas indígenas; a partir daí até as camadas de superfície se percebe a presença de cerâmicas confeccionada em torno, louças, tratamento de superfície de esmalte no sítio, marcando o início do processo de contato e colonização que mais tarde viria a dizimar grande parte, mas não todos os indígenas do baixo São Francisco.

Ao que tudo indica durante todo o processo de ocupação ceramista estavam ocorrendo atividades de tecelagem, sendo encontrados fragmentos de fuso do início ao fim da ocupação ceramista no Cipó. Este não era o único sítio que contava com essa atividade, sendo encontrada uma quantidade significativa de fusos também no sítio Jerimum (OLIVEIRA et al, 2005).

Quanto às formas das vasilhas encontradas no sítio Cipó, a grande maioria delas se assemelha às descritas para o sítio Curituba³⁸. As formas 1,3 e 4 do Cipó são semelhantes às formas encontradas no sítio Jerimum. No nível 5 se tem o surgimento da forma 2, uma cerâmica aparentemente simples e esférica com a presença de um ângulo ou flange na boca da vasilha, que na maior parte das vezes contém decoração plástica ungulada ou entalhada no lábio ou flange. Nascimento (com. pessoal) relata já ter visto a confecção destas vasilhas por Xokó, sendo assim essas cerâmicas possivelmente são homólogas às dos Xokó.

Em geral o perfil técnico e morfológico das cerâmicas encontradas em Xingó apresentam as mesmas características técnicas e morfológicas às do sítio Cipó nos dois grupamentos mais antigos. Depois disso o sítio Cipó continuará a possuir as mesmas características que os outros sítios, mas apresentando ao mesmo tempo elementos particulares e únicos para a região até agora, como antiplástico de grafite e calcário e possuindo além das formas de vasilhas já tradicionais Kariri e Xokó, o que pode indicar que estes eram os grupos que habitavam Xingó ou pelo menos frequentavam constantemente (tendo em vista a quantidade de vasilhas atribuídas a eles) sendo os responsáveis pela confecção das cerâmicas dessa região (LUNA; NASCIMENTO, 2002). O que corrobora com os relatos de AB`SABER (2002, p.21) onde o mesmo sugere que estava ocorrendo desde tempos imemoráveis uma intercomunicação facilitada pelo curso do rio entre grupos vizinhos, de procedência étnica e cultural e de comportamento pacífico.

Não restam dúvidas sobre a semelhança entre o fragmento cerâmico encontrado no sítio Cipó e a vasilha localizada recentemente no fundo do rio próximo a Ilha de São Pedro, Porto da Folha (há aproximadamente 47 km do sítio Cipó em linha reta), com a descrição feita para a confecção de panelas Xokó. Em ambos os casos se tratam de panelas com borda extrovertida, seguida de alisamento no sentido horizontal logo a baixo da borda e um possível escovado na vertical na parede (Figura 39 e 40). Informações que conferem com a descrição da confecção de vasilhas Xokó, sendo que o suposto escovado nada mais é do que um alisamento realizado com sabugo de milho na vertical, a fim de garantir maior abrasão da vasilha durante seu manuseio (DANTAS, 1983). Este procedimento também é conferido entre os grupos Kaingang no sul do Brasil, que como tratamento de superfície escovam suas vasilhas com sabugos de milho. Esse

³⁸ Não existem imagens ou reconstituição para as vasilhas desse sítio.

tratamento acaba deixando marcas que podem ser atribuídas à decoração plástica das vasilhas (LIMA, 1987).

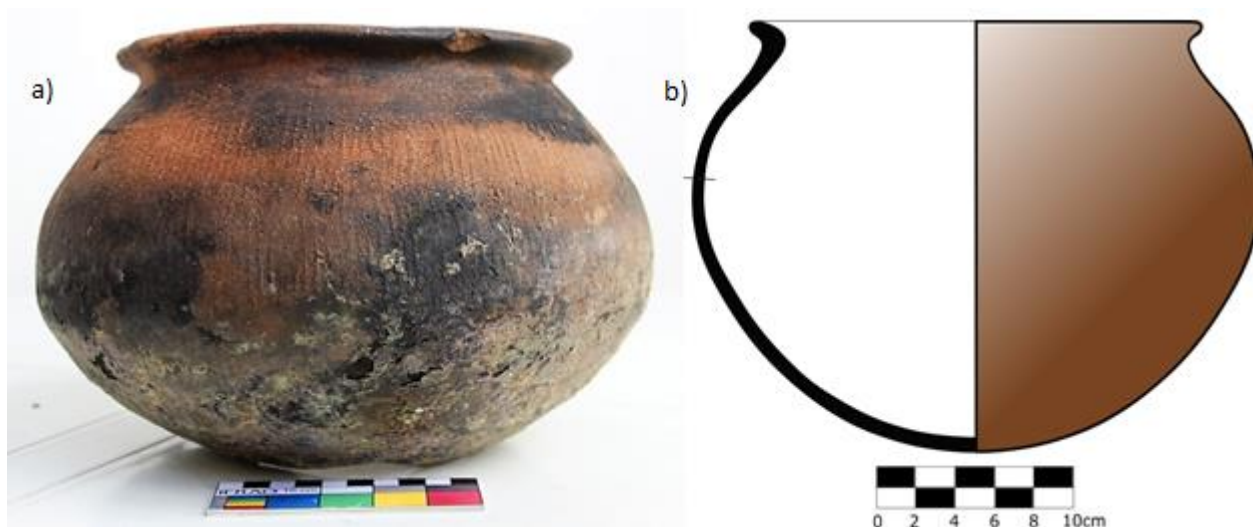


Figura 34. A esquerda imagem da vasilha Xokó encontrada no fundo do rio São Francisco próximo a ilhas de São Pedro em Porto da Folha – SE. Fonte: Acervo do MAX. Ao lado direito se tem a reconstituição hipotética da borda fragmentada visualizada na imagem 40. Foto de Adriana Schuster (2018).

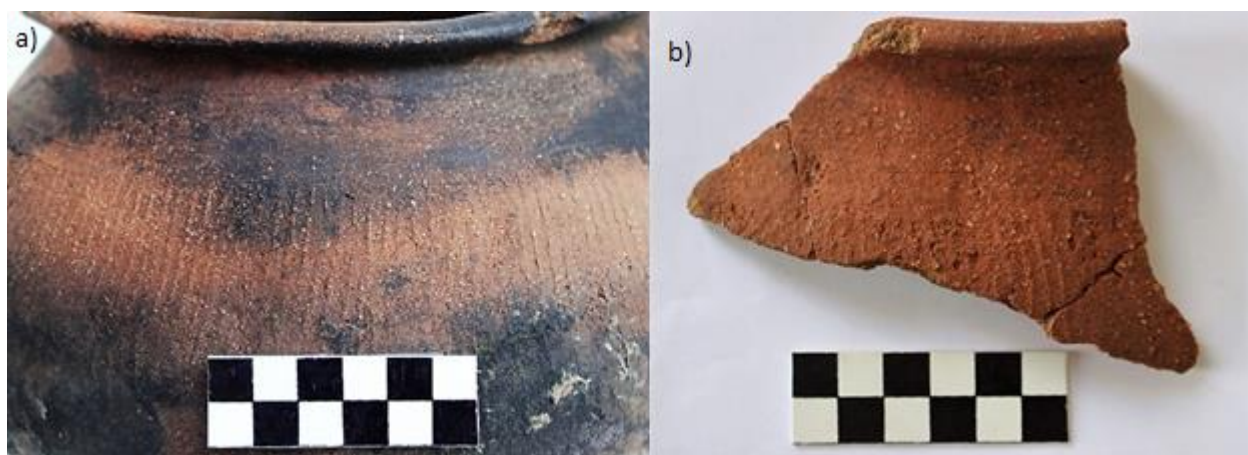


Figura 35. Ambas as vasilhas possuem borda extrovertida com alisamento na horizontal logo a baixo da borda e parede com falso escovado de sabugo de milho. Características presentes na cerâmica Xokó. A imagem a) refere-se a vasilha Xokó encontrada no fundo do rio São Francisco próximo a ilhas de São Pedro em Porto da Folha – SE. Fonte: Acervo do MAX, e a imagem b) um fragmento de vasilha presente no nível dois do sítio Cipó. Fotos de Adriana Schuster (2018).

Além da vasilha Xokó existem as formas de potes atribuídas a Kariri, como descrevem BANDEIRA, 1972, ANTUNES, 1984; MEDEIROS FILHO, 1984; LIMA, 1987; PINTO, 2013; QUEIROZ, 2015. São amplamente difundidos na região Nordeste e nas culturas atuais (LIMA, 1987), assim sendo utilizadas ainda hoje nas casas dos sertanejos com a finalidade de armazenar e manter a água sempre fresca, essa empregabilidade para os potes foi aplicada pelos indígenas (LIMA, 1987; QUEIROZ, 2015), algumas vezes sendo distinguida em moringas e potes. A seguir é possível visualizar algumas dessas formas encontradas no sítio Cipó (Figura 41).

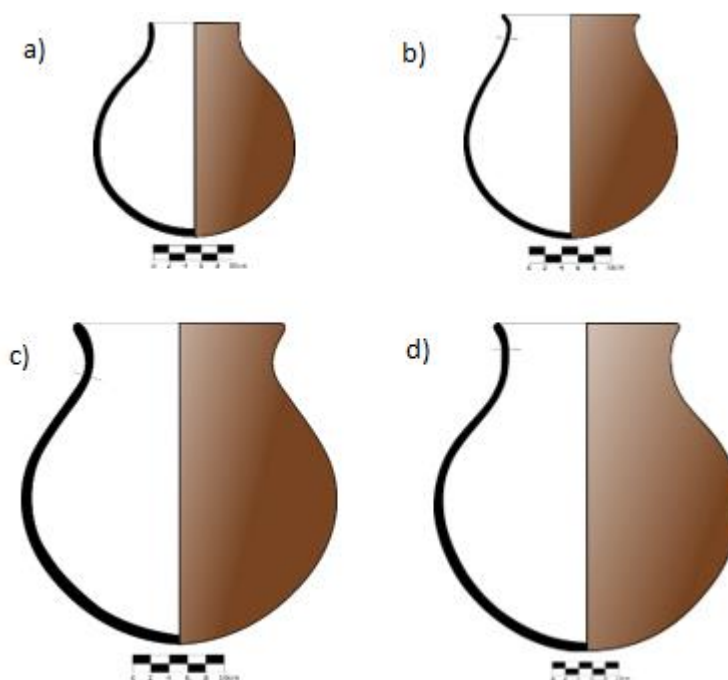


Figura 36. Potes de água possivelmente Kariri.

Também são descritos por CARVALHO (2003) “jarros” entre os vasilhames aratu encontrados no estado, cuja altura é igual ou maior que o diâmetro máximo do bojo e que apresenta constrição na parte superior, formando gargalo e utilizados para armazenar líquidos. Diria ainda que tanto a cerâmica do sítio Cipó quanto a da região de Xingó como um todo apresentam muita similaridade com a cerâmica Aratu encontrada em Sergipe.

Ao que tudo indica até agora na comparação entre os sítios é que estava ocorrendo um contato de pessoas não só em Xingó, mas com outros grupos próximos inseridos no curso do rio, ideia essa também compartilhada (AB’SABER, 1998, p 21). “...todos os pequenos grupos

beiradeiros, ligeiramente separados entre si pela descontinuidade entre os tratos de terraços fluviais existentes no fundo do *canyon*". O que reforça a ligação, convívio e relações entre os povos de Xingó, assim edificando a ideia de que a cultura material é muito similar em todos os terraços de Xingó, por se tratar de uma separação apenas baseada na capacidade de espaço dos terraços, acarretando em poucas mudanças significativas nos artefatos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho buscou-se compreender as semelhanças e diferenças do material cerâmico ao longo do tempo no sítio Cipó. Para que isso fosse possível, primeiro foi realizado um levantamento dos estudos arqueológicos no Nordeste e delineado os diferentes contextos encontrados até o presente momento. Na sequência mapeou-se as principais tradições ceramistas (Tupi e Aratu) registradas na região e seus pontos de incidência, principalmente no que se refere ao médio e baixo curso do rio São Francisco. Dando sequência, foi feita a caracterização da região de Xingó, a formação geológica, clima e vegetação encontrada nos últimos 10 mil anos, quando teriam chegado os primeiros caçadores-coletores às praias de seixos que formam os terraços fluviais do rio São Francisco.

Esses grupos teriam encontrado no local condições ideais para sua permanência, possuindo água em abundância o ano inteiro. Mais tarde, por volta de 5 mil anos, teriam sido substituídos por outros grupos, recebido de fora ou desenvolvido a cerâmica. Esta seria empregada ao seu cotidiano, seja como utensílio doméstico ou ritual.

Foram apresentados então os Xokó e Kariri, grupos étnicos denominados Tapuias que viviam nas proximidades ou até mesmo em Xingó e que produziam (e ainda produzem) cerâmica. Tal apresentação foi fundamental, pois neste trabalho foram identificadas evidências de que o sítio Cipó possui vasilhas diagnósticas de ambos os grupos, atestando a presença Kariri e Xokó no sítio. Tema retomado adiante.

Para dar sustentação ao trabalho foi descrito como o sítio foi escavado, quais elementos foram investigados nas análises e suas possíveis contribuições para o entendimento do conjunto cerâmico estudado. As análises do sítio Cipó permitiram chegar a algumas considerações. Esse sítio apresenta pelo menos quatro momentos de transformação (inserção) de cerâmica ao longo do tempo, começando com formas simples e mais recentemente produzindo formas mais elaboradas. Trata-se de uma mesma indústria que vai se transformando, perdendo e atribuindo novas formas e elementos a confecção de suas vasilhas. Isso, sem perder a essência da confecção originária que está juntamente presente até a superfície, podendo indicar que o grupo ceramista que ocupou esse sítio é o mesmo do início ao fim da ocupação. Em outras palavras, claramente há

uma tradição de fazer vasos por parte dos ocupantes do sítio. Esse modo tradicional de se fazer cerâmica não impediu que ocorressem mudanças ao longo do tempo e é assim que as tradições devem ser compreendidas.

A variabilidade de formas pertencentes ao sítio pode indicar que no decorrer do tempo o grupo tenha se aventurado a produzir novas formas. As novas formas podem ser também fruto de trocas contínuas com outros grupos próximos já que, como descrito, nas margens do rio habitavam vários grupos diferentes, o que induz um possível contato frequente com seus vizinhos. Fato corroborado com a presença de panelas Xokó e potes Kariri no sítio. Assim possivelmente os Xokó e Kariri podem ter sido os fiéis habitantes do terraço do sítio Cipó, tendo em vista a quantidade de vasilhas características presentes. Ou, pelo menos, podem ter sido visitantes frequentes de muita estima por seus moradores, com quem mantinham relações.

Assim o baixo São Francisco foi e é morada de mais que uma etnia. Inferência corroborada pelas descrições históricas. A região certamente foi visitada por outros grupos. Estes, possivelmente vindo com fins rituais, mas deixando parte de sua cultura material aos presentes moradores.

Ao que tudo indica os níveis 8 ao 7 representam o período com maior variabilidade de formas. Talvez este tenha sido também o momento com um ápice étnico para a região de Xingó. Na sequência, já no nível 6 encontramos os primeiros indícios, uma vez que muitas dessas formas desapareceram a indústria se simplifica. Mesmo assim a ocupação do sítio por indígenas permanece, porém com uma variedade menor de vasilhas e claramente tendo a presença europeia materializada pelo aparecimento de materiais distintos (louças, faianças etc.).

Pelo que pode observar na cultura material, mesmo os indígenas dividindo a região com o colonizador, permaneceram confeccionando sua cerâmica ancestral sem se deixar influenciar por tornos e outros elementos coloniais. Voltando a falar nos Kariri, seus potes estão presentes nas camadas mais recentes de ocupação. Entretanto, deixa-se aqui uma interrogação sobre o momento em que se começou a fabricar potes. A única coisa que se sabe é que essa forma historicamente se associa a Kariri, mas entre muitas dessas etnias presentes na região é descrita a presença de “potes” entre seus utensílios, os potes Kariri - em todos os casos com a mesma finalidade: armazenar água.

Teriam os Tapuias visitantes de Xingó adquirido e passado a reproduzir a forma dos potes dos Kariri, possíveis moradores do terraço na época, ou seriam os Xokó e sua cerâmica os moradores do terraço, ou ainda ambos apenas visitantes frequentes? Levando em conta a quantidade de vasilhas associadas a estes grupos presentes no sítio (nem todas reconstituídas) pode-se acreditar que um agrupamento Kariri/Xocó poderia residir ali ou pelo menos muito próximos deste sítio. Assim, a cerâmica do sítio Cipó é possivelmente uma herança destes grupos.

Aparentemente, o conjunto cerâmico do Cipó é muito semelhante ao encontrado em outros sítios de Xingó, mesmo possuindo características próprias, como as cerâmicas diagnósticas Xokó e Kariri, ainda não mencionadas em outros conjuntos da região. Este conjunto não se limita a grupos étnicos locais do período do contato. Se voltarmos a discutir fases e tradições na cerâmica de Xingó, suas análises tecnológicas e tipológicas apresentam características similares a outros grupos Macro-Jê. Um exemplo disso é a adição de grafite como antiplástico, elemento esse também encontrado nas cerâmicas Aratu da Bahia e Sergipe, que além de possuir o antiplástico em comum também apresentam morfologia semelhante (com base nas formas encontradas no sítio Furna, em Sergipe). Assim, possivelmente a tradição Aratu possua alguma relação com a cerâmica produzida pelos Kariri. Isso levando em conta a descrição de potes na tradição Aratu e as áreas em que foram encontrados sítios dessa tradição no estado são as mesmas áreas culturais onde estariam sitiados os Kariri quando chegaram os colonizadores. Trata-se de uma hipótese a ser testada por futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB`SABER, Azis. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

AB`SABER, ab`. **O homem dos terraços de Xingó**. In: Relatório final do Salvamento Arqueológico de Xingó. 1. Ed. Aracaju: UFS, 2002.

ALMEIDA, Fernando. Ozório de. **A tradição policroma no alto rio Madeira**. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE), Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 650. 2013.

ALMEIDA, Fernando Ozório de. KATER, Thiago. As cachoeiras como bolsões de histórias dos grupos indígenas das terras baixas sul-americanas. **Revista Brasileira de História**, vol.37, nº 75, 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472017v37n75-02a>

ALMEIDA, F. O. & KLOKLER, D. M. **Do Sertão para o Mar: A Fluidez de Pessoas, Ideias e Estilos Tecnológicos na História das Populações Ceramistas do Baixo São Francisco (AL-SE)**. Projeto de pesquisa, 2016.

ALMEIDA, Fernando Ozório; NEVES, Eduardo Góes. **Evidências Arqueológicas para a origem dos Tupi-guarani no Leste da Amazônia**. MANA 21(3): 499-525, 2015 – Doi <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p499>.

ALVES, Francisco José. **Nota preliminar sobre a ocupação histórica do baixo São Francisco**. In: Relatório final do Salvamento Arqueológico de Xingó. 1. Ed. Aracaju: UFS, p. 211-223. 2002.

ANTUNES, Clóvis. **Índios de Alagoas, documentário**. Maceió – AL, 1984.

ANTUNES, Clóvis. **Wakona-Kariri-Xukuru, Aspectos Sócio-Antropológicos dos Remanescentes Indígenas de Alagoas**. Maceió-AL. Universidade Federal de Alagoas, 1973.

ARAÚJO, de Mello Gomes Astolfo. A tradição ceramista Itararé-Taquara: Características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. **Revista de Arqueologia**, 20: 09-38, 2007. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP.

BANDEIRA, Maria de Lurdes. **Os Kariris de Mirandela: Um Grupo Indígena Integrado**. Universidade Federal da Bahia. Nº 6. 1972.

BARRETO, Hélia Maria de Paula. **Produção Cerâmica Xokó: A retomada de uma identidade**. (Dissertação) Núcleo de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, p. 113. 2004.

BROCHADO, P. J.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v.XX, n.2, p. 107-118, dezembro, 1994.

CARVALHO, Lins de Fernando. A “louça de barro” da Ilha de São Pedro: Notas preliminares sobre cerâmica Xocó. In: Beatriz Góes Dantas (Cor.) **Artesanato em Sergipe: cerâmica**. UFS, p. 77-82. 1983.

CARVALHO, Lins de Fernando. **A Pré-História Sergipana**. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2003. 159 p.

CHMYZ, Igor (Ed). Cadernos de Arqueologia. **Terminologia Arqueológica Brasileira para Cerâmica**. 2ª edição, Nº 1, 1976. Museu de Arqueologia e Artes Populares. Universidade Federal do Paraná, Paranaguá – Paraná – Brasil.

DANTAS, Beatriz Góis. Barro e etnicidade: os índios Xocó e sua cerâmica. In: Beatriz Góes Dantas (Cor.) **Artesanato em Sergipe: cerâmica**. UFS, p. 83-22. 1983.

DANTAS, Beatriz Góis. **Os índios em Sergipe**. In: Diana M. Diniz (cordenador). Textos para a história de Sergipe. Universidade Federal de Sergipe/BANESE. Aracaju, p. 19-60. 1991.

DANTAS, Beatriz Góes; SAMPAIO, José Augusto J.; CARVALHO, Maria Rosário G.. **Os povos indígenas no Nordeste brasileiro**. In: Manoela Carneiro da Cunha (org.) História dos Índios no Brasil. Editora Schwarcz. São Paulo, 2ª Ed. p. 431-456. 2009.

DANTAS, Vladimir José; LIMA, Andrade Tania: **Pausa para um Banquete**: Análise das marcas de uso em vasilhames cerâmicos pré-históricos do Sítio Justino, Canindé do São Francisco, Sergipe. Museu de Arqueologia de Xingó. 150p. 2006.

ETCHEVARNE, Carlos. A Ocupação Humana do Nordeste Brasileiro Antes da Colonização Portuguesa. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000

FAGUNDES, Marcelo. **Sistema de Assentamento e Tecnologia Lítica**: Organização Tecnológica e Variabilidade no Registro Arqueológico em Xingó, Baixo São Francisco, Brasil. 2007. 660 folhas. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Pequenas Variações dos Sepultamentos da Tradição Aratu na Bahia. Especiaria – **Caderno de Ciências Humanas**. v. 17, n. 30, Jan./Jun.2017, p.151-172.

GONZÁLEZ, Erika, Marion Robrahn; Os Grupos Ceramistas Pré-Coloniais do Centro-Oeste Brasileiro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6: 83-121, 1996.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica Indígena Brasileira. In: Ribeiro, Darcy (editor) at, all. *Suma Etnologia Brasileira*. Edição atualizada do **Handbook of South American Indians**. v. 2. Editora Vozes Ltda, Petrópolis-RJ, p.173-229, 1987.

LUNA, De Albuquerque, Cristina, Suely; **As populações Ceramistas pré-históricas do baixo São Francisco – Brasil**. 2001. 306 p. Tese de doutorado em História no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

LUNA, Suely. *As Pesquisas Arqueológicas sobre Cerâmica no Nordeste do Brasil*, **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.08, p.167-206, 2006.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana. **Estudos da cerâmica arqueológica dos sítios São José 1 e 2 (Delmiro Gouveia - AL)**. Museu Arqueológico de Xingó, 2000.

LUNA, Suely; NASCIMENTO, Ana Lúcia. Análise preliminar do material cerâmico. In: **Relatório final do Salvamento Arqueológico de Xingó**. 1. Ed. Aracaju: UFS, 2002.

MACHADO, Salles Juliana; O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnografia**, São Paulo, 15-16: 87-111, 2005-2006.

MARTINS, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. Ed. Universitária da UFPE, 5. ed, Recife, 2008.

MEDEIROS, Olavo Filho. **Índios do Açu e Seridó**. Brasília, 1984.

MELLO, Adilson Cavalheiro; SILVA, Railda Nascimento; FOGAÇA, Emilio. **Sonhos em pedra – um estudo de cadeias operatórias de Xingó**. Museu de Arqueologia de Xingó. 2007. 136p.

MORAIS, José Luiz de; Arqueologia da Região Sudeste. **Revista USP**, São Paulo, n 44, p 194-217, dezembro-fevereiro, 1999-2000.

NANTES, Pe. Martinho. **Relação de uma missão no rio São Francisco**. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1979.

OLIVEIRA, A. Cláudia. Abordagem teórica dos grupos pré-históricos ceramistas no Nordeste, **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.01, p.09-36, 2001.

OLIVEIRA, Claudia Alves; FERNANDES, Susana Cezar Gouveia; CISNEIROS, Daniela; CARVALHO, Olívia Alexandre; CALLEFFO, Myriam Elizabeth V; COELHO, Jacionira; SENA, Vivian Karla de. **Grupos pré-históricos do Sítio Jerimum região de Xingó** – Canindé do São Francisco, SE. Aracaju: MAX, 2005. 158p.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de; VIANA, Sibeli Aparecida. O Centro-Oeste Antes de Cabral. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 142-189, dezembro/fevereiro 1999-2000.

PINTO, Karina Lima de Miranda. **Arqueologia e conformação de identidades das comunidades indígenas do Nordeste**: um estudo de caso dos Xucuru-Kariri. Dissertação (mestrado em arqueologia), Universidade Federal de Sergipe. Laranjeiras-SE, p. 129. 2013.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Universidade Federal de Brasília, 1992.

_____. A pré-história do Brasil meridional. In: **O Brasil antes dos Brasileiros**, A Pré-história do Nosso País. ed.2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

QUEIROZ, Luiz Antônio Pacheco. **Água fria é no pote do Cariri cearense**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão-SE, p. 266. 2015.

ROBRAHN GONZALEZ, E. M. Os grupos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6:83-121, 1996.

_____. Teoria e métodos na análise cerâmica em arqueologia. **Rev. do Museu de Arqueologia e etnologia**, São Paulo, 8:287-294, 1998.

ROHR, Pe. João Alfredo, S. J. **Sítios arqueológicos de Urussanga, Sc**. Porto Alegre.1984.

Relatório parcial das escavações e trabalhos laboratoriais do Sítios Barracão, Barragem e Cipó – Canindé do São Francisco: UFS, fevereiro de 2006.

Relatório final das escavações e análises laboratoriais do Sítios Barracão, Barragem e Cipó – Canindé do São Francisco: UFS, novembro de 2007.

SALVIA, La Fernando; BROCHADO, Proença José. **Cerâmica Guarani**. 2ª Edição. Porto Alegre. Posenato Arte e Cultura, 1989. 175 p.

Salvamento Arqueológico de Xingó: Relatório Final. Museu de arqueologia de Xingó, Universidade Federal de Sergipe, 2002.

SANTANA, Pedro Abelardo. FEITOSA, Ailton Martins. Os sítios Arqueológicos. In **Relatório final do Salvamento Arqueológico de Xingó**. 1. Ed. Aracaju: UFS, p. 77-106, 2002.

SANTOS JR, Araújo Avelar. Povos Indígenas em Sergipe: dos primeiros habitantes a etnogênese contemporânea. In: MORALES, Fagundes Walter; MOI, Prado Flavia (orgs). **Cenários regionais em Arqueologia Brasileira**. Editora Annablume. São Paulo. Ed.1; 2009.

SANTOS, José Osman; MUNITA, Casimiro Sepúlveda. **Estudos arqueométricos de sítios arqueológicos do Baixo São Francisco**. Museu de Arqueologia de Xingó, 2007. 150p.

SCHIFFER, M. B. & SKIBO, J. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**; 62(1); 1997; p.27-50.

SOUSA, de Oliveira Susana; BARRETO, de Assis Francilene Maria; SANTOS, dos Osman José; Et Al. Datação de Artefatos Arqueológicos de Xingó por Termoluminescência, Xingó. **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.08, p.139-150, 2006.

TEIXEIRA. Luana; POZZI, Henrique Alexandre; SILVA, Jorge Luiz L. da (org). **Patrimônio Arqueológico e Paleontológico de Alagoas** / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Superintendência do Iphan em Alagoas - Maceió, AL: Iphan, 2012.

URBAN, G. 1992. A História da Cultura Brasileira Segundo as Línguas Nativas. In **História dos Índios no Brasil**. Org. CUNHA, M. C. – São Paulo: Companhia de Letras: Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP. 2ª ed. 2009.

WUST, I.; CARVALHO, H. B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste brasileiro: a análise espacial do Sítio Guará 1 (GO-NI-100). In: CUNHA, M. C. (org.) Companhia das Letras: 87-102. Goiás. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6; 47-81.

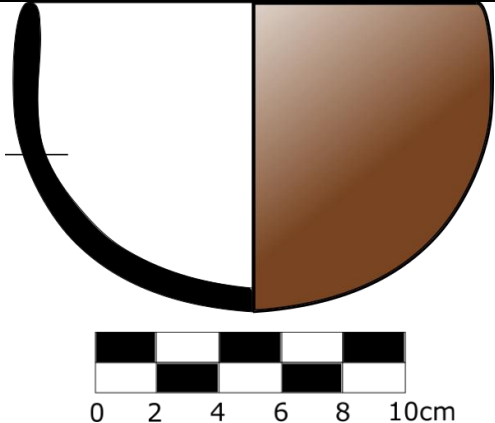
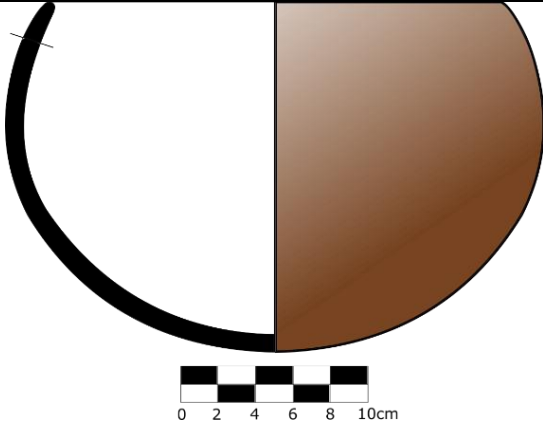
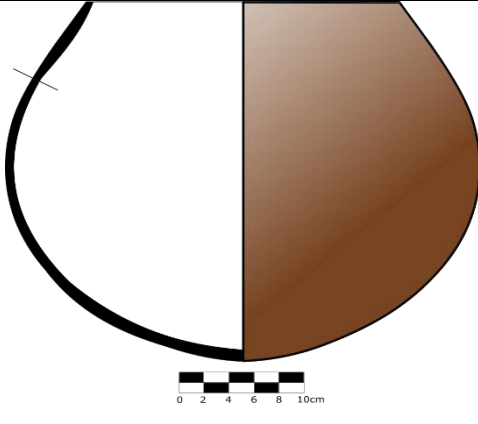
WUST, Irmhild; Contribuições Arqueológicas, Etnoarqueológicas e Etno-Históricas Para o Estudo Dos Grupos Tribais do Brasil Central: O Caso Bororo. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnografia**. São Paulo, 2:13-26, 1992.

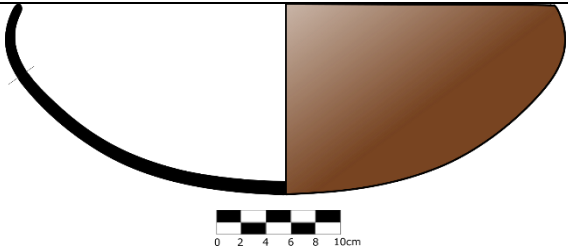
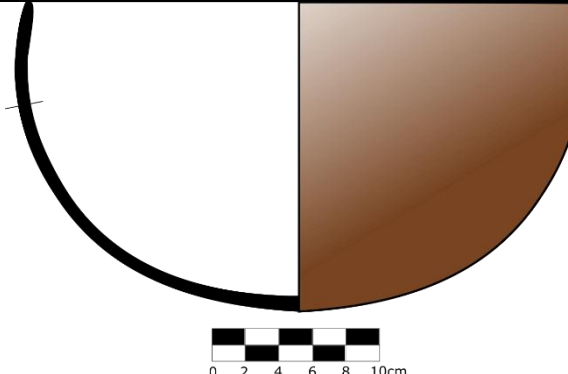
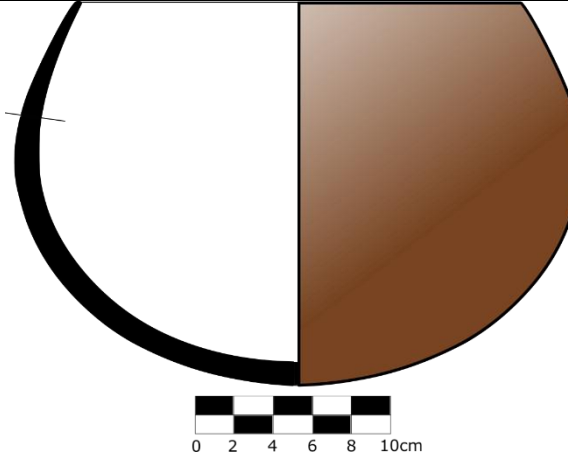
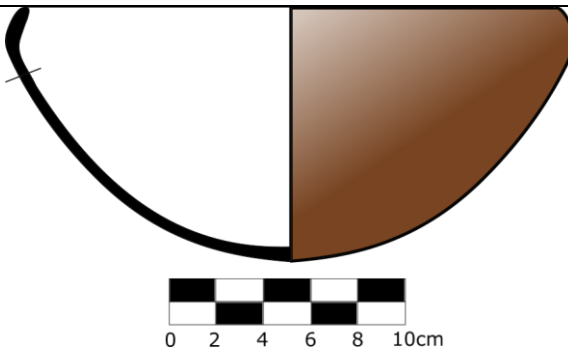
VERGNE, Cleonice. **Cemitérios do Justino**: Estudo sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe. Museu de Arqueologia de Xingó. 212p. (S/D).

VERGNE, Cleonice; FAGUNDES, Marcelo; CARVALHO, de Freire Admilson; Et Al. Estudos Tecnológicos e Tipológicos da Cerâmica Arqueológica do Sítio Curitiba I, Canindé de São Francisco – SE, **Canindé – Revista do Museu de Arqueologia de Xingó**, MAX/UFS, v.08, p.151-166, 2006.

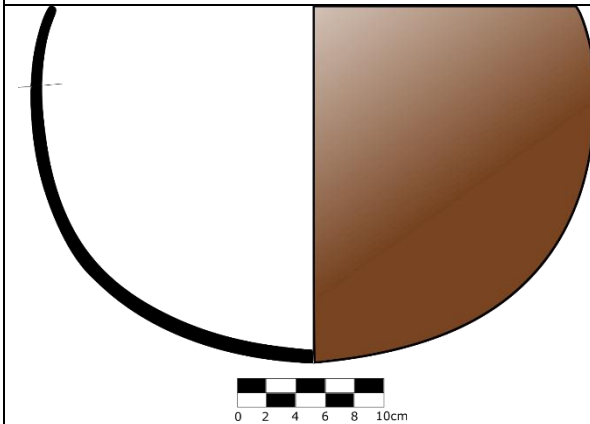
ANEXOS

ANEXO A - Vasilhas reconstituídas e suas características

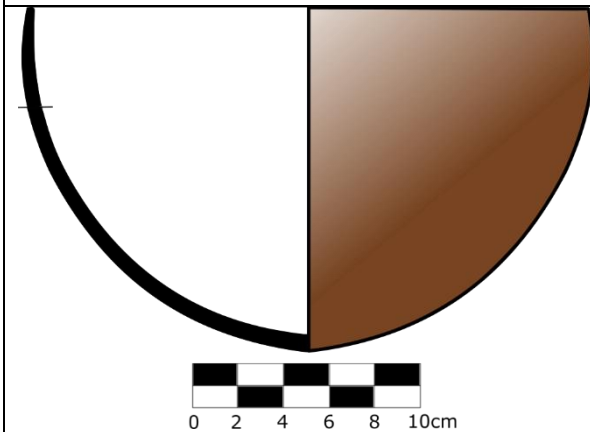
Camada 11	
	<p>Peça 67548 – Vol. 1,033 litros. Diâmetro 14. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação vertical ou interna, espessura contraída, lábio arredondado. O fragmento não apresenta tratamento de superfície, cor marrom, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato).</p>
	<p>Peça 67905 – Vol. 5.925 Litros. Diâmetro 24. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita. Borda direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, não apresenta tratamento de superfície, antiplástico mineral (quartzo e mica).</p>
	<p>Peça 67921 – Vol. 9,865 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal, lábio plano. Cor marrom, tratamento de superfície FI barbotina, antiplástico mineral (quartzo e mica). Possui marcas de alisamento e fuligem na FE.</p>
Camada 10	

	<p>Peça 66953 – Vol. 13,489 Litros. Diâmetro 44. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita. Borda introvertida, inclinada internamente, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato).</p>
	<p>Peça 68179 – Vol. 8,459 Litros. Diâmetro 32. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal, lábio plano. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica), decoração plástica escovada FE entre a borda e parede.</p>
	<p>Peça 68180 – Vol. 6,061 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta ou introvertida, inclina internamente, espessura contraída, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo), decoração plástica FE inciso/escovado, entre a borda e a parede.</p>
	<p>Peça 68754 – Vol. 2,276 Litros. Diâmetro 22. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal ou reforçada, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica). Fuligem na FE</p>

Camada 09

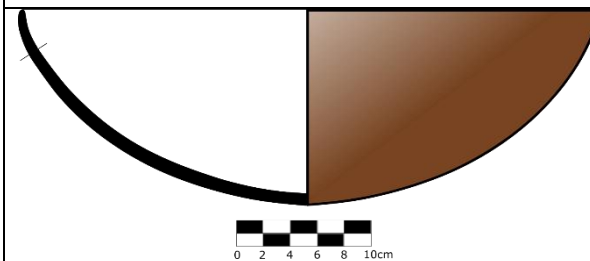


Peça 66830 – Vol. 14,325 Litros. Diâmetro 36. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta ou introvertida, inclinada internamente, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo). Alisamento médio em ambas as faces.

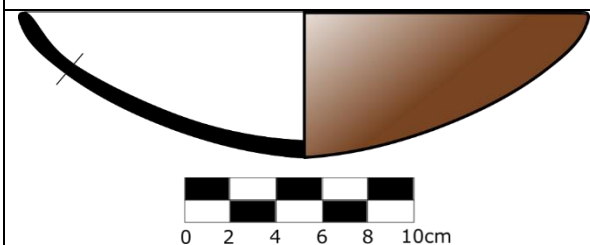


Peça 67417 – Vol. 3,696 Litros. Diâmetro 24. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo). Alisamento mediano em ambas as faces.

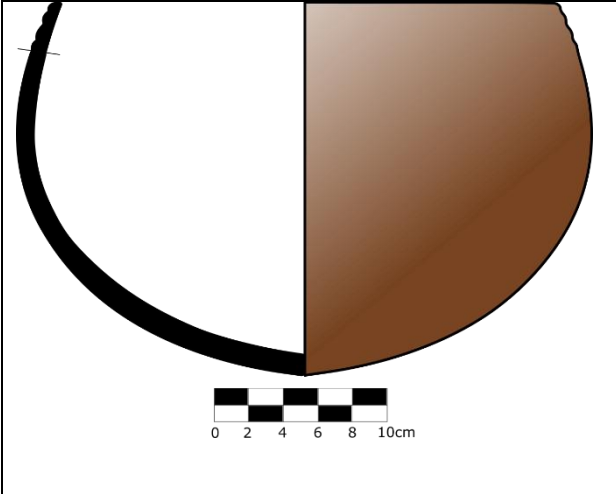
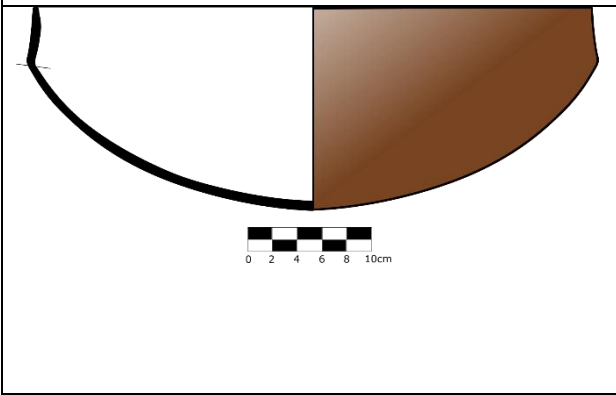
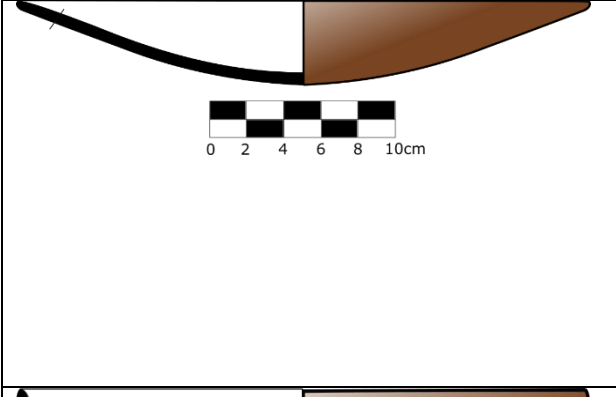
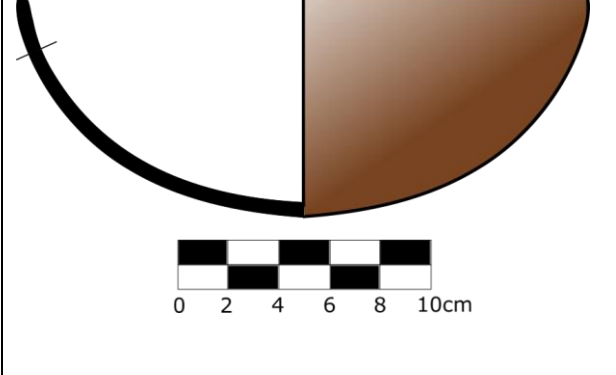
Camada 08

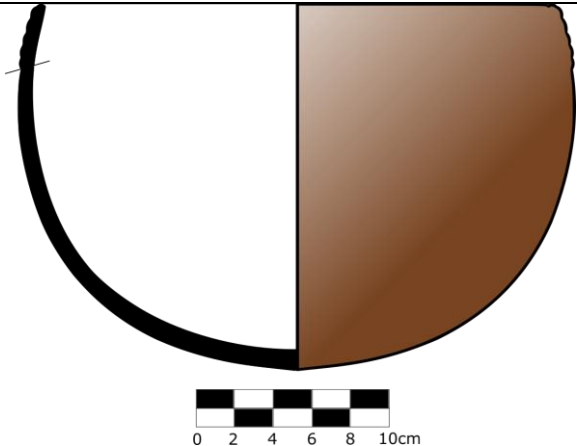
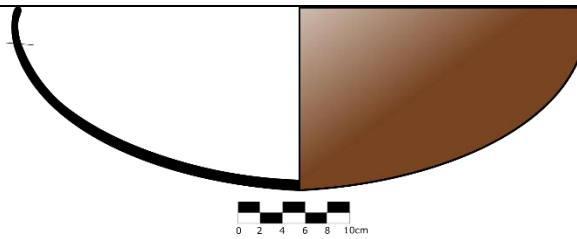
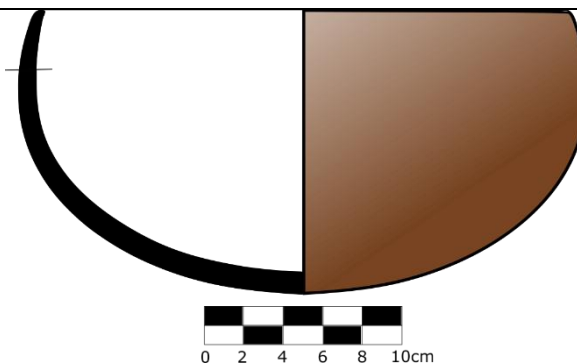
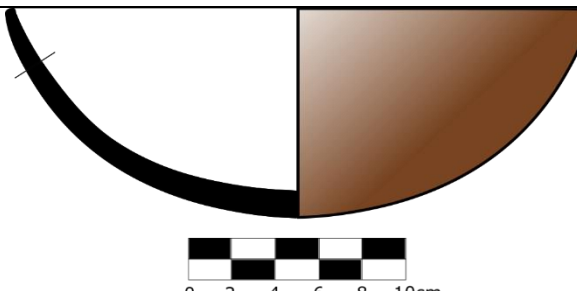


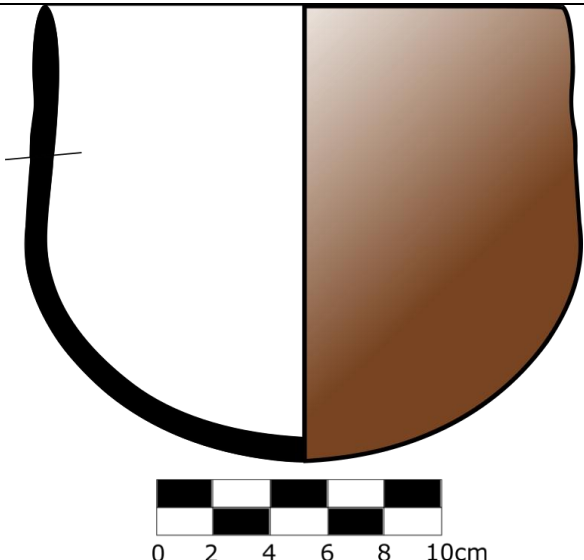
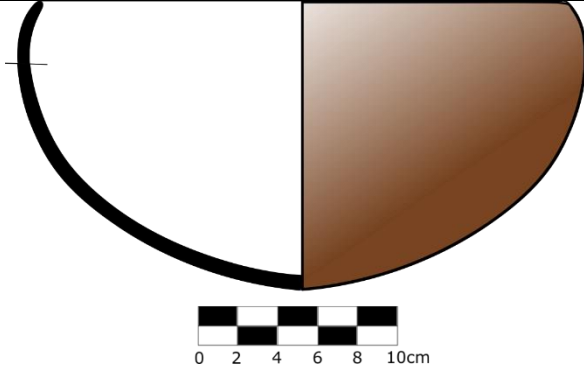
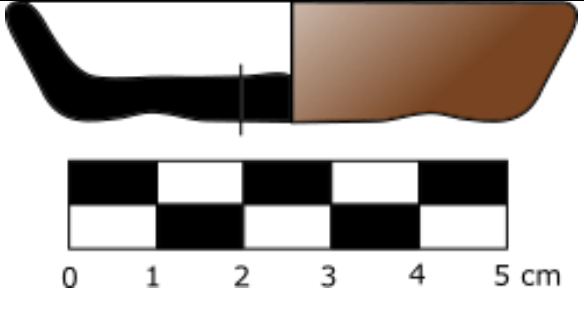
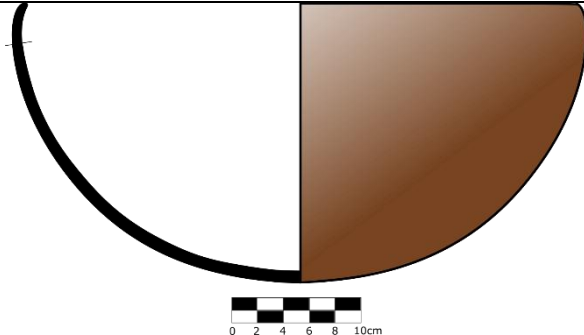
Peça 66859 – Vol. 9,275 Litros. Diâmetro 42. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta com inclinação externa, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica).

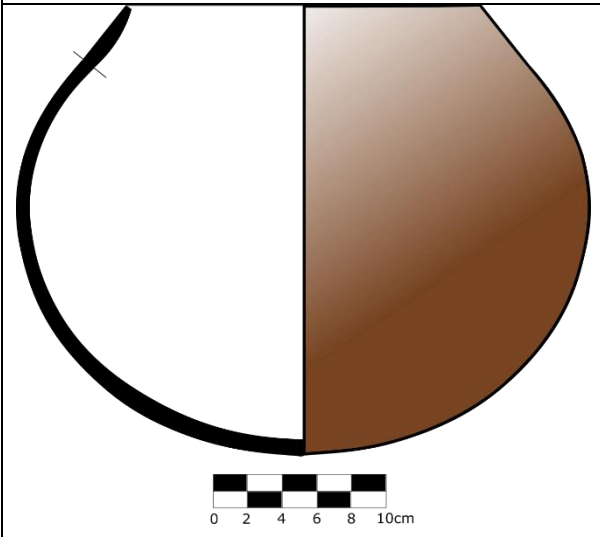
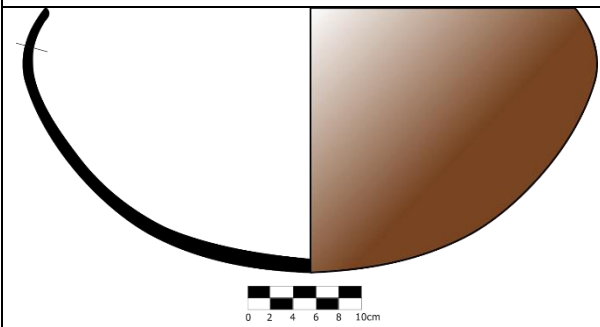
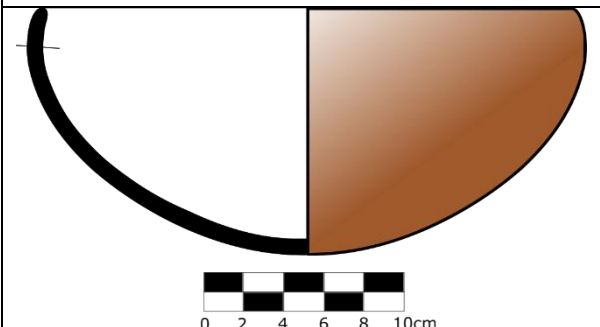


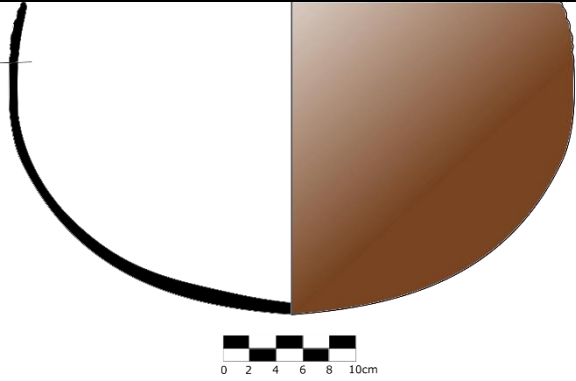
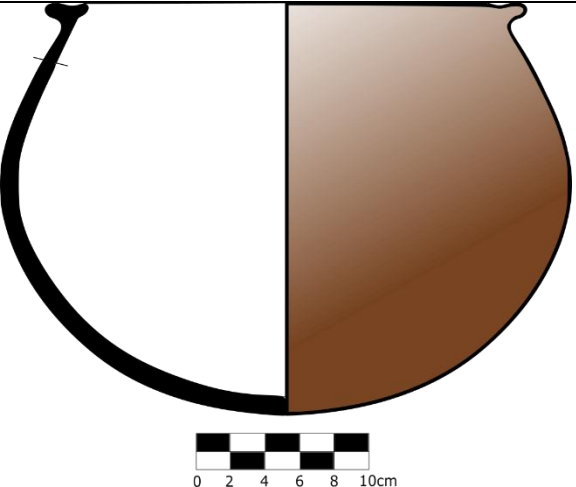
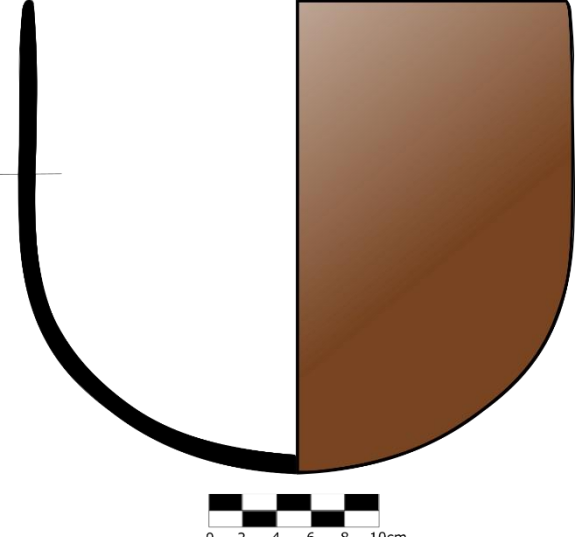
Peça 66863 – Vol. 1,725 Litros. Diâmetro 24. Vasilha em forma de calota com contorno inflectido e boca aberta, forma 6. Borda direta ou extrovertida, inclinada externamente, espessura reforçada, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica).

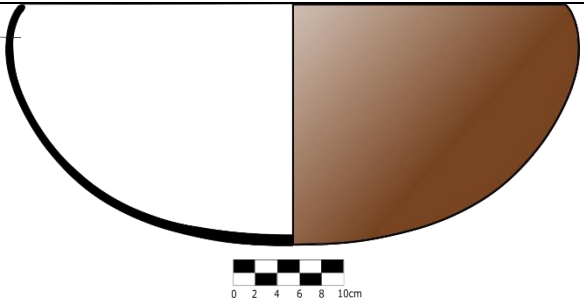
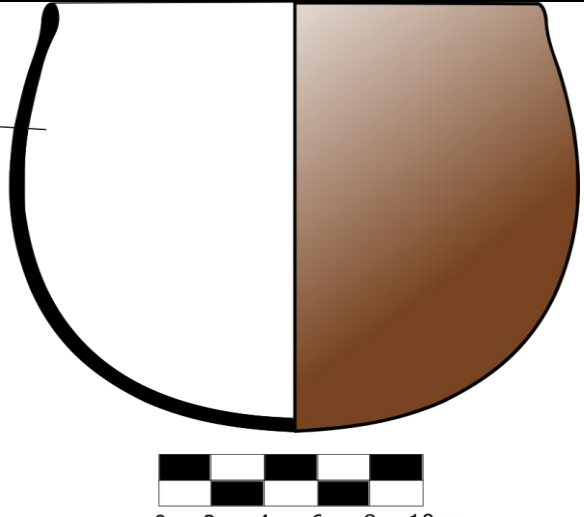
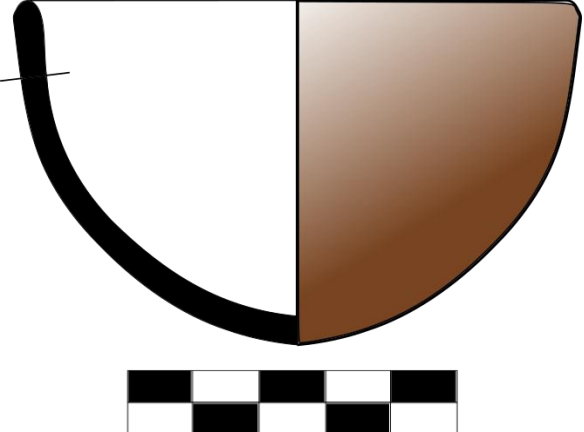
	<p>Peça 67424 – Vol. 8,479 Litros. Diâmetro 28. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, forma 1. Borda normal ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal, lábio biselado. Cor ocre, tratamento de superfície FI e FE barbotina, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato). Decoração plástica roletada FE, entre borda e parede.</p>
	<p>Peça 67425 – Vol. 13,899 litros. Diâmetro 42. Vasilha com contorno composto, forma 7. Borda direta com inclinação vertical ou interna, espessura reforçada externamente e lábio contraído, lábio plano. Tratamento de superfície FI engobo vermelho, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato).</p>
	<p>Peça 67517 – Vol. 1,469 Litros. Diâmetro 30. Vasilha em forma de calota com contorno inflectido e boca aberta, forma 6. Borda direta ou extrovertida, com inclinação externa, espessura normal, lábio biselado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica).</p>
	<p>Peça 68644 – Vol. 1,951 Litros. Diâmetro 22. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta ou extrovertida, com inclinação normal ou externa, espessura reforçada, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo e mica).</p>

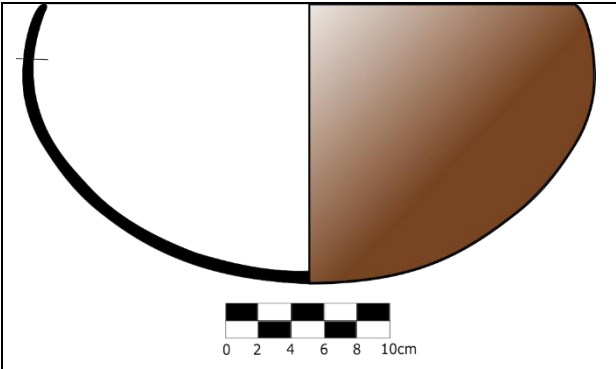
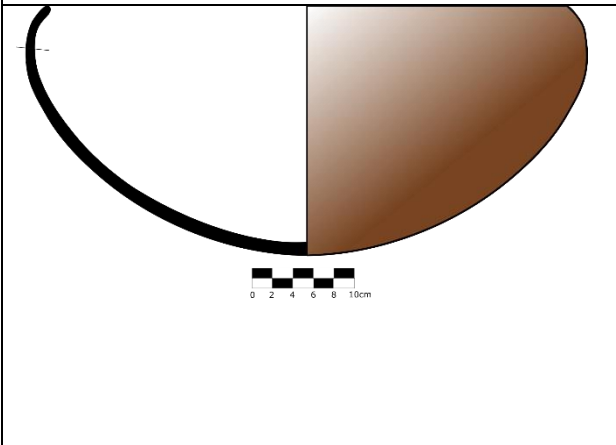
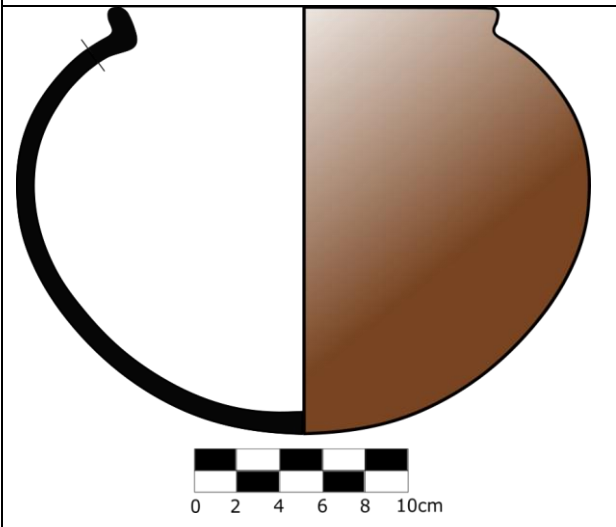
	<p>Peça 68798 – Vol. 6,223 Litros. Diâmetro 26. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta com inclinação interna, espessura normal, lábio arredondado. Cor ocre, antiplástico mineral (quartzo e mica). Decoração plástica roletada FE, entre a borda e a parede.</p>
Camada 07	
	<p>Peça 66047 – Vol. 16,160 Litros. Diâmetro 50. Vasilha em forma de calota com contorno simples e boca constrita, forma 5. Borda direta ou introvertida com inclinação interna ou vertical, espessura reforçada internamente, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato).</p>
	<p>Peça 67364 – Vol. 4,858 Litros. Diâmetro 26. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda direta com inclinação interna, espessura normal, lábio plano. Cor marrom, antiplástico mineral (quartzo, mica e feldspato).</p>
	<p>Peça 67384 – Vol. 2,909 Litros. Diâmetro 26. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta ou extrovertida, inclinada externamente, espessura normal, lábio plano. Cor marrom, antiplástico mineral,</p>

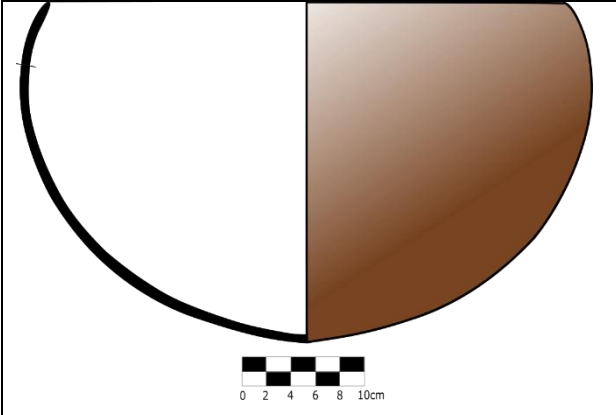
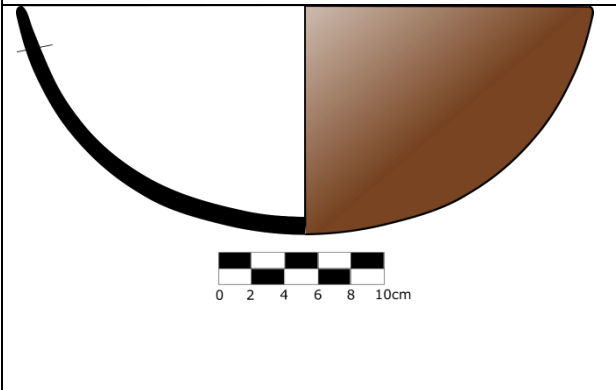
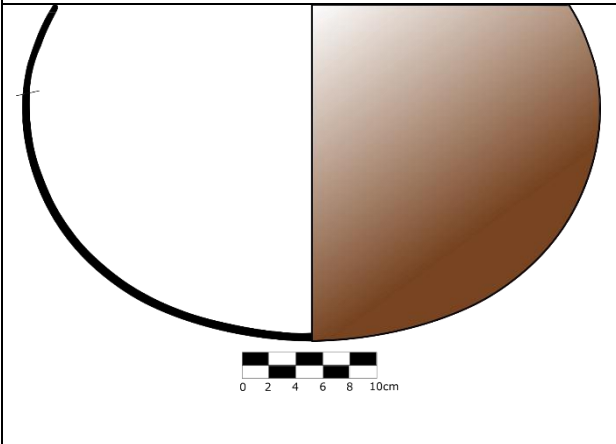
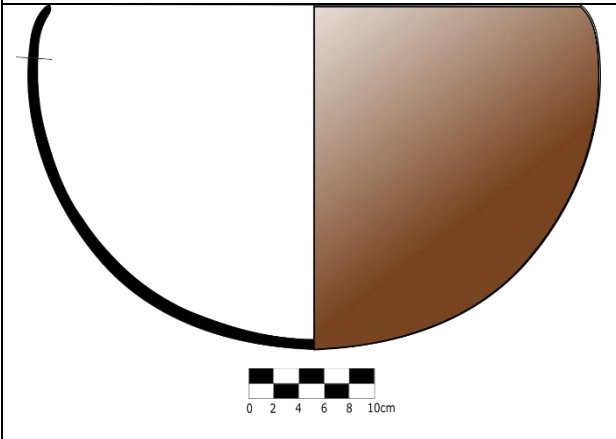
	<p>fuligem na FE.</p> <p>Peça 68575 – Vol. 2,655 Litros. Diâmetro 18. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, em forma de cone, forma 10. Borda direta com inclinação vertical, espessura contraída, lábio apontado. Cor marrom, antiplástico mineral, fuligem na FE</p>
	<p>Peça 68580 – Vol. 4,592 Litros. Diâmetro 26. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida com inclinação interna, espessura normal, lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral, marcas de alisamento/polimento.</p>
	<p>Peça 68601 – Vol. 0,011 Litros. Diâmetro 6. Vasilha rasa, prato. Borda extrovertida oi direta, inclinada externamente, espessura normal, lábio arredondado. Cor vermelha, antiplástico mineral e arenito, apresenta perfurações pouco profundas.</p>
	<p>Peça 68780 – Vol. 15,960 Litros. Diâmetro 42. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Cor marrom, antiplástico mineral, marcas de</p>

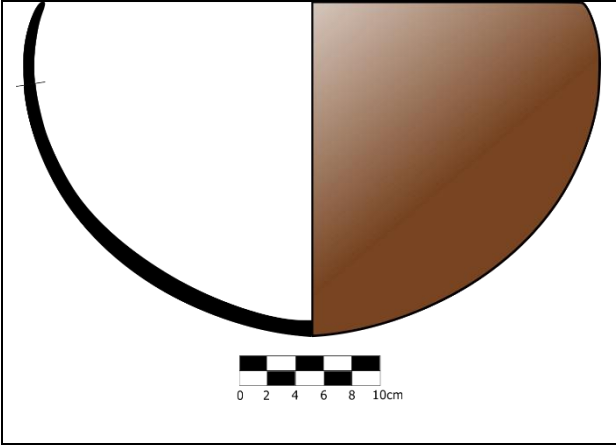
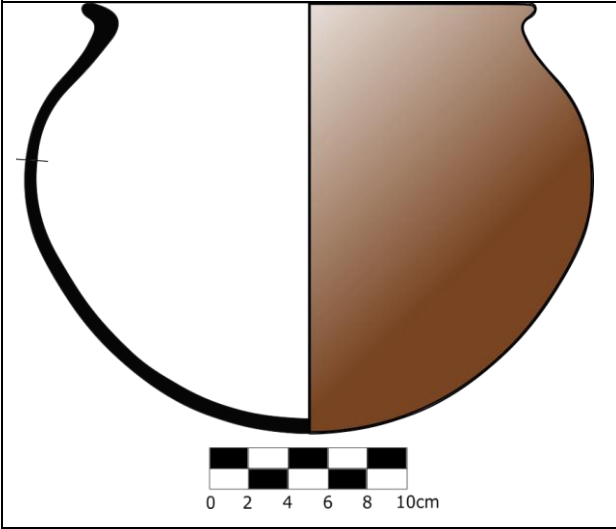
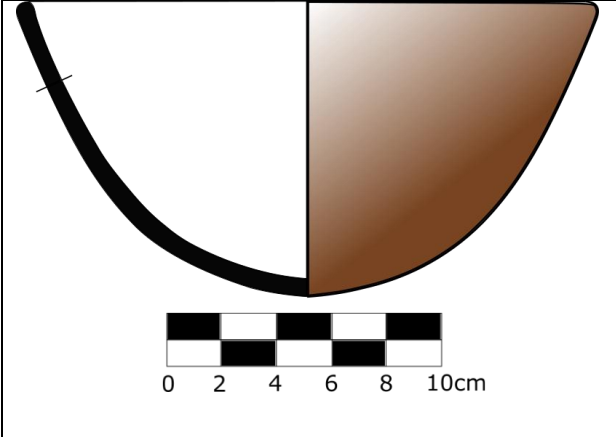
		alisamento/polimento.
Camada 6		
		<p>Peça 67336 – Vol. 9,707 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, forma 1. Borda direta com inclinação interna, com espessura contraída e lábio plano. Tratamento de engobo vermelho em ambas as faces. Antiplástico mineral, cor de superfície vermelha.</p>
		<p>Peça 68483 – Vol. 19,689 Litros. Diâmetro 46. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio biselado. Tratamento de engobo vermelho em ambas as faces, antiplástico mineral e carvão. Cor de superfície vermelha.</p>
		<p>Peça 68493 – Vol. 2,529 Litros. Diâmetro 26. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda direta ou introvertida com inclinação vertical ou interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com antiplástico mineral e cor marrom.</p>

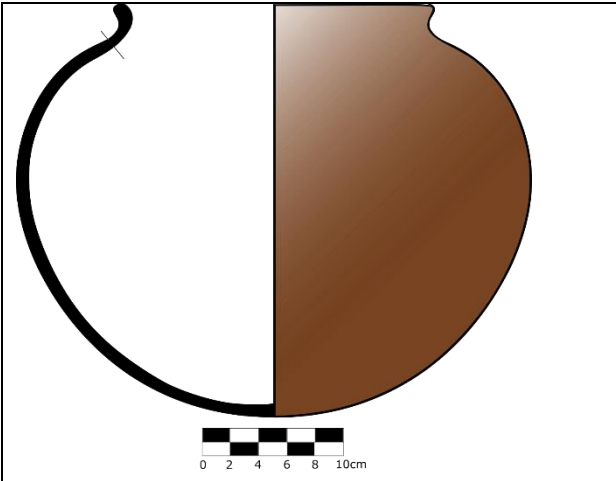
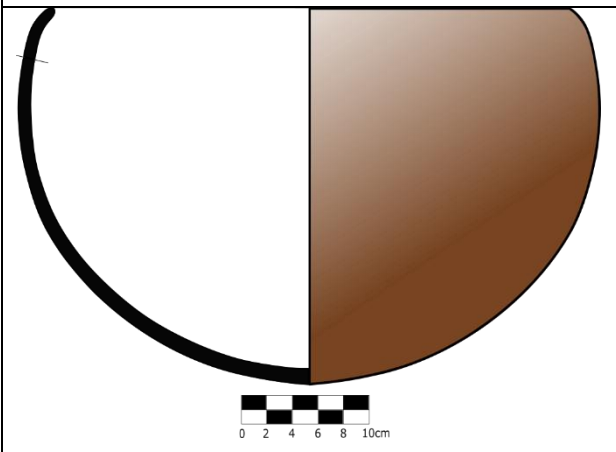
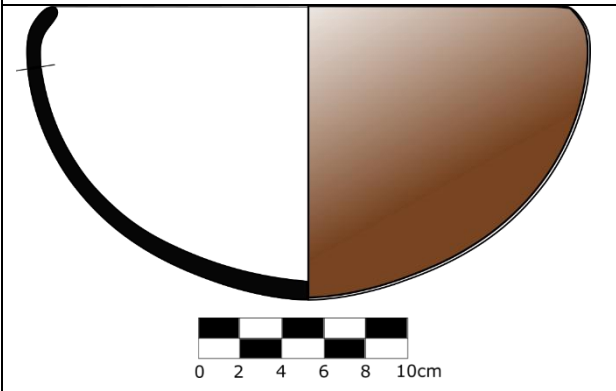
	<p>Peça 68786 –Vol. 15,742 Litros. Diâmetro 40. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, antiplástico mineral, cor ocre e decoração plástica inciso fino na face externa.</p>
Camada 5	
	<p>Peça 66075 – Vol. 6, 126 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca constricta forma 2. Borda direta com flange (ou suporte para tampa), com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de engobo vermelho em ambas as faces, antiplástico mineral, cor vermelha, decoração plástica ungulada na borda e escovada na parede.</p>
	<p>Peça 67258 – Vol. 12,613 Litros. Diâmetro 32. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, em forma de cone, forma 10. Borda direta, com inclinação vertical, espessura contraída e lábio arredondado. Vasilha alisada, com antiplástico mineral, cor marrom.</p>

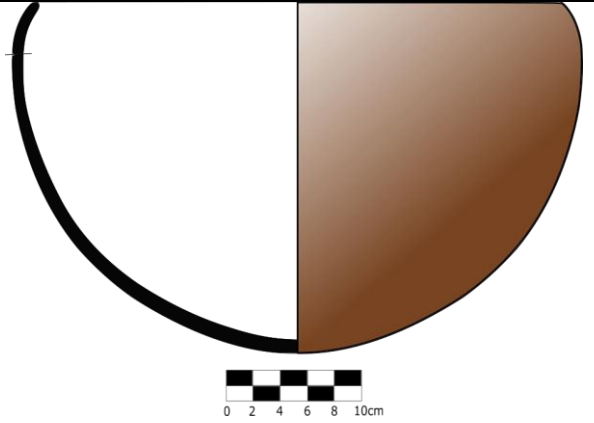
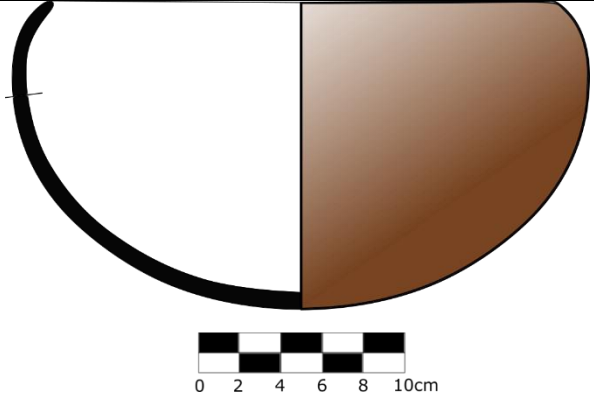
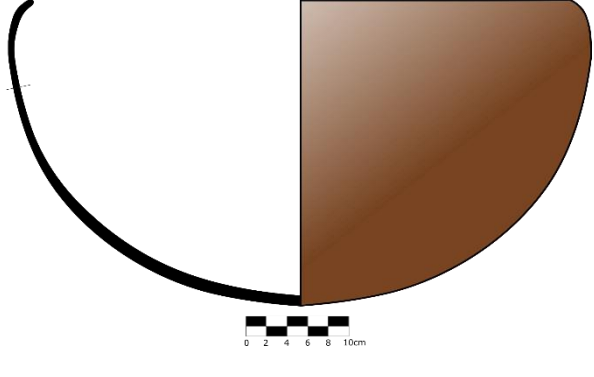
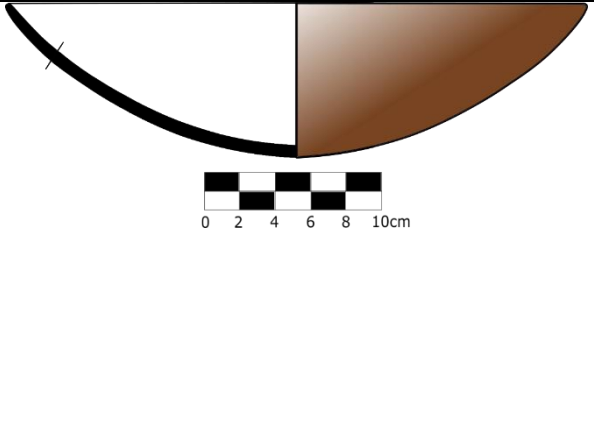
	<p>Peça 67284 – Vol. 16,72 Litros. Diâmetro 42. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, antiplástico mineral e cor marrom.</p>
	<p>Peça 67301 – Vol. 3,333 Litros. Diâmetro 18. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura reforçada internamente e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo marrom em AF, possuindo marcas de alisamento, antiplástico mineral. Decoração pintada, na vertical longa em todo o fragmento.</p>
	<p>Peça 67851 – Vol. 1,274 Litros. Diâmetro 10. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta, inclinação vertical ou externa, espessura normal e lábio apontado. Tratamento de superfície de engobo marrom FE, cor marrom na FI, e antiplástico mineral.</p>

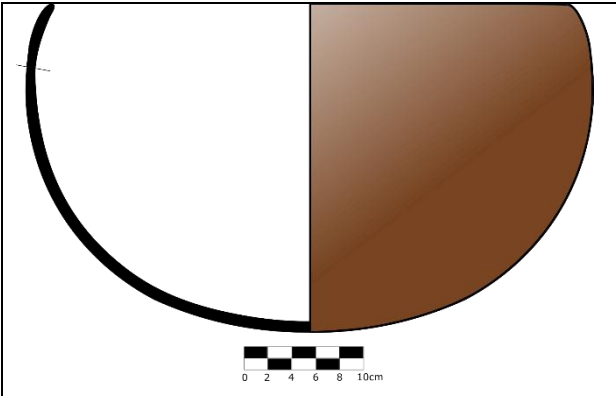
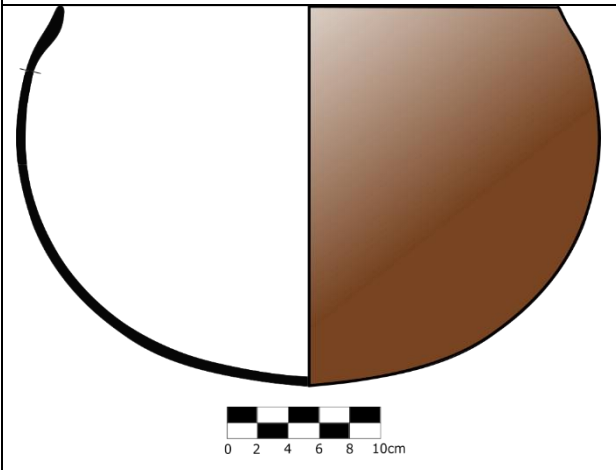
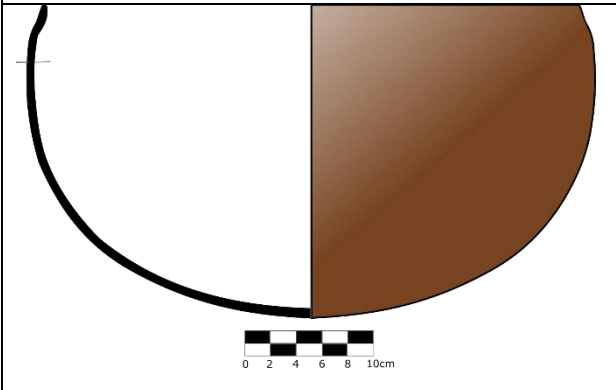
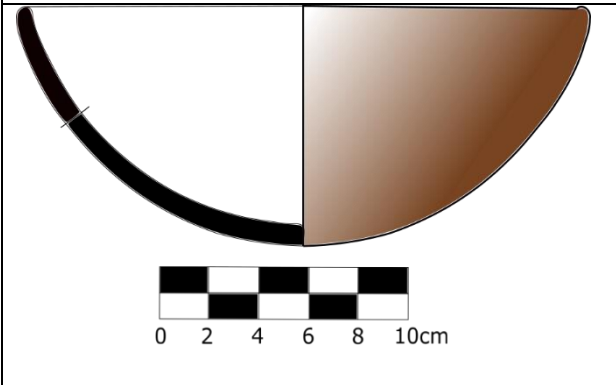
	<p>Peça 68369 – Vol. 8,091 Litros. Diâmetro 32. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 68372 – Vol. 24,325 Litros. Diâmetro 50. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal, e lábio arredondado. Tratamento de superfície em AF de engobo vermelho, possui marca de alisamento e antiplástico mineral e matéria orgânica.</p>
Camada 4	
	<p>Peça 32594 – Vol. 4,757 Litros. Diâmetro 17. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca constricta, forma 2. Borda extrovertida com ponto angular, inclinada externamente, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com cor vermelha e antiplástico mineral.</p>

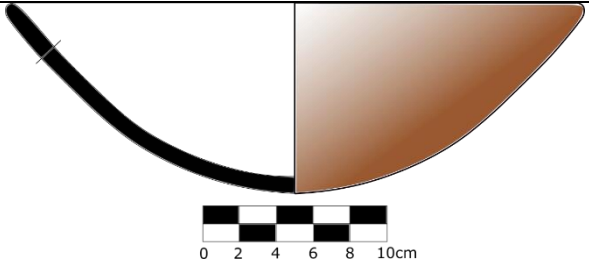
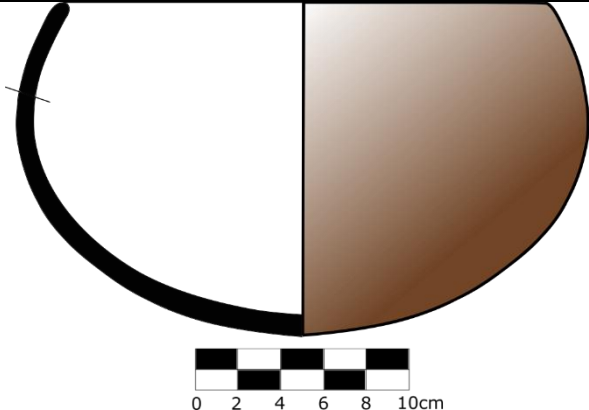
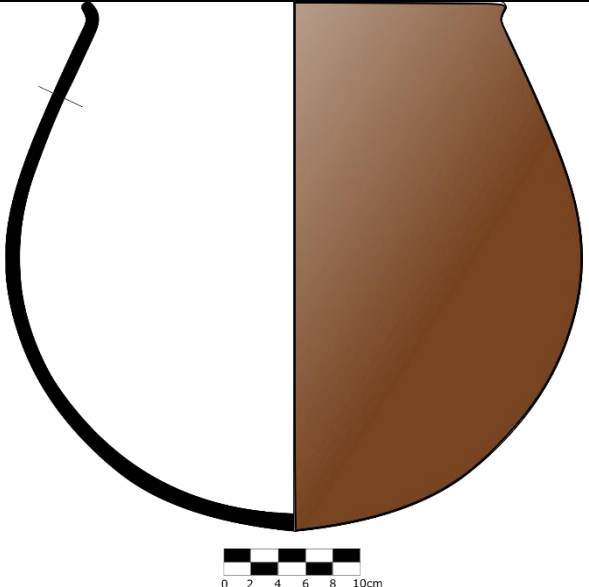
	<p>Peça 32605 – Vol. 18,415 Litros. Diâmetro 42. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, de cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 64810 – Vol. 6,099 Litros. Diâmetro 34. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície em AF de engobo vermelho, marca de alisamento e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 66995 – Vol. 16,773 Litros. Diâmetro 38. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda direta ou introvertida, inclinada internamente, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, de cor marrom, possui marca de alisamento e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 68326 – Vol. 15,841 Litros. Diâmetro 42. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo marrom (barbotina) em AF, possui marca de alisamento e antiplástico mineral.</p>

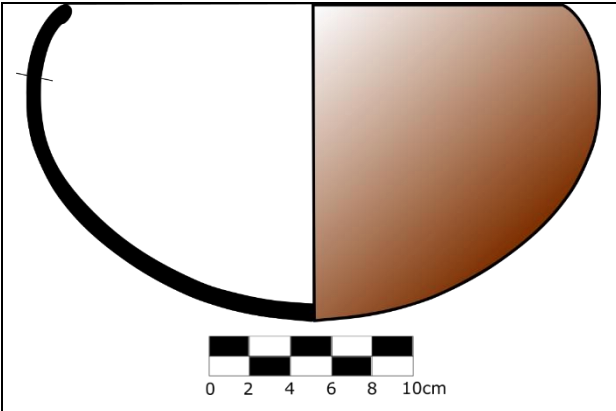
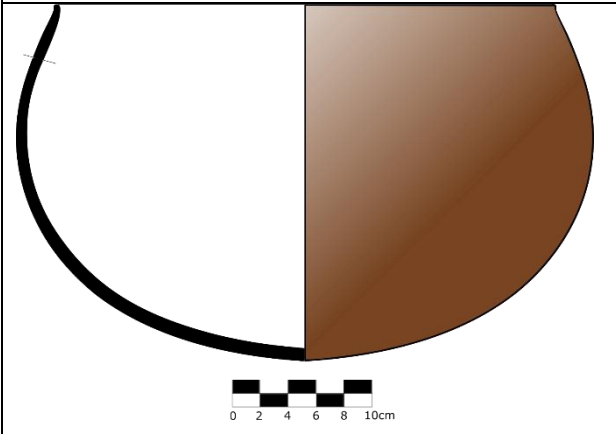
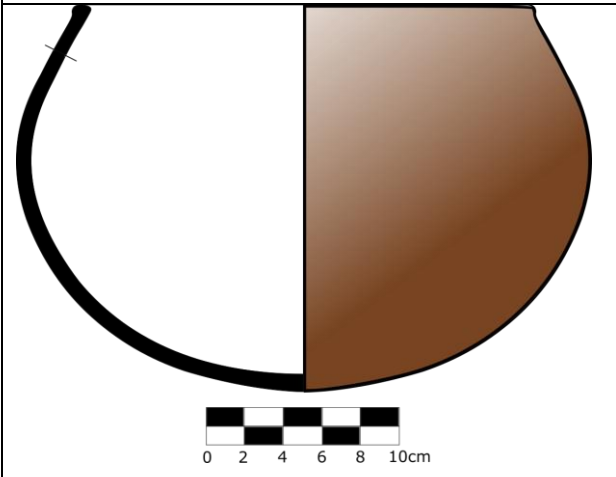
	<p>Peça 68694 – Vol. 12,063 Litros. Diâmetro 38. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Engobo marrom escuro na FI e alisamento na FE com intensa presença de fuligem, antiplástico mineral e orgânico.</p>
<p>Camada 2</p>	
	<p>Peça 32568 – Vol. 5,924 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno infletido e boca constrita, forma 2. Borda extrovertida com ponto angular, inclinada externamente, com espessura reforçada e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom, antiplástico mineral e decoração escovada na vertical longa, junto a parede.</p>
	<p>Peça 64823 – Vol. 1,588 Litros. Diâmetro 20. Vasilha semiesférica com contorno infletido e boca aberta, forma 4. Borda direta com inclinação externa, espessura normal e lábio plano. Vasilha alisada, cor ocre, antiplástico mineral e argila moída, decoração pintada vermelha e preta em ambas as faces.</p>

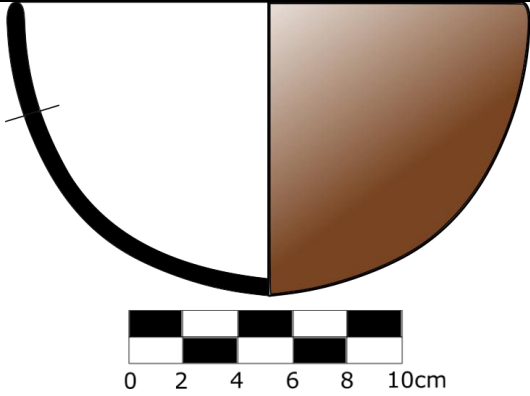
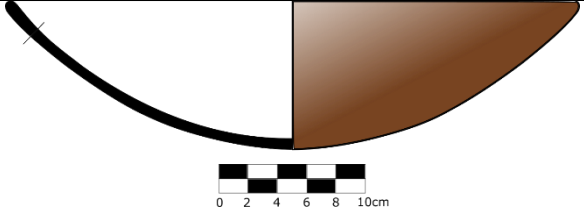
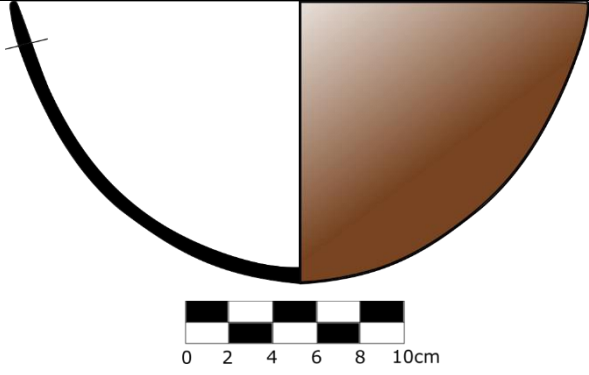
	<p>Peça 66530 – Vol. 10,832 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca constricta, forma 2. Borda extrovertida com ponto angular, inclinada externamente, espessura normal, lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 66573 – Vol. 19,099 Litros. Diâmetro 40. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, forma 1. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor preta e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 66587 – Vol. 3,913 Litros. Diâmetro 24. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio biselado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>

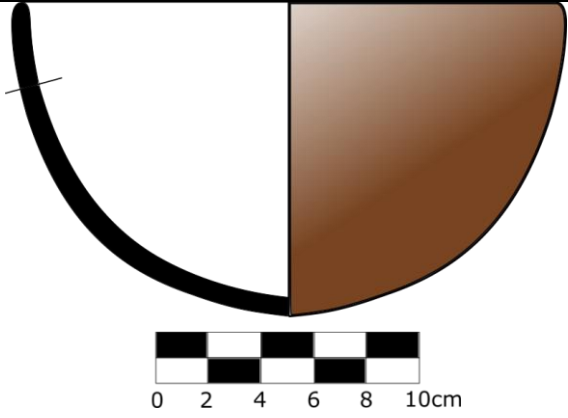
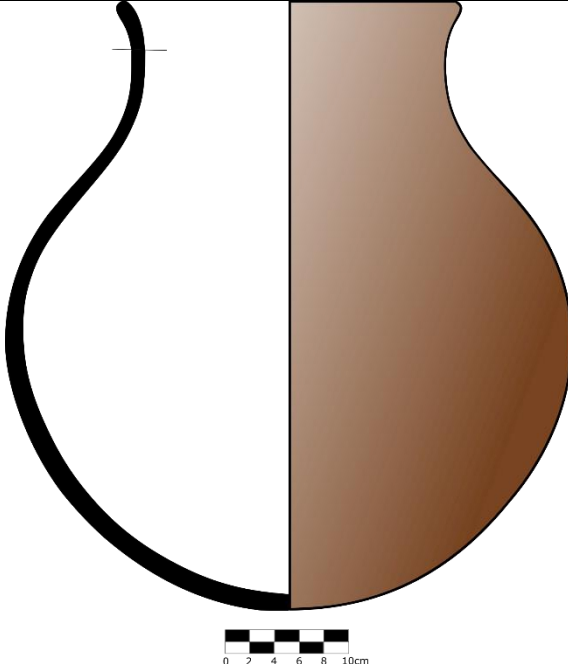
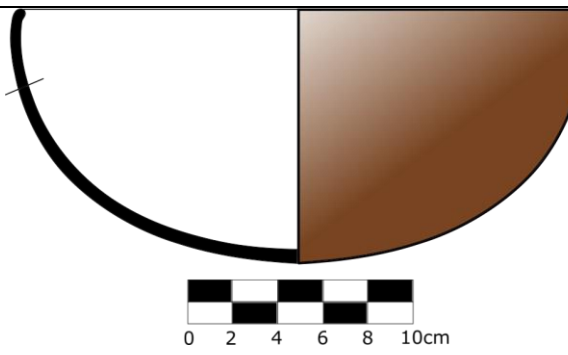
	<p>Peça 66642 – Vol. 14,546 Litros. Diâmetro 38. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal, lábio arredondado. Tratamento de superfície de brunidura em AF, antiplástico mineral e carvão.</p>
	<p>Peça 66643 – Vol. 4,681 Litros. Diâmetro 24. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida, inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor preta e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 66646 – Vol. 35,221 Litros. Diâmetro 52. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67806 – Vol. 2,925 Litros. Diâmetro 32. Vasilha em forma de calota com contorno inflectido e boca aberta, forma 6. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom, antiplástico mineral e carvão, possui fuligem na face externa.</p>

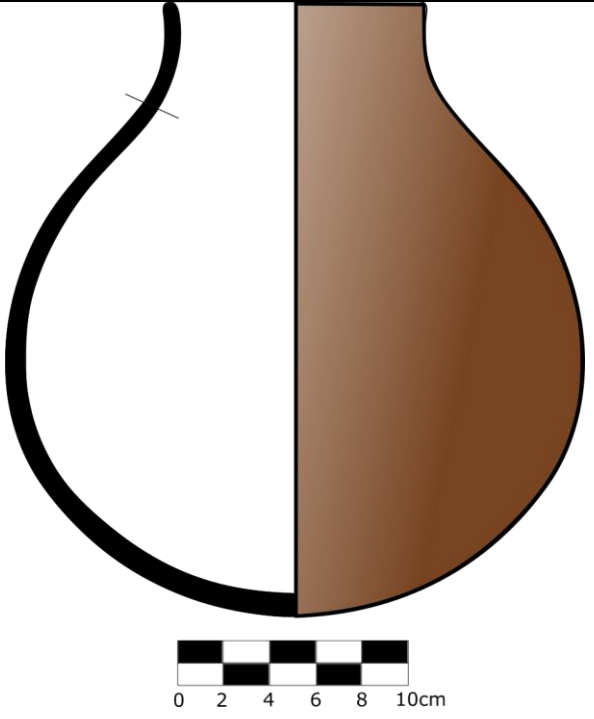
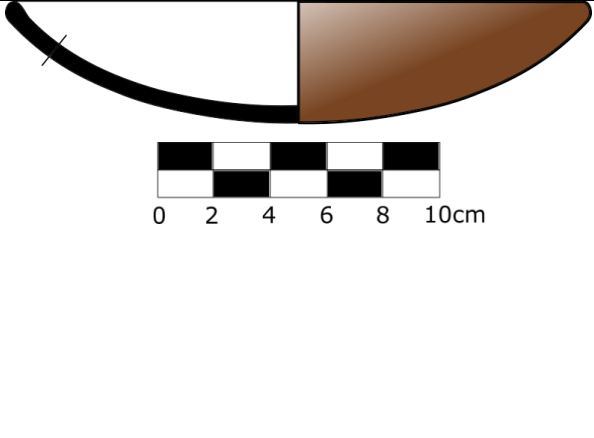
	<p>Peça 67837 – Vol. 26,680 Litros. Diâmetro 46. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 1. Borda direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 68512 – Vol. 12,375 Litros. Diâmetro 32. Vasilha esférica com contorno simples e boca constricta, forma 1. Borda direta, com inclinação interna, reforçada internamente e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom, antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 68684 – Vol. 21,139 Litros. Diâmetro 42. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta forma 3. Borda direta com pequeno ângulo, inclinação direta, espessura normal e lábio plano. Vasilha alisada, com marcas de alisamento, cor vermelha e antiplástico mineral.</p>
<p>Camada 1</p>	
	<p>Peça 32532 – Vol. 2,001 Litros. Diâmetro 22. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta ou extrovertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF e antiplástico</p>

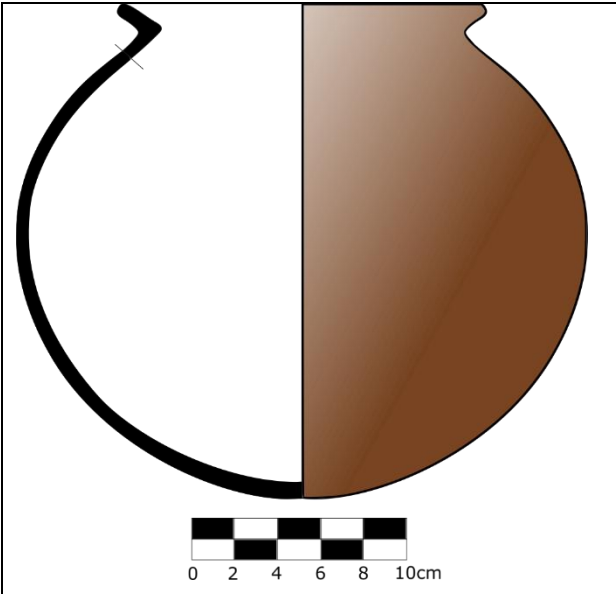
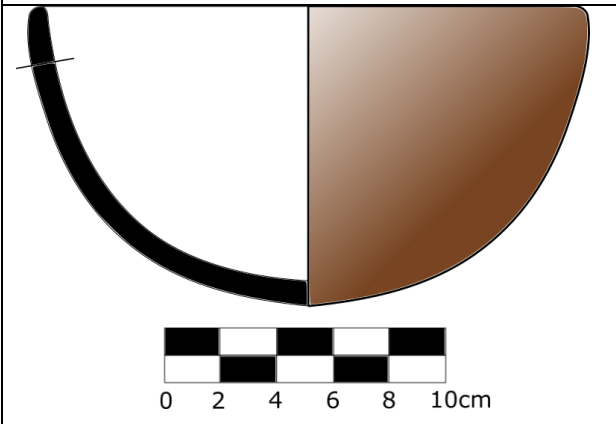
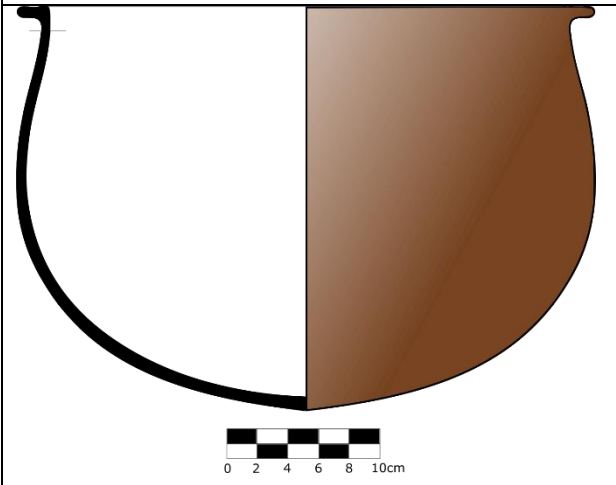
	<p>mineral.</p> <p>Peça 67821 – Vol. 2,964 Litros. Diâmetro 30. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta ou extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67987 – Vol. 4,619 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio plano. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67990 – Vol. 20,122 Litros. Diâmetro 30. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca constrita, forma 2. Borda extrovertida com ponto angular, inclinada externamente, espessura normal e lábio apontado. Tratamento de superfície em AF de engobo vermelho, decoração plástica carimbada na parede da FE, antiplástico mineral e fuligem na FE.</p>

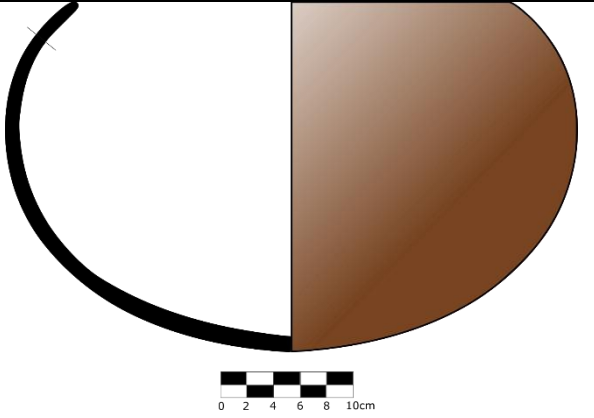
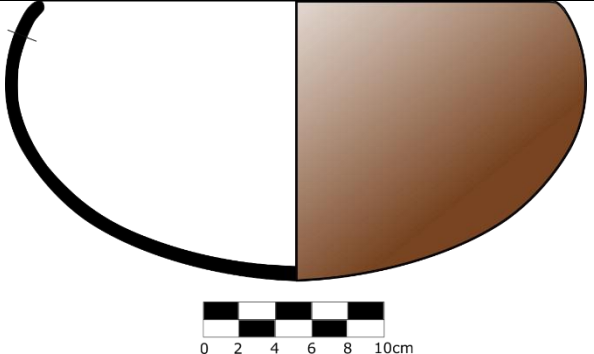
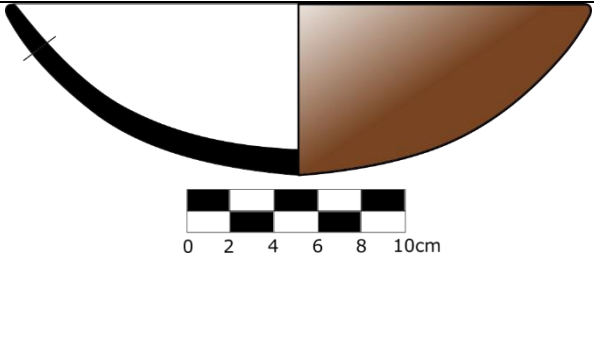
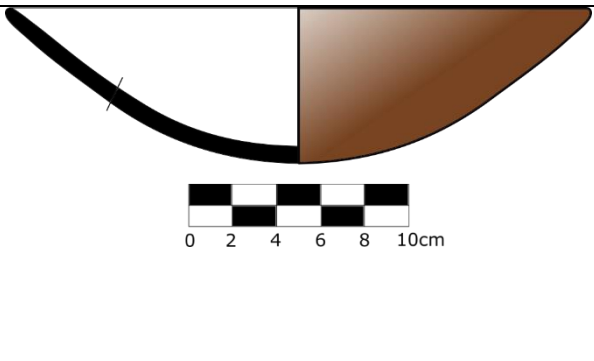
	<p>Peça 68678 – Vol. 4,731 Litros. Diâmetro 24. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, reforçada internamente e lábio biselado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 68751 – Vol. 16,784 Litros. Diâmetro 36. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, com inclinação interna, espessura contraída e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
<p>Limpeza</p>	
	<p>Peça – 67086 – Vol.6,516 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, com inclinação interna, reforçada externamente e lábio plano. Vasilha alisada, com marca de alisamento, antiplástico mineral e decoração plástica entalhada no lábio.</p>

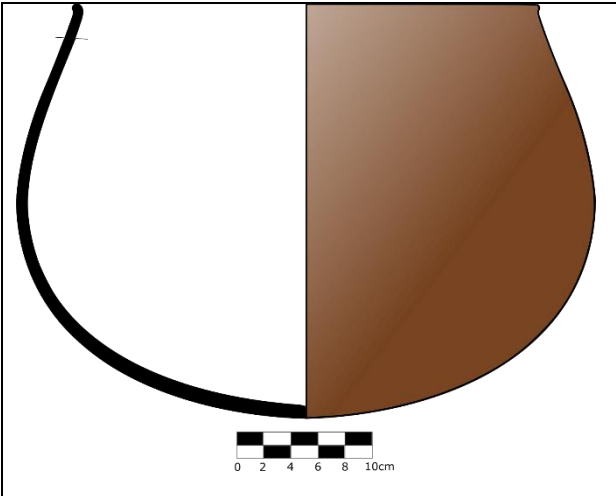
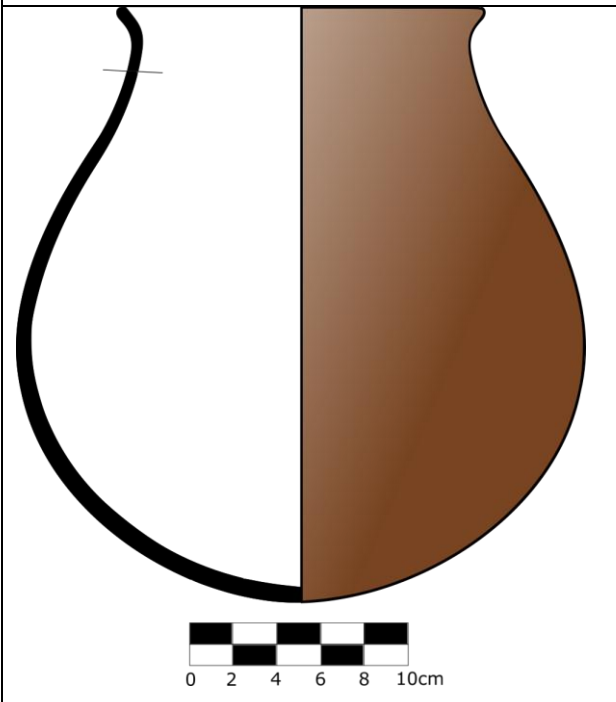
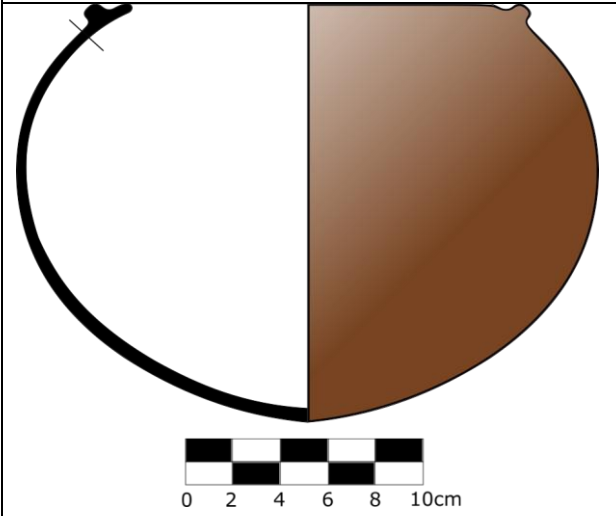
	<p>Peça 67118 – Vol. 1,490 Litros. Diâmetro 18. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta, inclinada vertical, com espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície esfumado na FE, marca de alisamento e ranhuras, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67133 – Vol. 5,312 Litros. Diâmetro 38. Vasilha em forma de calota com contorno inflectido e boca aberta, forma 6. Borda direta ou extrovertida, com inclinação externa, reforçada externamente e lábio arredondado. Vasilha alisada, com marca de alisamento e fuligem na FE, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67136 – Vol. 3,301 Litros. Diâmetro 26. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta, com inclinação vertical a externa, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo marrom (barbotina), marcas de alisamento e antiplástico mineral.</p>

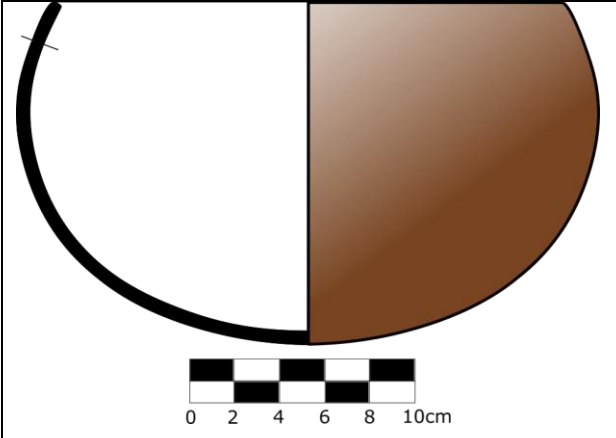
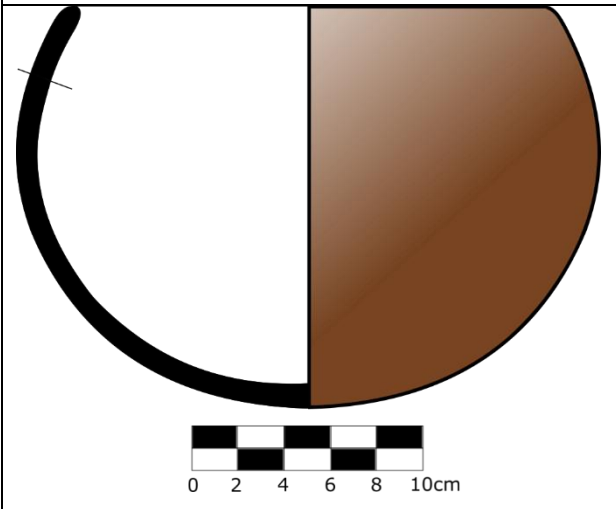
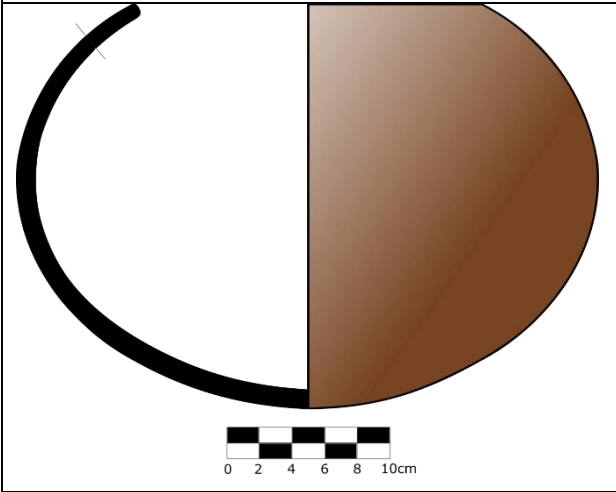
	<p>Peça 67143 – Vol. 2,054 Litros. Diâmetro 20. Vasilha semiesférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 4. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície engobo amarelo (lembrando esmalte), antiplástico mineral e carvão, decoração pintada vermelha na parede da FE.</p>
	<p>Peça 67167 – Vol. 22,648 Litros. Diâmetro 26. Vasilha esférica com pescoço, contorno infletido e boca constrita, forma 8. Borda extrovertida, com inclinação externa, lábio arredondado. Tratamento de superfície esfumado na FE, possui marca de alisamento, cor cinza, antiplástico mineral. O fragmento apresenta um desgaste (raspagem) na FI entre a borda e o lábia que aparentemente parece intencional, assim não foi possível diagnosticar a espessura da borda.</p>
	<p>Peça 67182 – Vol. 3,237 Litros. Diâmetro 24. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio apontado. Tratamento de superfície de engobo vermelho, com marca de alisamento e antiplástico mineral.</p>

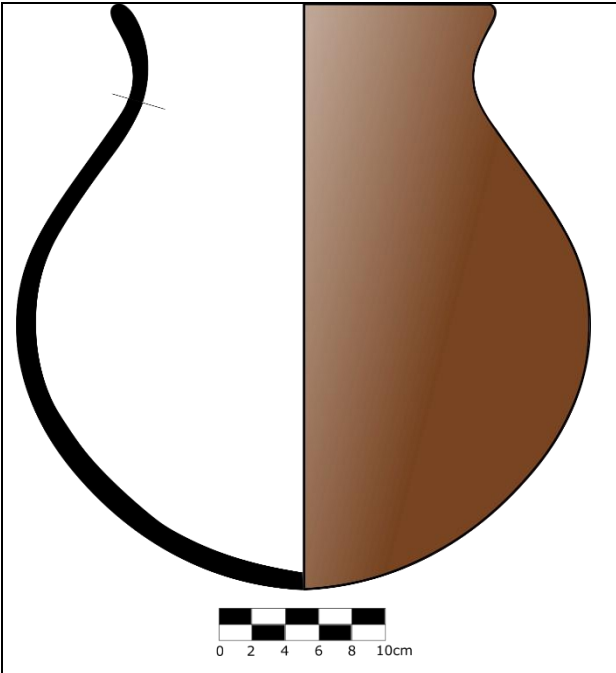
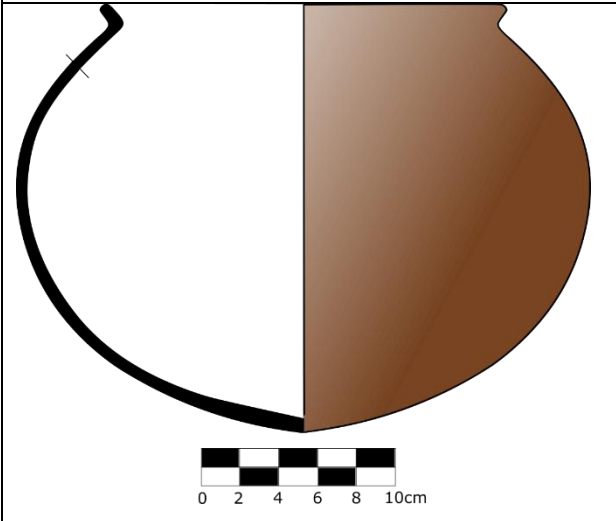
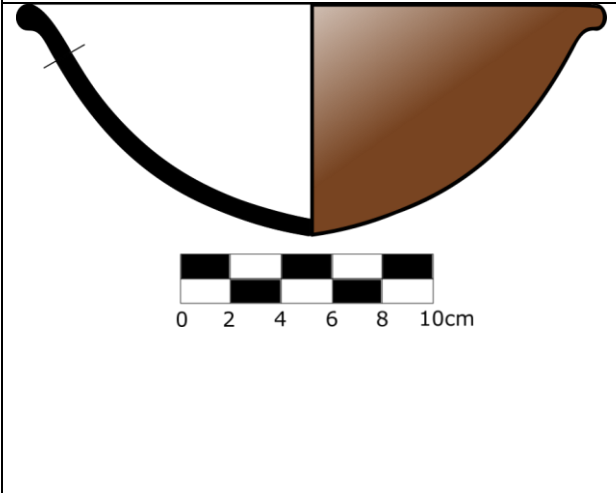
	<p>Peça 67182 – 2. Vol. 4,158 Litros. Diâmetro 10. Vasilha esférica com pescoço, contorno infletido e boca constrita, forma 8. Borda, com inclinação vertical, espessura normal e lábio plano. Tratamento de superfície de brunidura na FE, marca de alisamento, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67184 – Vol. 0,922 Litros. Diâmetro 20. Vasilha em forma de calota, com contorno infletido e boca aberta, forma 6. Borda direta ou extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com marca de alisamento. Cor marrom e antiplástico mineral.</p>

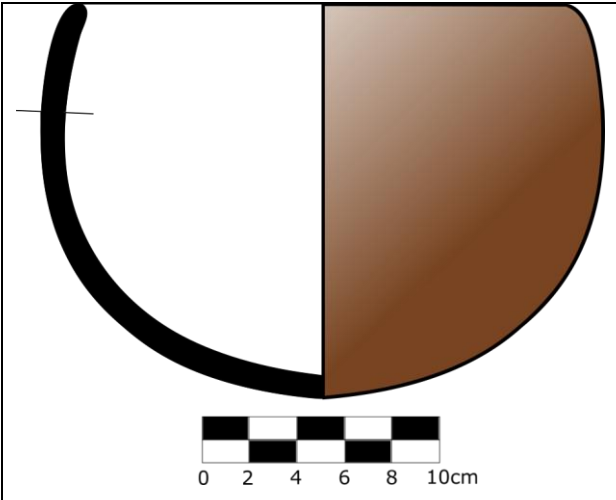
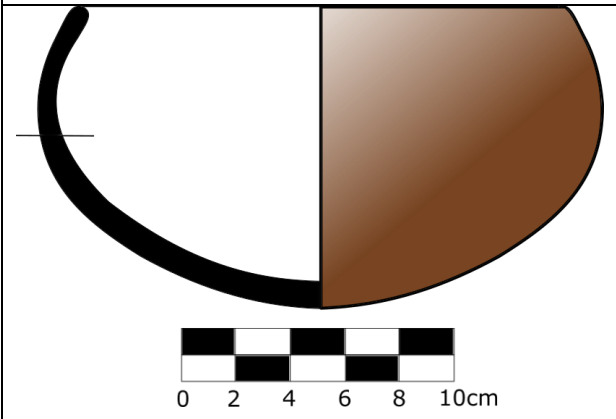
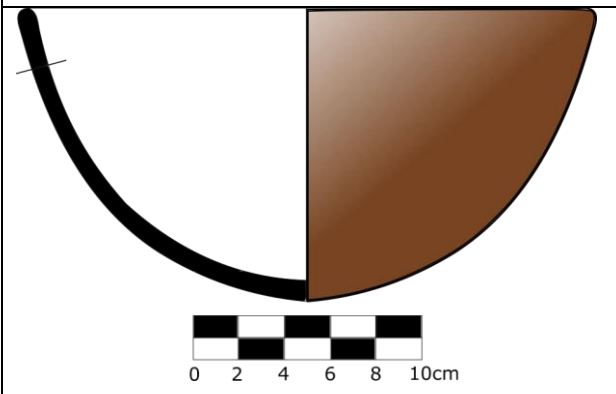
	<p>Peça 67453 – Vol. 5,154 litros. Diâmetro 16. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca constrita, forma 2. Borda extrovertida com ponto angular, inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície engobo vermelho, antiplástico mineral e decoração plástica unglado no lábio.</p>
	<p>Peça 67466 – Vol. 1,555 Litros. Diâmetro 19. Vasilha semiesférica com contorno infletido e boca aberta, forma 4. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio biselado. Vasilha alisada, cor ocre e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67471 – Vol. 14,493 Litros. Diâmetro 35. Vasilha esférica com contorno infletido e boca aberta, forma 2. Borda direta com flange, inclinada vertical, espessura normal, e lábio plano. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF, antiplástico mineral e decoração plástica unglada no lábio.</p>

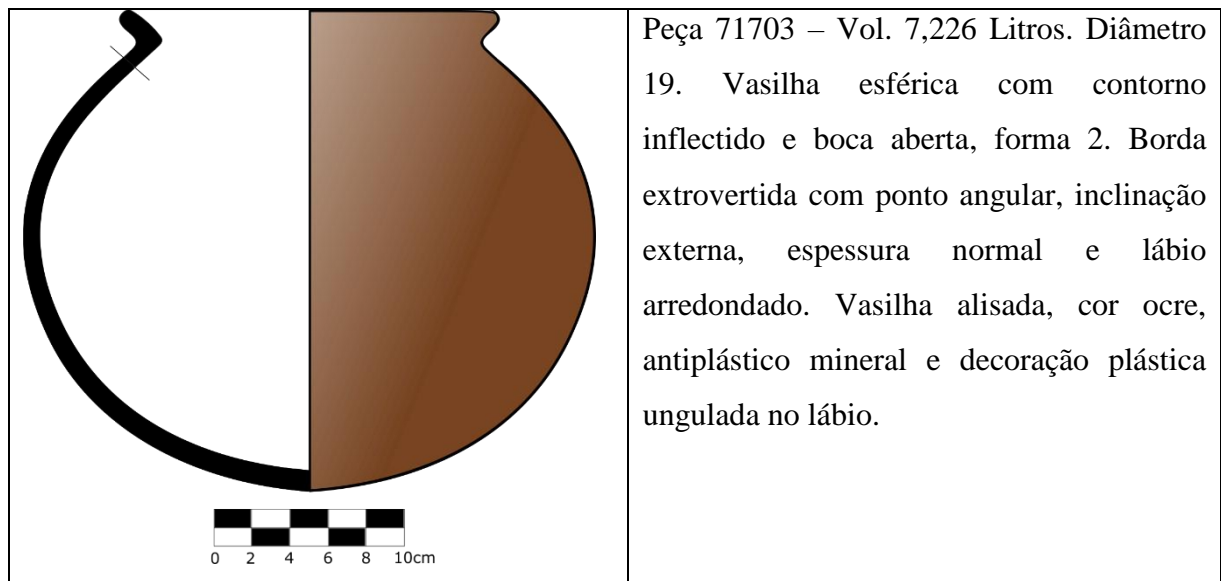
	<p>Peça 67474 – Vol. 19,801 Litros. Diâmetro 34. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com marca de alisamento, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67475 – Vol. 6,836 Litros. Diâmetro 28. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 3. Borda introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67495 – Vol. 1,872 Litros. Diâmetro 26. Vasilha em forma de calota com contorno infletido e boca aberta, forma 6. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com marca de alisamento, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67496 – Vol. 1,650 Litros. Diâmetro 26. Vasilha em forma de calota com contorno infletido e boca aberta, forma 6. Borda direta, com inclinação externa, espessura normal e lábio apontado. Vasilha alisada, com marca de alisamento, cor marrom e antiplástico mineral.</p>

	<p>Peça 67500 – Vol. 21,529 Litros. Diâmetro 17. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, levemente extrovertida no lábio, inclinação levemente interna, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície engobo vermelho em AF, antiplástico mineral e decoração plástica entalhada no lábio.</p>
	<p>Peça 67601 – Vol. 7,273 Litros. Diâmetro 17. Vasilha esférica (levemente com pescoço) contorno infletido boca constrita, fora 8. Borda extrovertida, com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67959 – Vol. 4,675 Litros. Diâmetro 15. Vasilha esférica com flange, contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda introvertida com flange, inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor preta, antiplástico mineral e decoração plástica entalhado na flange.</p>

	<p>Peça 67968 – Vol. 4,459 Litros. Diâmetro 22. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta, com inclinação interna, espessura normal e lábio plano. Vasilha alisada, cor preta, antiplástico mineral e decoração plástica entalhada no lábio.</p>
	<p>Peça 71820 – Vol. 4,507 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Borda direta com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada com marca de alisamento, cor marrom e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 67617 – Vol. 13,233 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com contorno simples e boca constrita, forma 1. Direta ou introvertida, com inclinação interna, espessura normal e lábio plano. Vasilha alisada, com marca de alisamento, cor marrom, antiplástico mineral e decoração plástica entalhada no lábio.</p>
<p style="text-align: center;">Superfície</p>	

	<p>Peça 67110 – Vol. 11,358 Litros. Diâmetro 22. Vasilha esférica com pescoço, contorno inflectido e boca constrita, forma 8. Borda extrovertida com ondulação, inclinação externa, espessura expandida e lábio arredondado. Vasilha alisada, cor vermelha, fuligem na FE e antiplástico mineral. Vasilha confeccionada com torno.</p>
	<p>Peça 67169 – Vol. 7,066 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno infletido e boca constrita, forma 2. Borda extrovertida com ponta angular, inclinada externamente, espessura normal e lábio plano. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF, fuligem na FE, antiplástico mineral e decoração plástica ungulado no lábio.</p>
	<p>Peça 71630 – Vol. 1,622 Litros. Diâmetro 22. Vasilha semiesférica com contorno inflectido com boca aberta, forma 4. Borda extrovertida com inclinação externa, reforçada externamente e lábio plano. Tratamento de superfície esmalte, com marca de alisamento de torno, antiplástico mineral. Possivelmente um prato de louça colonial.</p>

	<p>Peça 71634 – Vol. 3,766 Litros. Diâmetro 20. Vasilha esférica com contorno inflectido e boca aberta, forma 1. Borda direta, com inclinação vertical, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 71636 – Vol. 1,764 Litros. Diâmetro 17. Vasilha semiesférica com contorno simples e boca constricta, forma 3. Borda introvertida com inclinação interna, espessura normal e lábio arredondado. Vasilha alisada, com marca de alisamento, cor preta e antiplástico mineral.</p>
	<p>Peça 71678 – Vol. 2,821 Litros. Diâmetro 24. Vasilha semiesférica com contorno inflectido com boca aberta, forma 4. Borda direta com inclinação externa, espessura normal e lábio arredondado. Tratamento de superfície de engobo vermelho em AF e antiplástico mineral.</p>



ANEXO B - Tabela 12. Decoração plástica e pintada.

Tabela de distribuição da Decoração																
Camada		11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	LZ	SU	Total	
Decoração Plástica	Aplique					1									1	
	Inciso Fino				9	10	13	2	3		4	11		2	54	
	Inciso Largo						2		3						5	
	Ungulado							1	1				2	14	18	
	Digitungulado													4	4	
	Digitado										2				2	
	Entalhado												10		10	
	Escovado	1					2	2	1		8		5	3	22	
	Roletado		2	2	8				1							13
	Insiso/Escovado		2		4											6
	Carimbado											1	3			4
	Total:	1	4	2	21	11	17	5	9		15	14	17	23	139	
Camada		11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	LZ	SU	Total	
Pintada	Vermelho						1					1	1		3	
	Branco											1	1	8	10	

	Preto						1	1							2
	Marrom							1							1
	Vermelho e branco											1			1
	Vermelho e preto										2				2
	Branco e preto												1		1
	Total:						2	2			2	3	3	8	20
Camada		11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	LZ	SU	Total
Motivo Pintado/Inciso	Horizontal		2	2	11	1									16
	Vertical longa		2					1			3				6
	Transversal						1				1				2
	Trançada							1	1					2	4
	Complexa		4	2	11	1	1	2	1		4			2	28
	Total:		8	4	22	2	2	4	2		8			4	56

ANEXO C - Tabela 13. Tratamento de superfície em ambas as faces

		Camada													Total
		11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	LPZ	SUP	
T. de Superfície FI	Engobo vermelho	1			9		5	12	5		20	15	23	152	242
	engobo Branco	7			4	3		2	9		2	1	3		31
	Engobo marrom (barbotina)												4		4
	Esfumarado (resina)			1							4	2			7
	Brunidura								9	1			2	2	14
	Engobo amarelo														
	Total:	8		1	13	3	5	14	23	1	26	18	32	154	298
sup	Engobo vermelho				1		8	16	6		18	21	32	184	286

engobo Branco	1													1
Engobo marrom (barbotina)	2			3	2	1	2	19		5	2	4	3	43
Esfumarado (resina)							1	4		1		14	1	21
Brunidura										4	6	5	8	23
Engobo amarelo								4				2	1	7
Total:	3			4	2	9	19	33		28	29	57	197	381

ANEXO D - Volumetria dos vasilhames

Peça nº:			
Altura	s1	s2	volume
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0
			0

Instruções:

1. Dividir o vasilhame em faixas para tomar a medida dos raios (em centímetros).
2. Inserir as medidas dos raios na tabela, do raio superior (S1) para o inferior (S2).
3. Na última linha colocar:
 - 3.1. em S1: a última medida a partir da linha vertical até a parede do vaso (raio)
 - 3.2. na altura: a última medida da linha vertical (que deve ser menor que o intervalo que foi estipulado para as faixas anteriores).
 - 3.3. em S2: colocar 0 (zero)
4. Volume é dado em litros

ANEXO E – Gráfico com estado de conservação

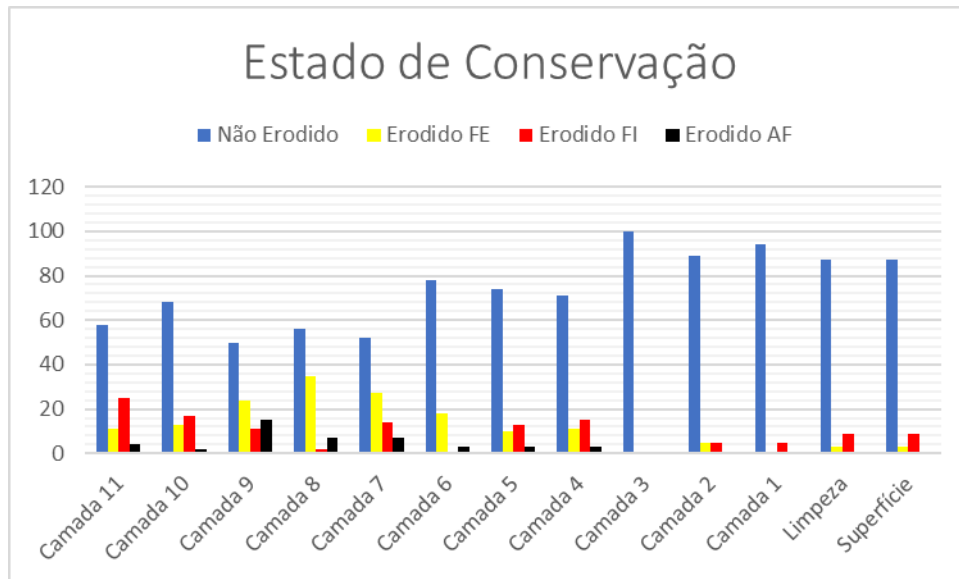


Figura 37. Gráfico de estado de conservação por camadas.

ANEXO F – Gráfico da espessura das bordas

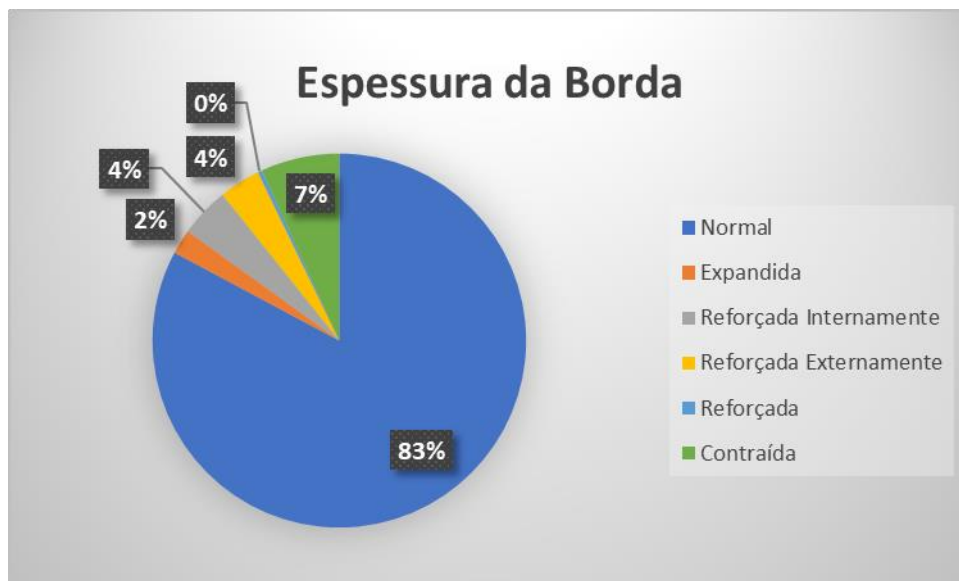


Figura 38. Espessura das bordas

ANEXO G – Gráfico dos lábios das vasilhas

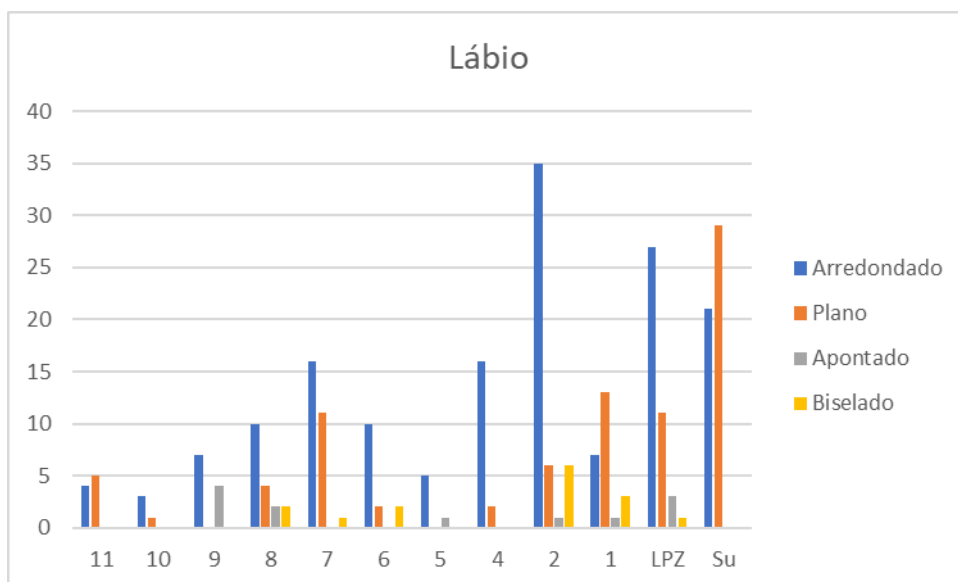


Figura 39. Gráfico de representação da dispersão e tipo de lábio.

ANEXO H - Levantamento planialtimétrico do sítio Cipó – AL. Fonte: MAX.

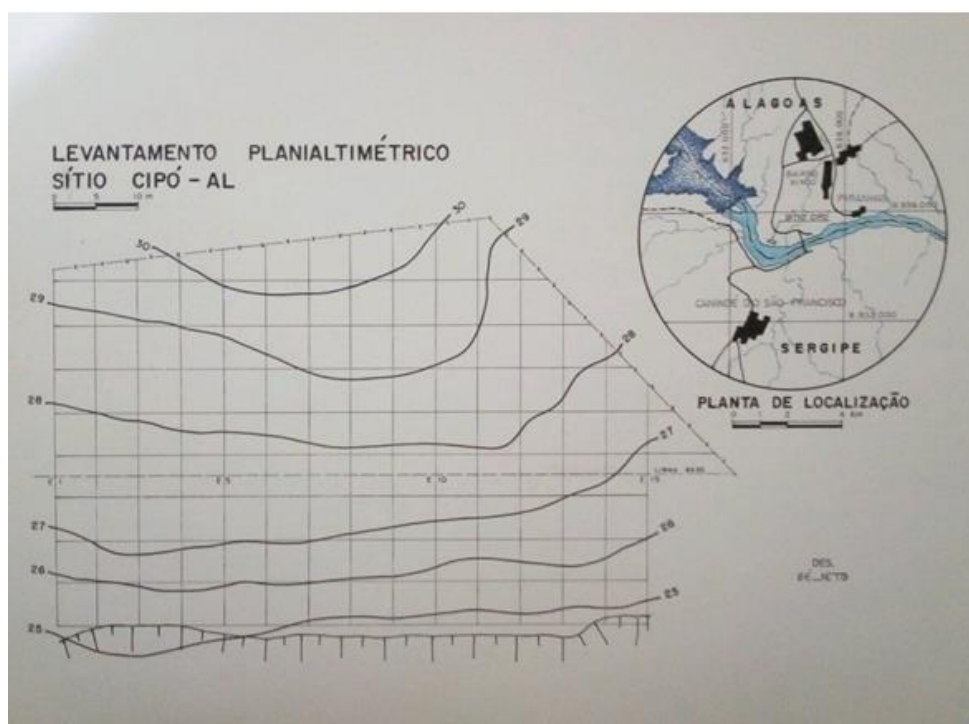


Figura 40. Levantamento planialtimétrico do sítio Cipó – AL. Fonte: MAX.

ANEXO I - Perfil topográfico do sítio Cipó. Fonte: Acervo do MAX.

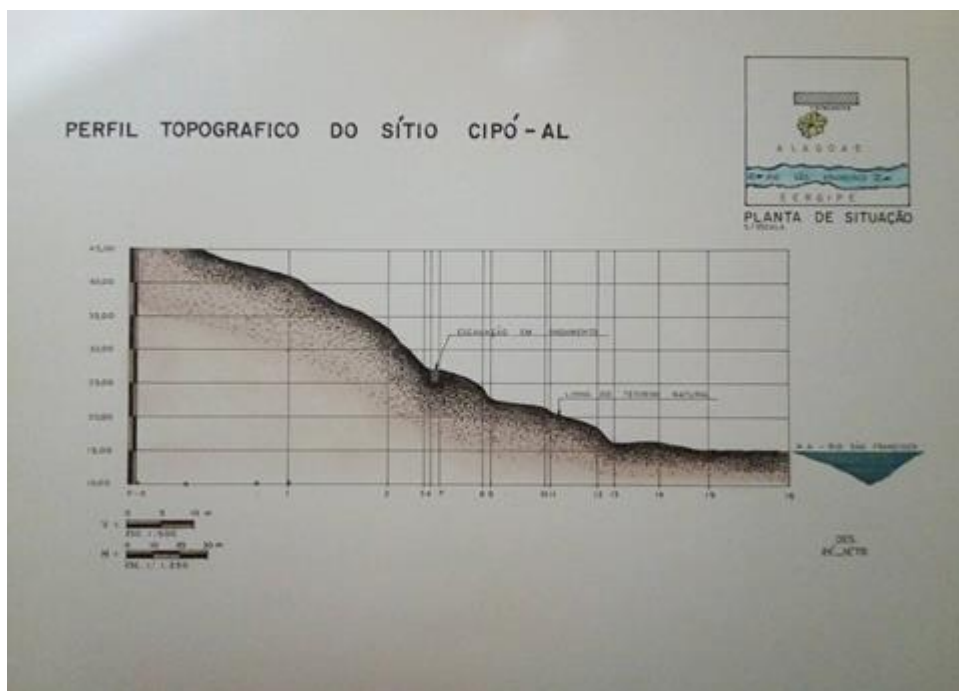


Figura 41. Perfil topográfico do sítio Cipó. Fonte: Acervo do MAX.

ANEXO J - Plotagem de material da camada 03. Fonte: Acervo do MAX.

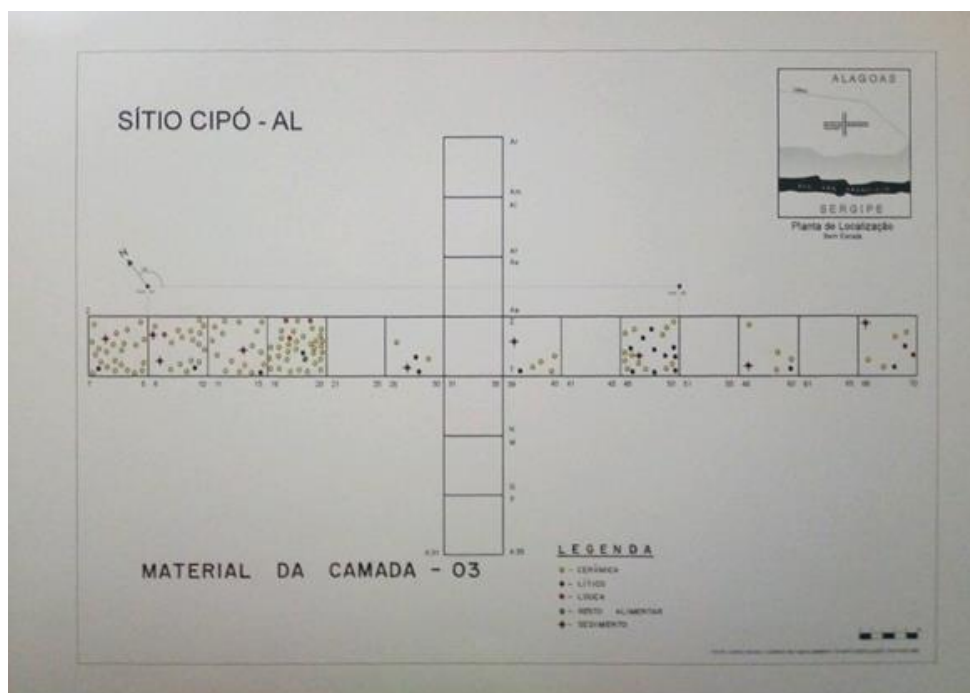


Figura 42. Plotagem de material da camada 03. Fonte: Acervo do MAX.

ANEXO K - Croqui da fogueira 01. Fonte: acervo do MAX.

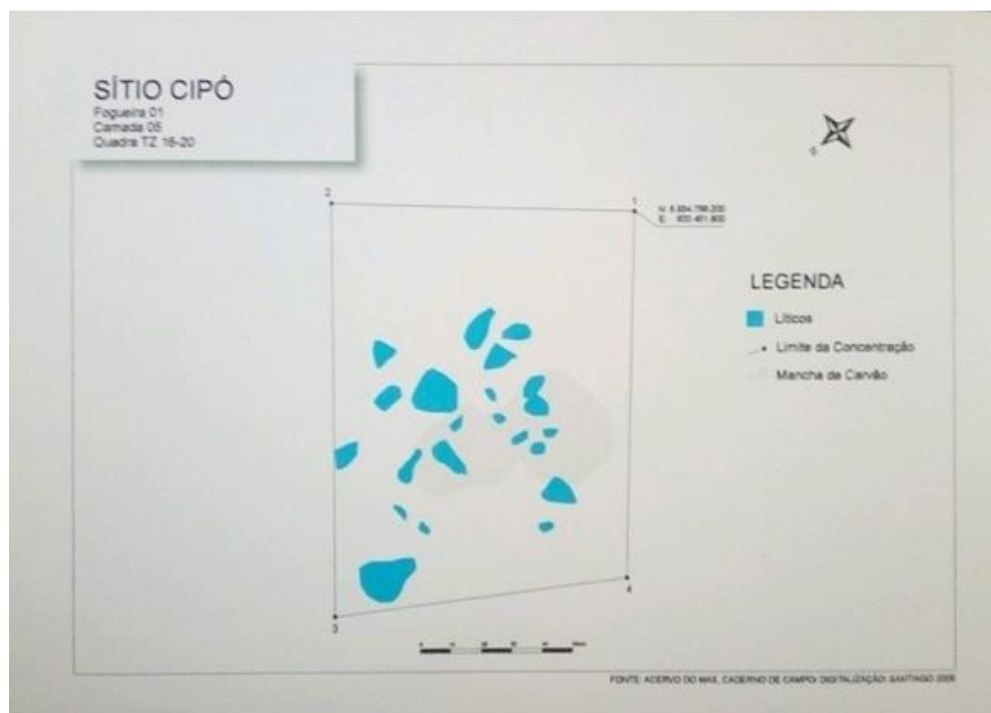


Figura 43. Croqui da fogueira 01. Fonte: acervo do MAX.

ANEXO L - Croqui da fogueira 02. Fonte: acervo do MAX.

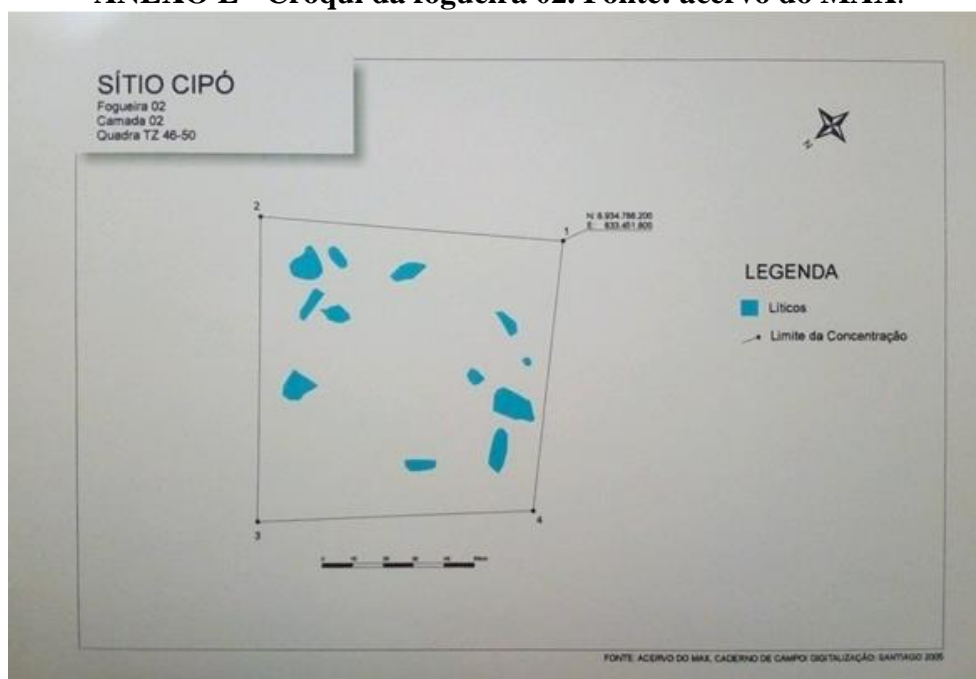


Figura 44. Croqui da fogueira 02. Fonte: acervo do MAX.

ANEXO M - Croqui da fogueira 03. Fonte: acervo do MAX.



Figura 45. Croqui da fogueira 03. Fonte: acervo do MAX.

ANEXO N - Croqui da fogueira 04. Fonte: Acervo do MAX.



Figura 46. Croqui da fogueira 04. Fonte: Acervo do MAX.

